

11

ANO X
NUM.12

MECENAS ARTIFICI



SS-28079

20

Sergipe

|||||

Artífice

|||||

ANO X NUM. 12

ARACAJÓ, SETEMBRO DE 1943

Problema de Educação ligado à Economia Nacional

As diretrizes seguidas em regiões de acentuado índice de cultura influíram na feição nova impressa ao ensino industrial, no país.

O critério seletivo dos candidatos a matrícula nos educandários federais, por meio de provas psicótécnicas, de aptidões mentaes, e estágios de experiência, à maneira de rodízio, em diversos cursos, ao lado da aprendizagem racional incluída nos programas das disciplinas de cultura técnica;

as bases de organização e de regime da instrução profissional, elevada ao grau secundário, para a preparação qualificada dos trabalhadores das indústrias, proporcionando-lhes orientação adequada à sua vocação e capacidade. (Lei Orgânica do Ensino Industrial);

as realizações do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, de S. Paulo, que teve a prioridade de recrutar, com técnica, os ferroviários, utilizando racionalmente o fator humano nos serviços de transporte;

a criação do SENAI (Serviço



Esta hora trágica, de graves apreensões e de responsabilidades definidas, veio acentuar o equilíbrio administrativo do grande Presidente Vargas.

A alma nacional vibra entusiasticamente com os sentimentos do eminente Chefe da Nação, por que eles integram tôdas as aspirações e objetivos de um povo nobre:

Trabalho!

Instrução!

Honestidade!

Respeito aos bens alheios!

Guarda e defesa do Patrimônio Nacional!

«Sergipe - Artífice» é a voz do Trabalho, cantando a «marcha triunfal» das suas realizações e conquistas! E a de mais ampla repercussão pela variedade de «instrumentos» que formam um conjunto melodioso de timbres distintos e harmônicos, chegando ao máximo de vibrações para ecoar mais alto e durando por tempo indefinido, é a «Lei Orgânica do Ensino Industrial», que o engenho criador do Presidente Vargas, em comunhão de idéias com o Ministro Capanema, compôs para ser executada nas Escolas Industriais.

E a Escola Industrial de Aracaju, saberá observar o ritmo e a harmonia para que, num «alegreto» contínuo, não haja dissonância em concerto com as suas congêneres.

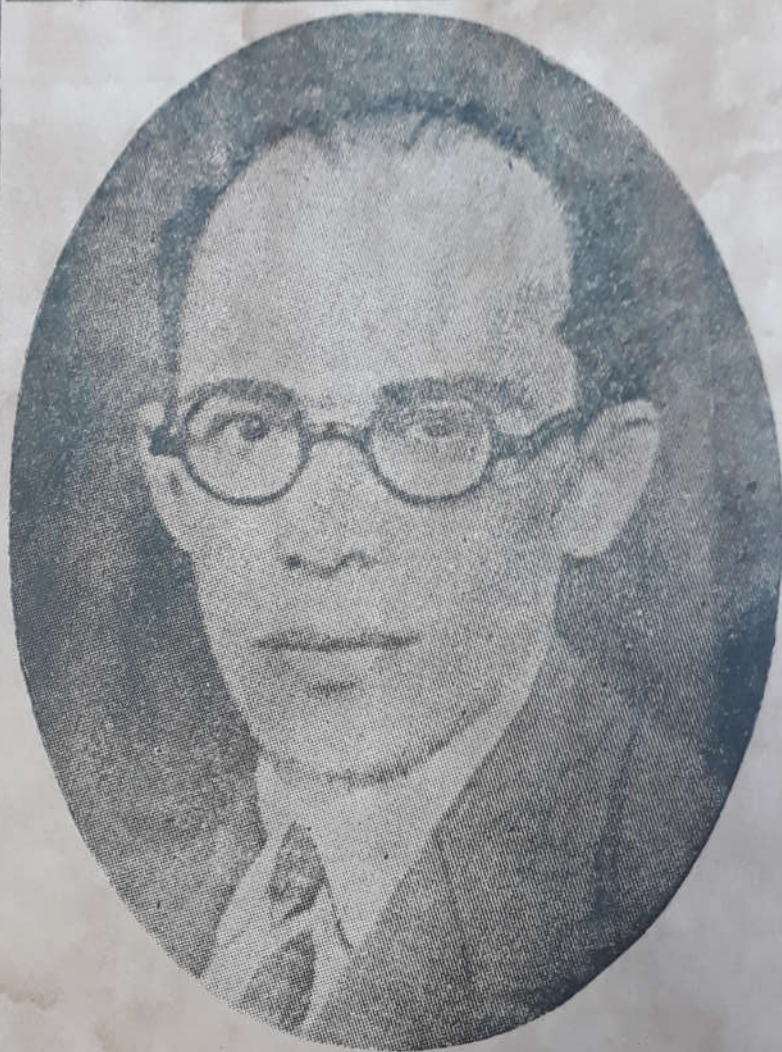
SERGIPE ARTÍFICE

Nacional de Aprendizagem dos Industriários), órgão dirigido pela Confederação Nacional da Indústria, encarregado de instalar e administrar escolas de aprendizagem para os industriários — atestam o desenvolvimento pedagógico alcançado nêsse setor de ensino.

Possúe, o país, o maior parque industrial da América do Sul, e, conseqüentemente, entregue à atividade fabril, uma população operária que ascende a um milhão de trabalhadores. Para fazer face à concorrência universal, precisa acompanhar as iniciativas das nações mais avançadas. Assim, no sentido de baratear a produção, torna-la eficiente, e prover a massa proletária com padrão de vencimento mais remunerador, condizente com as necessidades de subsistência própria, ensaia a racionalização do trabalho nas fábricas.

O fenômeno operado nas empresas de estradas de ferro é frisanste: absorvendo, elas, em salários, mais de 50 % das dotações orçamentárias, à conta de despesas com pessoal, — responsáveis pelo transporte regular, rápido, seguro e econômico — tendem a libertar-se do regime deficitário, pela formação sistematizada de ferroviários especializados.

Reflexionando sobre o panorama da conflagração mundial, em sua monstruosa manifestação de sofrimento e danos, constata-se que a máquina e a técnica dominam os campos de batalha, para a vitória aneçada e definitiva. Também, quando sobrevier a paz, a hegemonia econômica de uma nação se firmará, vencendo a competição estrangeira, pela intensificação da produção nas indústrias. E, tal providência está inevitavelmente condicionada ao aproveitamento de pessoal qualificado, que se forma pela adaptação metódica aos cursos,



MINISTRO GUSTAVO CAPANEMA

Estampando em todos os seus números, o clichê de dr. Gustavo Capanema, o «Sergipe Artífice» deseja, apenas, reafirmar que a Escola Industrial de Aracaju tem presente, em tôdas as suas manifestações de vida, os empreendimentos e realizações do ilustre titular da Pasta de Educação e Saúde, especialmente no tocante às escolas profissionais.

em observância a estudos básicos de psicologia ou investigações científicas, e se seleciona pelas aptidões funcionaes convenientemente orientadas.

Clodoaldo Passos

S. Ex., com largo discurrão, vem abrindo amplos horizontes, apresentando novas perspectivas, dando maior relevo às condições do ensino no Brasil, por meio de criações e reformas que elevam o nível educacional e favorecem as vocações.

A «Lei Orgânica do Ensino Industrial» é a mais alta expressão de zelo incansável, de fina compreensão do valor técnico que a perspicácia e o civismo poderiam sugerir.

Rendendo, pois, ao Exmo. Sr. Ministro Capanema a homenagem de nossa respeitosa admiração, cumprimos um dever de profundo reconhecimento.

Dr. Francisco

Dr. Abgar Renault

Com verdadeiro apêço, nos referimos ao dr. Abignar Renault, operoso Diretor Geral do Departamento de Educação.

Superintendendo tôdas as dependências ligadas a êsse Departamento, S. Ex.^a emprega os seus labores numa contínua atividade de contrôle dêsses importantes ramos da administração pública, com fina percepção e devotado interesse, estando, assim, ápto a suprir tôdas as deficiências com novos rumos adequados à situação de cada meio.

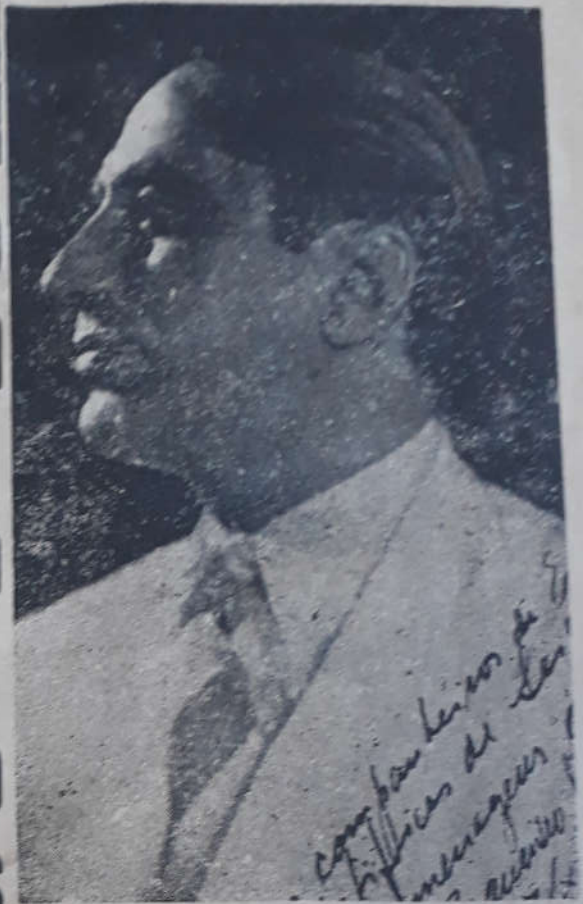
A Escola Industrial de Aracajú pode atestar êste conceito, pelas providências de elevado alcance que, em seu benefício, tem tomado o Exm.^o Sr. Diretor Geral do Departamento de Educação a quem, respeitosamente, cumprimenta.

DR. LAURO FARANI DE FREITAS

Por intermédio do seu periódico, a Escola Industrial de Aracajú reitera os seus agradecimentos ao ilustre Diretor Geral da Leste Brasileiro, Dr. Lauro Farani de Freitas, em prestar-lhe valiosa cooperação na viagem de estudos que empreendeu às oficinas ferroviárias de Aramarí e Alagoinhas, em Junho último.

S. S., numa superior compreensão das vantagens das excursões educativas, não vacilou em atender à solicitação do nosso

M O N T O J O S



Na alta investidura de Diretor de Divisão do Ensino Industrial, o dr. Francisco Montojos vem revelando dotes de administrador operoso e inteligente.

Desdobrando-se para atender às múltiplas atividades do cargo, nem por isto deixa de ser obsequioso e solícito, prestando informes, esclarecendo casos, ajuizando do valor de cada um dos seus subordinados.

Estas qualidades que o distinguem na apreciação dos funcionários da Escola Industrial de Aracajú, o fazem credor da grande estima destes seus admiradores e amigos.

Diretor, cedendo as passagens requeridas, em condução especial, para o transporte dos caravaneiros.

Dêste modo, proporcionou-lhes agradável e útil possibilidade de apreciar o avanço das condições profissionais em nossa terra, dando-lhes, ao mesmo tempo, o feliz ensejo de aquilatar o esforço e o tino administrativo do Chefe geral de nossa rede

ferroviária, constatados na ordem e no desenvolvimento dos serviços ali proficientemente executados e no apêço em que é tido pelos seus dirigidos.

1934

SÉDE UM SOLDADO NA BATALHA DA SIDERURGIA NACIONAL.

Dr. Carlos Drumond de Andrade

Aprax-nos registrar, em nossas columnas, a solicitude que a nossa Escola, por intermédio de seu diretor, tem encontrado na pessoa do dr. Carlos Drumond de Andrade, oficial de Gabinete do Sr. Ministro da Educação e Saúde.

dirigem. S Ex, faz valer o seu prestígio com a prontidão e boa vontade ao encaminhar as eolicitações e documentos.

Reconhecidos, cumprimentamos, respeitosamente, o ilustre colaborador do Exm. Sr. Ministro Gustavo Capanema.

Quadro demonstrativo dos Servidores lotados na Escola Industrial de Aracajú

NOME	CARGO	Classe	Referência
Pessoal Administrativo:			
Clodoaldo Vieira Passos	Diretor	L	
Francisco Augusto de Figueirêdo	Escrivurário	G	
Alvaro Azevêdo Santana	Médico		XII
Mário Maciel Andrade	Dentista		XII
Teódulo Pradel de Almeida	Almoxarife	E	
Arlinda Figueirêdo de Carvalho	Aux. Escritório		VIII
Pessoal Docente:			
Leida Regis	Professor	G	
Artur Santana	«	G	
Jesuino Freire de Oliveira	«	G	
João Nepomuceno de Menezes	«	G	
Manuel Messias dos Santos	«	G	
Agenor Carvalho	«	G	
José Heribaldo Teles de Menezes	«	G	
Acrísio dos Reis	« — auxiliar		VIII
Alaíde Batista Costa	«		VIII
Alberto Manuel da Silva	«		VIII
Araceli Andrade Melo	«		VIII
Eleonôra Mota Lima de Faria	«		VIII
Francisco Assis Viana	«		VIII
Humberto da Silva Moura	«		VIII
José de Andrade	«		VIII
Josino Pinheiro de Carvalho	«		VIII
Manuel Cordeiro da Silva	«		VIII
Marçal de Oliveira	«		VIII
Maria de Aguiar Barreto	«		VIII
Nivalda Fontes da Silva	«		VIII
Noemia Madureira Dantas	«		VIII
Serventes:			
Oscar dos Santos		B	
João Batista dos Santos		B	
José Xavier dos Santos	Diarista		

Escola Industrial de Aracajú

Apezar da arrojada iniciativa do eminente patricio, Dr. Nilo Peçanha, criando as antigas Escolas de Aprendizes Artífices, hoje Industriais e Técnicas, disseminadas por todo país, a falta

interesse coletivo, cuidava-se primariamente de dilatar a órbita personalística, isto é, favorecer a órgãos de partidos.

Felizmente, chegou o tempo das úteis inovações. O feudalismo

acentuado carinho dispensado ao ensino profissional, no Brasil, sob os auspícios do Ex^{mo} Sr. Ministro Capanema, e a experiência do esforçado Diretor da Divisão de Ensino Industrial, Dr. Francisco Montojos, a nossa pátria em breves dias conseguirá no domínio industrial, completa emancipação econômica.

Com efeito, os educandários de ensino industrial reaparelham-se com materiais apropriados e

A nossa objetiva surpreendeu o sr. Diretor desta Escola, dr. Clodoaldo Vieira Passos, no momento em que empregava suas atividades no serviço do estabelecimento que dirige.

Foi este o modo espontâneo e significativo de externar-lhe a nossa gratidão ao incessante interesse que vem demonstrando pela causa do ensino industrial, em Sergipe.

Em suas repetidas viagens ao Rio de Janeiro, em gozo de férias regulamentares, tem empregado o tempo reservado ao repouso do constante labor num dedicado esforço e profícuo trabalho, para dotar a nossa Escola dos meios indispensáveis ao seu modelar funcionamento: melhoria das instalações do prédio, aumento de suas dependências, lotação de pessoal, acréscimo de verbas, etc.

E nós que desejamos, com particular desvelo, o progresso da nossa Escola para bem servir à coletividade, batemos palmas às boas iniciativas, aplaudindo, assim, os empreendimentos que o sr. Diretor, com zelo e de melhor vontade, vai alcançando para colocar a Escola Industrial de Aracajú no plano que compete à organização deste gênero.



de professores selecionados no domínio da cultura técnica, limitou a aprendizagem a programas sem os resultados objetivos necessários ao aproveitamento dos alunos, no decurso dos anos de prática dos ofícios ou profissões. Assim, decorrido tanto tempo, não se conseguira imprimir ao ensino, no País, uma acentuada fundamentação técnica.

Era em parte, o velho regime responsável por esses desajustamentos, dado seu caracter exclusivista e teórico. Não se encarava o

mo sossobrou no oceano de sua própria filosofia. O primeiro passo foi em 30, mas o de 10 de Novembro de 1937 condensou num sistema legal de coesão orgânico-social, esses elementos desagregados, espalhados pela vastidão pátria. Hoje tudo é metodisado, expressivo, tudo é progresso, enfim. Há uma lógica influenciada pela mentalidade sábia do grande legislador, o Presidente Getúlio Vargas, inspirada no próprio panorama nacional.

Com a novel organização,

programas eficientes, para que, no período de 43, tudo esteja em ordem para a grande ascensão.

O nosso prestimoso Diretor, Dr. Clodoaldo Vieira Passos, não tem encarado sacrifício para ampliar a esfera de ação didática da Escola Industrial de Aracajú, afim de que ela desfrute renome e conceito, instruindo técnica e cientificamente a futura mocidade.

Em Agosto do ano passado, fez êle estágio, autorizado pela Divisão de Ensino Industrial, na

SERGIPE ARTIFICE

terra bandeirante, no Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, "órgão técnico orientador e coordenador de todos os empreendimentos destinados à seleção e ao preparo do pessoal ferroviário", obra do renomado professor Roberto Mange. Teve ali ensejo de observar os grandes artifícios de uma organização profissional bem dirigida.

Vencendo a rotina, introduziu um novo método de aprendizagem à nossa escola, de caráter inteiramente racional, baseado nos princípios da pedagogia moderna.

A marcha dos alunos de 1ª série nos estágios dos cursos das profissões afins, é velada com o máximo cuidado. Para tirar-se acertadas conclusões psicotécnicas e dar-lhes os destinos convenientes às suas vocações, o professor luta contra o fator egoísmo sustentado por alguns pais que preferem profissões lucrativas, julgadas muitas vezes inadequada à formação orgânica dos jovens aprendizes.

O aluno não é mais um leigo de seu ofício; estuda com cuidado o desenho da obra, à altura de sua capacidade psíquica executando depois com alma o seu trabalho.

Um outro comprovante da dedicação do Diretor em, nosso educandário, é o melhoramento das suas condições materiais, como sejam:

Organização de fichários de matrícula de alunos, almoxarifado, da biblioteca e do centro de saúde da Escola; reinstalação do curso de Tipografia e Encadernação; aparelhamento do Curso de Mecânica de Máquinas, com a compra de tornos macânicos; instalação dos gabinetes de Física e Química; instalação dos gabinetes Médico e Dentário; aquisição de aparelho Cinematográfico sonoro, com acessórios, pic-up e micro-

P E R F I L

No domínio da educação, difícil é sempre achar valores que, dotados de sã cultura, se filiem à corrente dos que adotam a pedagogia moderna. Este é um dos grandes problemas nacionais.

O pedagogo, a cada momento, é surpreendido, na classe de aula, com tipos originais, sendo preciso vários estimulantes para que esses alunos assimilem a matéria didática. Para isso, a psicologia experimental é preponderante.

É um psicólogo não se improvisa; é necessário possua conhecimento científico e técnico da natureza humana.

Aqui nestas sucintas palavras, refiro-me a professora Leida Regis. Ela, tipo fransino, de olhar altivo e penetrante, possui qualidades de uma rara educadora: faz dilatar as atividades psico-sensoriais dos alunos, abandonando as fantasias pelas realizações concretas. Tem uma técnica, especial, provocadora de citações próprias e fundamentais, de prática educativa, limitando, outrossim, o campo da "auto-educação", a deixar que o jovem desenvolva sua faculdade psíquica, sem, todavia, o deixar cair em fadiga precoce.

A professora Leida emquadra-se na classe dos bons educadores; seu método de ensinar, é claro e espontâneo, atrai os alunos naturalmente ao interesse objetivo da lição.

É simples, modesta, e improvisa bem, com magia e originalidade admiráveis...

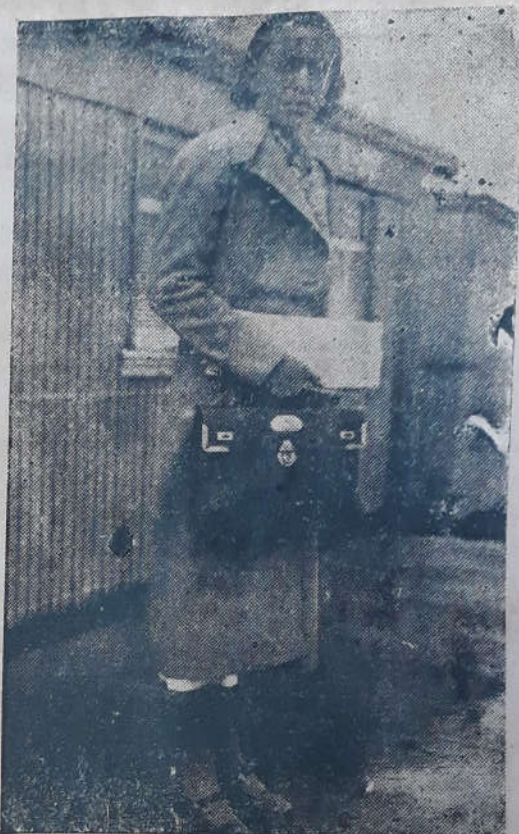
HUMBERTO MOURA.

fone e conseqüente registro no Departamento Nacional de Educação, para a obtenção de filmes educativos permutáveis; aparelhamento da biblioteca com aquisição de livros de cultura técnica; relógio elétrico, com aparelho de sinalização automática rede interna de telefones automáticos; relógio-ponto elétrico, construção do pavilhão sanitário e reforma no prédio da Escola, com o acréscimo de três salões de aulas, inclusive um arquivo, no pavimento

superior; fardamento para os escolares, cujo modelo foi escolhido dentro dos educandários mais renomados da Capital da República.

Assim vive a Escola Industrial de Aracajú num afã de objetivar ideias, de torná-las realidade, beneficiada, dentro da sua limitada dotação orçamentária, com um acervo de úteis melhoramentos que lhe proporcionam a capacidade administrativa do atual diretor.

Humberto da Silva Moura.



Reunião dos diretores das escolas industriais e técnicas na Capital da República

Teve ampla divulgação, no País, a convocação dos diretores das escolas industriais e escolas técnicas da União, feita pelo ministro Gustavo Capanema, em Janeiro último, com o objetivo de traçar as diretrizes de trabalho para o exercício letivo, em curso, em face da

necessidade de pronta aplicação das disposições da Lei Orgânica do Ensino Industrial.

Sob a presidência do Sr. Ministro da Educação e Saúde, em seu próprio gabinete de trabalho, assistidas pelo ilustre Diretor da Divisão de Ensino Industrial, Dr. Francisco Monto-

jos, realizaram-se, diariamente, as reuniões.

Dentre as teses submetidas a exame, destacaram-se: a que definiu o âmbito de trabalho de cada Escola; a referente ao plano de instalações de emergência para as escolas que deviam ser substituídas; a que es-



tabeleceu o plano diretor de instalações novas para as escolas definitivas, a da constituição do quadro de pessoal necessário aos trabalhos de 1943 e a do projeto de regulamentação comum.

A imprensa carioca abordou fartamente o assunto.

Os diretores das escolas técnicas de Recife, Vitória, e Curitiba foram entrevistados a respeito.

E os resultados colhidos, em vista da nova orientação peda-

gógica dada ao ensino industrial foram satisfatórios.

Em futuro próximo povoaremos o pátria de técnicos para assegurar a nossa hegemonia industrial no continente Sul-Americano.

Da conclusão dos trabalhos resultou o encaminhamento ao Exmo sr. Presidente da República, para sua assinatura, na pasta da Educação, de dois importantes decretos.

O primeiro dizendo respeito à organização da rede das escolas industriais e escolas técnicas da

União; o segundo fixando a ação didática dos mesmos educandários.

Acompanhou-os a bem elaborada exposição de motivos do sr. Ministro Capanema, reproduzida, na íntegra, abaixo: -

“Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1943.

Sr. presidente:

Tenho a honra de apresentar à consideração de V. Ex. um projeto de decreto-lei, dispondo sobre a matéria da organização da rede federal de

Continúa

A Manifestação prestada ao fundador das escolas de Aprendizes



A Exma D. Anita Peçanha, viuva do saudoso homem público, recebe os visitantes no Cemitério S. João Batista

A
R
T
Í
F
I
C
E
S

No momento em que todos os povos livres se congregam num supremo esforço para manter e fazer florescer as tradições dos nossos antepassados, nenhum ato se nos afigura mais justo do que a homenagem que se presta à memória daqueles que passaram a vida trabalhando pelo eng. andecimento moral e material da nossa Pátria.

Merece, por isso, especial registo a manifestação espontânea prestada em Janeiro d'êste ano, na Capital da República, pelos Diretores da Divisão de Ensino Industrial, das Escolas Industriais e Técnicas Federais ao fundador das Escolas de Aprendizes Artífices — Dr. NILO PEÇANHA.

Ao lado dos grandes problemas de ordem técnica e pedagógica que o alto descortínio administrativo do Ministro Gustavo Capanema ventilou em estreita e profícua colaboração com os homens que dirigem, no momento, o Ensino Industrial, do País, não ficou no olvido o dever de gratidão para com aquele que, tão cedo, se revelou o "paladino

intemerato da instrução popular, da elevação do padrão moral do homem brasileiro."

A oração pronunciada pelo ilustre Diretor da Escola de Campos, por ocasião da corôa de flores depositada no túmulo do saudoso homem de Estado, foi bem uma afirmativa de que continua acesa no coração de todos os bons brasileiros a chama de patriotismo que eleva o nosso povo e dignifica a nossa Pátria nos dias incertos que atravessamos.

Vitoriosa, agora, graças ao Governo do nosso preclaro Presidente Getúlio Vargas, a campanha que o patriotismo e a cultura de NILO PEÇANHA encetaram em favor do nosso desenvolvimento técnico, econômico e social, a Escola Industrial de Aracajú, que se fez representar naquela solenidade pelo seu esforçado Diretor, regosija-se por haver levado a sua colaboração a uma manifestação justa e espontânea.

Desenho, ciência e arte

Tôda a ciência, por mais jôvem que nos pareça, tem sempre as suas raizes profundamente mergulhadas na poeira dos séculos vividos pela civilização humana.

Verdade é que o seu afloramento para o patrimônio da cultura universal é marcado com maior precisão pela obra de um investigador genial que coordenando e metodizando os seus princípios fundamentais, não raras vezes, lhe imprime uma denominação.

Esta, como aquela ciência, tôdas enfim, indiferentemente, tem as suas origens em regiões distantes e em distanciados povos, porque, em resumo, a cultura ostentada por êste orgulhoso século científico em que vivemos é apenas uma lenta sedimentação das culturas passadas. A humanidade que hoje se comprime sôbre a superfície do globo terráqueo, a rolar pelo espaço infinito é nada mais, nada menos, que uma síntese das multiformes gerações que já percorreram êste mesmo trajeto, acumulando os bens materiais e espirituais de que somos herdeiros momentâneos. Estamos na idade da educação técnica por exelência, e olhando para tempos idos, podemos ver que a ciência e a arte têm avançado lado a lado.

A história do Egito, da Grécia, da Renascença a par do grande desenvolvimento da Filosofia, patenteia as gloriosas conquistas da Arte.

A primeira grande Escola de Arte surgiu no Egito, como de

Letras e Filosofia, e de lá o conhecimento e a cultura passaram a Grécia e à Itália.

Assim é que temos os célebres Leonardo da Vinci, Dela Torre, Miguel Angelo, Colombo e muitos outros.

O primeiro dêstes deixou um grande número de esbôços que demonstram o valor do Desenho à mão livre, da Arte que trata da representação prática por meio de linhas ou de côres, dos contornos das fórmis que compõe o todo.

JOSÉ DE ANDRADE
Professor de Desenho Técnico

Francisco Augusto Figuerêdo

No dia 6 de junho, completou dez anos no cargo de escriturário desta Escola, o nosso prestimoso amigo Francisco Augusto Figuerêdo.

No 23.º ano de sua vida funcional, não houve, até hoje, selução de continuidade no cumprimento das várias atribuições que lhe têm sido confiadas, dentre elas as de Diretor, da que se tem desempenhado, até por tempo dilatado, na qualidade de substituto do Titular efetivo, com interesse e critério.

Abraçamos o presado com o companheiro de trabalho e desejamos crescente felicidade nos seus esforços em benefício da nossa Escola.

O boi e sua utilidade

Entre os diversos animais de grande utilidade, talvez nenhum mais útil que o «Boi».

Animal trazido para aqui no tempo das explorações, pelo colonizador português Martim Afonso de Souza e desde esta época tem tido grande progresso a sua criação.

Pertence à classe dos vertebrados porque tem esqueleto ósseo. É quadrúpede, paquiderme, doméstico, ruminante e ainda é herbívoro porque se alimenta de hervas.

Do boi nada se perde — tudo tem sua utilidade. É empregado principalmente nas usinas na trção de carros e arados. A carne serve para alimentação. O leite não serve só para nossa alimentação; com êle fazemos também queijo e manteiga. Do sêbo confeccionamos velas e sabão. Empregamos o couro no fabrico de arreios e calçados. Os chifres e os ossos utilizamos na confecção de dados, cabos de facas e canivetes, botões, pentes etc. Aproveitamos os víceras para fazer linguiça e do sangue chouriço. As fezes servem de estrume aos nossos vegetais.

Não devemos maltratar êsse animal! Devemos criá-lo nos grandes pastos, no meio de hervas. Criado assim, ficará gordo e cada vez mais nos será útil.

A carne de boi é saudavel e substancial e é a única da qual até hoje temos podido fazer uso diário.

JOSÉ RAMOS

1ª Série "D"

Cinema Educativo

Araceli Andrade Melo

Não pretendemos apresentar, aqui, o histórico do Cinematógrafo, invento disputado por mais de uma nação e que, num crescendo gigantesco de aperfeiçoamento, é hoje, quando bem utilizado, incomparável instrumento de civilização. Queremos em breves linhas, tratar tão somente do Cinema Educativo.

Corria o ano 1898.

Um jovem médico, o Dr. Doyen, lá na velha Europa, fez reproduzir pelo Cinematógrafo, os seus trabalhos cirúrgicos.

Ao se divulgar o fato, não faltou "a ironia" dos que o cercavam. E à indignação sobre aquela originalidade, respondia simplesmente: "é para meu ensino pessoal e para o de meus discípulos."

Foi a velocidade inicial do aproveitamento do "sugestivo poder da tela," na ciência e na arte de educar.

Em 1910, no Congresso Internacional de Bruxelas, o Cinema Educativo foi objeto de discussão, pois era necessário ir de encontro à onda maléfica de filmes que de recreativos passavam a prejudiciais, tais as influências contrárias à moral, difundidas entre a infância e a mocidade incautas que os acolhiam.

Na América, Edson, observando o insignificante coeficiente de aproveitamento no ensino das Ciências Físicas e Naturais, valeu-se do Cinematógrafo, para a educação do seu neto e o exemplo foi seguido nas escolas norte-americanas.

A grande arma pedagógica se espalhava, chamando a atenção dos responsáveis pela instrução ou melhor educação do povo, vindo a constituir objeto de real interesse, nos planos governamentais de outras nações da Europa.

Acompanhando a marcha da civilização, o Brasil não desdenhou tão eficiente meio e o Cinema Educativo entrou aqui. Foi assim que em 1929, se realizava, na Capital-Federal, a grande "Exposição de Cinematografia Educativa," onde ao lado da propaganda feita por revistas, catálogos, livros e aparelhos cinematográficos, havia a alavanca poderosa das palestras, exaltando o valor do cinema aplicado ao ensino,

A valorização do ensino industrial

De todas as atividades da eficientíssima administração do grande Presidente Getúlio Vargas, uma das que vêm sendo cuidada com especial carinho é a difusão do Ensino Industrial no País.

Urgentíssima se torna a necessidade de espalhar o Ensino Industrial, não só pela deficiência de Técnicos como também porque está verificado que a grandeza de uma Nação está firmada na cultura Técnica de seus filhos.

Temos contemplado nestes últimos dias que o poderio das Nações fortes tem surpreendido o mundo, procurando descobrir qual o motivo somos forçados a nos convencer que esta consiste neste poderoso segredo: TÉCNICA. E porque não tornar o nos-

seguidas de "projeções e experiências com aparelhos De Vry."

Estava dado o primeiro passo em nossa Terra e a continuação se fez sentir. Em nossos dias, são muitas as escolas brasileiras, onde o Cinema Educativo é o grande auxiliar dos professores na distribuição das diversas disciplinas e entre elas figura a Escola Industrial de Aracajú.

"Munida de um bom aparelho de projeções, vem proporcionando aos seus alunos um meio fácil e agradável de fixar na memória conhecimentos úteis que, de outro modo, mais dificilmente seriam assimilados.

Essa aquisição admirável muito irá contribuir para dar aos nossos futuros técnicos um desenvolvimento mais acentuado, aumentando a eficiência dos seus trabalhos e por isso merece os nossos aplausos.

Que não sejam desprezados meios tão valiosos que nos legaram cérebros potentes, sustentados pela mão Divina e se multipliquem os esforços no sentido de levantar o nível intelectual e moral do nosso povo, garantindo, destarte, o amanhã glorioso da forte e imensa nação brasileira.

so País Técnico também? Com o advento da revolução de 1930, muito se tem feito neste sentido, passos gigantescos se têm dado para frente; muita coisa se tem idealizado; porém jamais como nos últimos dias. O esforço e desprendimento com que o Exmº Sr. Ministro Gustavo Capanema se tem desdobrado em benefício do Ensino industrial é sem comparação, e extraordinário. E como prova disto já estamos vendo surgir os bons frutos emanados com a criação da Lei Orgânica do Ensino industrial equiparada ao ensino secundário. Nem tudo porém está realizado; além da necessidade imperiosa que temos de Técnicos especializados para encabeçar o movimento industrial em nossas Escolas, ainda carecemos de um pessoal selecionado para dirigi-las, afim de torna-las mais poderosas e eficientes ao aproveitamento dos nossos moços.

Outro problema de urgente solução para o maior engrandecimento do nosso Ensino é o da valorização do certificado que empunham os nossos artífices saídos de Estabelecimentos Oficiais. Verificamos que não têm sido dado o devido apoio e acatamento aos artífices portadores de certificados adquiridos com a conclusão dos cursos de artes que ministram as nossas Escolas. E, se S. Exª, o snr. Presidente da República, tornasse estes certificados equivalentes aos dos cursos de Comércio, Farmácia, Odontologia e outros, com referência ao desempenho de funções especializadas, maior apreço se dariam às artes.

Precisamos acabar por uma vez com o charlatanismo tão radicado no nosso país, especialmente na direção de grandes estabelecimentos industriais que são dirigidos por pessoas que não passaram

(Continúa noutra página)

Dr. Licério Alfredo Schreiner



O nome do dr. Licério Alfredo Schreiner, ligado á Escola Industrial de Aracajú por laços de particular estima, merecida pela brilhante atuação na qualidade de seu Diretor, em 1921 e, posteriormente, no cargo de Inspetor Regional, tem-se impôsto ao justo conceito dos que admiram as capacidades administrativas, verdadeiramente integradas no espírito de justiça, de ação e devotamento.

Desempenhando, atualmente, as elevadas funções Técnico de Educação, tem sido distinguido para

tomar parte em comissões de relêvo, como a de elaboração do ante-projeto da Lei Orgânica do Ensino Industrial no Brasil.

A sua lúcida e eficiente atividade está voltada, neste momento, para o problema de lotação das Escolas Técnicas e Profissionais, cuja solução virá ampliar o quadro de funcionários, definir a situação dos existentes e facilitar a seleção dos iniciantes. "Sergipe Artífice" presta ao ilustre Técnico da Educação a expressiva homenagem de sua admiração e aprêço.

SERGIPE ARTIFICE

ANO-LUZ

A luz percorre, como sabemos, 300.000 quilômetros por segundo.

A distância percorrida pela luz durante um ano denomina-se ano-luz.

O ano-luz é equivalente a 63.048 unidades astronômicas.

Unidades astronômicas é o valor médio da distância entre a Terra e o Sol.

Cada unidade astronômica vale 150 milhões de quilômetros.

Para que se possa ter ideia da grandeza representada pelo ano-luz façamos uma a seguinte comparação:

Um metro de fio (linha comum n. 40, de máquina) pesa 403 miligramas.

Um fio que tivesse um ano-luz de extensão teria o peso de 3.811.251.600 toneladas.

O transporte desse fio poderia ser feito num trem que que tivesse 190.512.000 carros transportando cada carro 20 toneladas de fio! Os carros desse trem colocados em fila formariam uma composição com um comprimento de aproximadamente igual ao dôbre da distância da Terra à Lua.

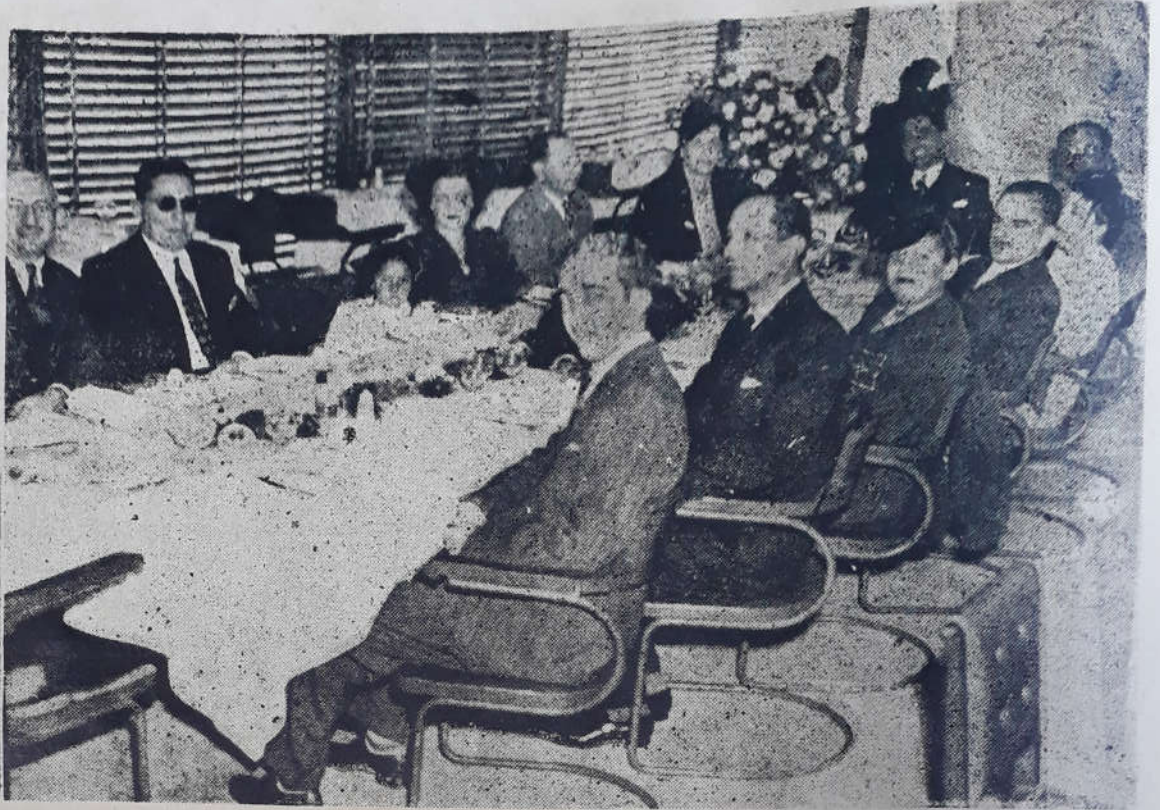
* * *

ALFA

Primeira letra do alfabeto grego.

No primitivo sistema de numeração dos gregos essa letra representava a unidade.

Do "Dicionário curioso e recreativo da Matemática — Melo e Souza



Almoço íntimo

O casal Francisco Montojos numa evidente manifestação de apreço aos Drs. Antônio Carlos de Melo Barreto, Lauro Whilhelm, Clodoaldo Vieira Passos, Paulo Pereira de Araujo e Cid Rocha Amaral, respectivamente, diretores das escolas de Vitória, Curitiba, Aracajú, Campos e Florianópolis, aproveitando o ensejo da permanência dessas autoridades na Capital da República, em objeto de serviço, ofereceu-lhes, a 6 de Setembro do ano próximo passado, um almoço íntimo, no restaurante da "Panair" (Aéreo-porto Santos Dumont).

Expressiva homenagem a D. Maria Montojos precedeu o ágape, ao qual compareceram as famílias dos convidados e distinguidos técnicos de educação, lotados na Divisão do Ensino Industrial. A ilustre dama foi presenteada com uma artística cêsta de flores.

Por delegação de seus pais, o Dr. Clodoaldo Passos proferiu a oração de agradecimento.

Este periódico estampa a cima uma gravura daquela reunião, realizada em ambiente muito cordial.

PÁSCOA DOS ESCOLARES

Revestiu-se de encantadora simplicidade a festinha da comunidade Pascal dos alunos da Escola Industrial de Aracajú, realizada no dia 3 de junho na Igreja do Seminário Diocesano.

Para cumprir tão importante dever, os alunos, devidamente preparados pela professora Arcéli Andrade Melo que ministra à Escola os ensinamentos da religião cristã, dirigiram-se, na véspera do grande dia à tarde, ao Templo Católico

afim de, pelo sacramento da penitência, ficarem reconciliados com Deus e poderem receber em seu coração o Espírito da Verdade e do Bem.

No dia 3, bem cedo, a Igreja regorgitava de estudantes que, acompanhados pelos corpos docente e administrativo, preparavam-se para assistir à Santa Missa, que foi celebrada pelo cônego Avelar Brandão com explicação do ato pelo Rev^{mo} Pe Manuel Felix.

Os alunos, contritos, assistiram ao Santo Sacrifício, deixando todos os presentes edificadas pela ordem e pelo fervor com que se dirigiram à Sagrada Mesa.

Sejo este ato de fé imitado por todos os bons católicos e que a Escola Industrial, fiel à sua missão de instruir e educar, concorra todos os anos com os seus alunos ao Divino Banquete, certos de que a educação será mais sólida quando baseada nos ditames da moral cristã.

O problema alimentar

ALVARO A. SANTANA
Médico da Escola Industrial de Aracajú

No presente momento, mais do que nunca, volta-se a atenção de todo o mundo civilizado para o problema da alimentação popular que se reconhece como o alicerce do poderio das nações.

A alimentação não é mais que uma parte de outra atividade mais complexa que é a nutrição. A base de conservação do ser vivente é a nutrição: vida, vigor, reprodução, espírito, sociedade e moral dependem dela.

A guerra e o estudo da alimentação

A guerra com todos os seus males e suas terríveis consequências, traz paradoxalmente alguns benefícios. A luta que ensanguentou a Europa de 1914 a 1918 não só ensinou a destruir, ensinou também a criar: as ciências puras a ela emprestaram sua colaboração e a medicina, como outras ciências e artes, progrediram rapidamente. A ciência da nutrição pôde, então, se impôr como uma verdade, a ponto de nela a guerra passada marcar uma etapa e rasgar novos horizontes à sua evolução. Na conflagração atual, desencadeada pelos ditadores sedentos de mando e de domínio, as nações que lutam pela liberdade desenvolvem um prodigioso es-

fôrço científico para que a fome não ponha em perigo a sua resistência à luta. A alimentação constituirá uma das mais delicadas questões de após-guerra e, para a discussão do importante problema, reuniu-se, recentemente, em Hot Spring na Norte América, a Conferência Alimentar das Nações Unidas. O Brasil, como grande produtor agrícola, dispendo de vastas regiões de terras férteis, poderá converter-se em grande abastecedor de alimentos para as populações famintas.

O problema nacional de alimentação

Em nosso país a questão complexa da alimentação está sendo colocada no seu verdadeiro lugar, preocupando-se com o encaminhamento da sua solução não só os órgãos governamentais, mas, também, os círculos científicos e intelectuais. O Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) com seu restaurante popular e os cursos de alimentação, o Instituto de Higiene e o Centro de Estudos sobre Alimentação do Estado de S. Paulo, a instituição da merenda escolar, são realizações profundamente consoladoras para todos os que consideram a alimentação um dos grandes problemas nacionais.

• SERGIPE ARTÍFICE

O estado de hiponutrição, de fome crônica das populações do nosso imenso país, originada, principalmente, por defeitos de qualidade dos alimentos, erros acumulados através de centenas de anos, projeta as suas nefastas consequências por gerações e gerações de brasileiros. Gilberto Freyre o grande sociólogo do nordeste, com a clarividência que se lhe não pode negar, já alertava o espírito nacional para a importância histórica desses erros na formação do homem e da sociedade do Brasil.

Várias hipóteses têm sido aventuradas para explicar as fraquezas do homem de nosso país. O preconceito de raça está inteiramente desvalorizado. Em todos os países em que o homem de ciência tem liberdade de afirmar o resultado de suas investigações, foram de há muito destruídas as decantadas lendas nacionalistas do arianismo puro e superior. Sábios norte-americanos mostraram como indivíduos considerados duma raça inferior, como a raça amarela, transportados para a Califórnia e bem alimentados aí, conseguiram ter filhos com uma estatura média, bem mais elevada do que nos seus países de origem. A apregoada inferioridade de nossa raça atribuída às consequências do cruzamento, a mestiçagem, têm bem diferentes razões, são os males da miséria e da fome.

O preconceito do clima também foi destruído. O clima tropical é tão ápto à vida humana como o clima frio. A fraqueza dos povos tropicais não é devida ao clima ou às condições peculiares ao meio, mas à alimentação deficiente.

O homem brasileiro sempre se alimentou de maneira inadequada e incompleta. Entre as consequências das falhas da ali-

(Continúa noutra página).

Bons dentes, boa Saúde

(Conclusão).

está formado, sómente quando o organismo é atacado de moléstias infecciosas, êste coeficiente decresce, perdendo, assim, o dente o elemento primordial para sua defesa, quando acometido pela cárie.

A sanidade bucal varia de acôrdo com o meio ambiente.

Nas grandes cidades, onde a vida pelos excessos de prazeres, pela absorção de alimentos condimentados ou em conservas, abuso das aguas geladas após uma bebida quente (chocolate), o esmalte dentário é acometido, muitas vezes, por fendas, podendo acontecer mesmo uma retração do órgão pulpar e a sua mortificação acética.

A sanidade bucal das pessoas que moram no campo, onde a diêta alimentar é sadia, o regime físico é outro e o clima admirável, podemos observar esta diferença extraordinária em órgãos dentários bem formados, bem calcificados e nutridos.

A diêta alimentar tem, pois, fator principal como agente reparador das perdas minerais.

A afinidade existente entre a cárie dentaria e o sistema de nutrição é tão importante que, havendo carência dêste, os dentes se tornam frágeis e quebradiços.

De uma alimentação sadia recebem os dentes beneficios como qualquer outro órgão. Se eles fazem parte da mesma rede sanguínea, se na composição de seus tecidos entram ou figuram os mesmos elementos que fazem parte do tecido osseo, é de notar que uma boa alimentação só terá grande proveito para ambos e por

consequente para todo o organismo.

Os dentes desempenham na mastigação fator essencial. A boa trituração dos alimentos facilita o ataque no estômago pelo suco gástrico, dando uma assimilação maior e uma digestão mais completa.

Sabemos que a primeira digestão se efetua na boca, após uma mastigação perfeita dos alimentos. Êstes, envolvido pelo fermento saliva, são conduzidos através do esófago ao estômago.

Não havendo bons dentes, os alimentos são deglutidos em grandes parcelas, resultando daí má digestão, má assimilação. Comer muito, com maus dentes é alimentar-se pouco. Nenhum outro órgão, pois, requer tanto cuidado, quanto os dentes.

A cárie tem sua preponderância, quanto ao individuo, raça e idade.

A calcificação parece ser mais resistente na primeira dentição que na segunda, principalmente quando as mães não sofrem perturbações nutritivas durante o período da digestão. Na época, mais ou menos, dos dez anos, quando o organismo consome grande parte de sais minerais para formação de sua estrutura óssea qualquer descuido na alimentação, a quantidade de cálcio decresce na composição do tecido dentário, perdendo assim grande parte de sua resistência. E neste periodo que registramos o maior numero de cáries, mormente nos escolares com alimentação insuficiente.

“E’ fáto que o resultado obrido com uma folha de serra de fita larga é sempre melhor quando esta é retirada da máquina após a primeira meia hora de serviço, examinada minuciosamente e endireitada nos lugares onde fôr necessário. Esse pequeno trabalho será fartamente compensado com bem maior eficiencia e durabilidade da lamina”.

Os dentes, são órgãos que a saúde exige para a sua conservação, que a dição pede para sua clareza e a estética reclama para a sua apresentação, assim explica o dizer do professor Dr. Novis “O sorriso sem dentes é peor que o choro”.

Do exposto, bem podemos avaliar o quanto nos vale uma dentição perfeita e sadia.

A atual administração da Escola Industrial de Aracajú, no desempenho de sua nobre função de dirigir e acautelar os interesses sanitários de seus alunos, compreendendo os altos objetivos reclamados pela Secção Odontológica, anexa ao educandário especializado, não vacilou em providenciar junto ao Governo Federal, os meios necessarios á aquisição do material indispensável para a instalação moderna de um gabinete eletro-dentário. Empreendimentos dessa natureza, significam vontade aplicada, ideal vencido e consagrado pelos resultados práticos e efficientes. Os bons exemplos ficam e valem. Ficam, pela grandeza que representam, e valem pelo reconhecimento que não escondem á confiança nas consequências favoráveis de tão louvavel atitude.

Os grandes homens e a fé cristã

Araceli de Andrade Melo

Não há quem possa negar o poder irresistível do exemplo. E o povo na sua grande sabedoria e espírito dado às sínteses, resumiu-o nesta expressão: «A palavra entusiasmo o exemplo arrasta».

Inegavelmente, a «força do dizer» agita os cérebros, levanta labaredas nos corações, desperta, sobretudo entre os jovens, desejos de grandes realizações. Mas ao cabo de algum tempo, tudo passa, qual se fôra um raio que, tendo provocado incêndios, se perdesse depois inofensivo, entre as camadas da Terra. E para que tal não suceda, mister se faz que à palavra se una o exemplo. Este impressiona a inteligência, apodera-se da vontade, conduzindo o Homem para o campo de ação, onde sem perder de vista a que o moveu, trabalha, luta, cansa e vence.

Em todos os setores da vida humana, pode-se verificar esta verdade, porém, é no terreno espiritual, onde ela melhor se faz sentir.

Surge uma ideia nova e o entusiasmo se espalha. É preciso ser moderno e acompanhar a evolução dos tempos. É a onda impetuosa que a todos quer levar, mas se os seus defensores não a sustentam com o exemplo de suas vidas, quebrar-se-á na praia ingrata do esquecimento.

Foi assim que se fez ouvir o grito forte do século passado, século em que ao lado do agnosticismo devastador, propunha-se o triunfo da ciência que deveria sacudir para bem longe o juço da

Religião e da Igreja, tão contrárias às realidades experimentais.

E o tempo continuou na sua marcha. E a carência de demonstrações convincentes, arrefeceu aquela certeza de Vitória e o Homem contemporâneo vacila, mas teme encontrar-se com a Verdade eterna e foge afirmando, obstinadamente, a pretensa incompatibilidade entre a Ciência e a Religião. Enquanto isso, do alto das suas cátedras partem e chegam até nós, contrastando com as afirmativas citadas, as sublimes lições dos Gênios da verdadeira Ciência.

De Jean Baptista Dumas "que fundou definitivamente a Química Orgânica": — "A Ciência não mata a Fé e a Fé muito menos ainda a Ciência." E Ampère, quando em trabalho em companhia de Ozanam: «como Deus é grande!» Que são todas estas ciências, todos estes raciocínios, tôdas estas descobertas e estas vastas concepções que todos admiram? Só a verdade de Deus permanece eternamente".

Pasteur, «superior a tudo que se pode dizer», afirma livremente: «Porque muito estudei tenho a té de um camponês bretão» se mais estudasse teria a Fé de uma camponesa bretã.»

Poderíamos multiplicar as citações, contudo, para não nos prolongarmos demasiado, apresentamos tão somente o valioso conselho do grande geômetra Agostinho Cauchy e a sua bela profissão de fé, quando do seu protesto contra a expulsão dos Je-

suitas no reinado de Luiz Felipe. Eis a primeira parte: «Cultivai com ardor as ciências naturais e abstratas, decompondo a matéria, explorai quanto possível todas as partes deste universo, pesquisai todos os anais dos povos, sua história, consultai todo o âmbito do orbe, os velhos monumentos do século passado. Muito longe de me assustarem estas pesquisas serei o primeiro a provocá-las, a animá-las com os meus esforços e os meus votos; não tenho receio de que a verdade se encontre em contradição consigo mesma ou de que os fatos e os documentos por vós recolhidos possam estar em desacordo com os livros sagrados. O que vos peço é que na perquirição da verdade andeis com essa candura, essa boa fé que aplanam o caminho para encontrar...»

Agora, a profissão do "imortal matemático" que viveu cristãmente, como tantos outros sábios: — "Sou cristão isto é — creio na divindade de Jesus Cristo, como Tycho Brahe, Copérnico, Descartes, Newton, Fermat, Leibnitz, Pascal, Grimaldi, Euler, Guldin, Boscovich, Gerdil, como todos os grandes astrônomos, todos os grandes físicos, todos os grandes matemáticos do século passado. Sou católico, como a maior parte deles e se alguém me perguntasse pelos motivos de minha fé, de boa vontade lho diria. Veria então que as minhas convicções são o resultados, não de preconceito de nas-

(Continua noutra página)

Bons dentes, boa Saúde

Cuidar da cavidade bucal, é zelar pela própria saúde do corpo.

Devido às condições favoráveis que o meio bucal oferece ao desenvolvimento dos germens, pela sua forma, obscuridade, calor necessário etc; existe aí uma vasta flora microbiana com germens de toda espécie. Numa boca que se diz sã, a percentagem deles é bem elevada, aumentando até o máximo, à medida que se tornam mais precários os meios de higiene.

Lesões profundas nos órgãos dentários, polpas putréfactas, fístulas, a remessando verdadeiras cargas purulentas, inundando o organismo de toxinas enfraquecem as defesas d'este, não podendo o mesmo reagir, quando necessário, como nas gripes e outras moléstias infecciosas.

A infecção focal, de origem dentária, já tão estudada pelos cientistas, vem mostrar o valor que possuem os dentes e o papel importante que o dentista desempenha para a conservação dos mesmos.

A Odontologia, ramo essencial da Medicina, como o é a Oftalmologia, Laringologia etc. andam agora mais que unidas, contribuindo uma para o engrandecimento da outra. Ampliando cada vez mais o seu campo nosológico, afastando da cavidade bucal as causas que produzem distúrbios a órgãos distantes. (estomago, intestinos, rins, etc); exige do odontólogo atual, conhecimentos adelantados de microbiologia, higiene e diéta alimentar, fatores estes que estão ligados entre si, como

Colaboração do Dr. Mario Maciel Andrade

(Cirurgião-dentista)

ESCOLA

INDUSTRIAL DE ARACAJU

uma triade para a formação de uma sanidade bucal perfeita.

A microbiologia, nos dá os conhecimentos necessários para a lida constante com germen existentes na cavidade bucal, como Staphylococcus pyogenus aureus; Streptococcus pyogenus, Micrococcus tetragenus, Diplococcus, bacilos, espirilos, etc.

A higiene, o nome nos está a dizer o meio pelo qual se deve ao asseio ou profilaxia.

Diéta alimentar: maneira pela qual podemos aconselhar nossos clientes a escolher os bons alimentos para a conservação da saúde dos dentes. Alimentos uteis para este fim, são os mineralizantes vegetais crus, as frutas, o leite, ovos, etc.

Alimentos nocivos são aqueles demasiado condimentados, o excesso de carne, bebidas muito fermentadas, etc. Os ácidos, principalmente o lacto-sulfúrico,



Assistência dentária aos escolares

úrico e outros auxiliam a desmineralização, influenciados pela carência de sais. Destes sais, o cálcio é o mais necessário para a formação da estrutura dentária. Na criança, este coeficiente baixa sensivelmente com o aleitamento artificial, alimentação pobre, no período da gestação. No adulto, quando todo o aparelho dentário



«Mecânica» educativa

Na apreciação dos diversos aspectos da vida, a capacidade de discernir os fatos essenciais dentre uma multidão de outros é prova de inteligência, e nos possibilita um perfeito julgamento das coisas. Tomemos como exemplo um automóvel: Analisando-o cuidadosamente, verificamos que a sua construção gira ao redor de uma ideia básica-primária — que é a da libertação, mediante uma combustão explosiva, da energia mecânica que estava latente em um carburante. Partindo desta ideia surgiu o automóvel como surgiu a locomotiva de uma marmitta de Papin. Como a explosão se processa no cilindro, é este a peça primordial do motor e, portanto, do carro. Todas as demais peças de um automóvel nada mais são do que dispositivos engenhosos destinados ao melhor aproveitamento da força resultante da combustão. São portanto acessórios do cilindro.

No processo educativo também existe uma ideia básica em torno da qual se associam várias outras. A análise nos mostra que esta ideia é a *"ação de libertar conhecimentos armazenados pela experiência milenar da humanidade, transmitindo-os, em seguida, aos alunos"*. A aula corresponde à inflamação do carburante na câmara do cilindro, pois em ambos os processos há libertação de

VICTOR STAWIASKI.

Técnico de Educação.

energia com o seu conseqüente aproveitamento. O professor pode ser, por analogia, comparado a um cilindro de um motor de explosão e representa, por isto mesmo, a peça mais importante da máquina educativa. Tal como o cilindro, está ele condicionado a uma série de dispositivos cuja existência é necessária para perfeito governo da "ação de transmitir conhecimentos" ou seja a aula. Dependendo desta última de um determinado preparo, de um programa, de uma orientação e finalmente de uma filosofia.

O preparo de um professor isto é, sua capacidade intelectual equivale à capacidade de um cilindro e, em ambos os casos, deve haver uma certa relação entre a mesma e a quantidade de "energia" a ser libertada.

No caso do professor dependerá ela da potência intelectual que nela se exigir. Professores de níveis primário, secundário e superior podem ser comparados a cilindros de motocicleta, automóvel e avião respectivamente. Para haver "rendimento educativo", o mestre deverá ter um preparo tal que lhe permita dar conta das exigências que lhe são solicitadas.

O programa é similar a um distribuidor, pois é necessário que as aulas (explosões) se sucedam numa determinada ordem.

Sem programa, ou com um pró-

grama mal estudado, haverá desarmonia, cujo resultado será evidentemente um desastre.

A orientação representada pelo Diretor da Escola é análoga ao volante ou "guidon". É o Diretor quem fixa mecanicamente o percurso a ser vencido já que é o intermediário entre motorista e o motor.

A filosofia, isto é a *essência da própria educação*, é equivalente ao motorista, uma vez que para servi-lo foi criado o carro. *As escolas foram criadas para servir à educação.*

Como o professor é a peça principal da Escola e esta a organização principal no processo educativo, segue-se que na "filosofia da educação" o mestre ocupa a posição de maior destaque. De fato, pouco valerá um automóvel vistoso, com bela carroceria, confortável e moderno, se os seus cilindros revelarem falhos tais que reduzam o aproveitamento da energia a uma fração diminuta do valor calculado. Assim também pouco valerá uma escola que tenha instalações luxuosas e confortável, bem equipada e moderna nos seus aspectos materiais e o seu corpo docente (conjunto de cilindros) for antiquado e com um rendimento muito reduzido. Uma escola nessas condições poderá "andar," não há dúvida, mas será muito onerosa e de utilidade mínima.

Nas fábricas de motores há um corpo técnico que seleciona cuidadosamente o material que irá ser empregado na construção de máquinas; esta seleção visa melhorar o rendimento e prevenir falhas e dissabores que resultariam de uma escolha inadequada. Nas fábricas de "corpo docente," isto é, escolas normais e faculdade de filosofia — deverá haver também um corpo técnico

(Continúa noutra página)

Tipos de Merenda Escolar

(PUBLICAÇÃO N. 70, DO

DEPARTAMENTO NACIONAL DA CRIANÇA)

A Função da merenda é cooperar com as três refeições — a lancha, o jantar e refeição matinal — para que seja assegurada uma boa alimentação ao escolar. No nosso país a importância das merendas escolares é maior porque elas poderão ser organizadas no sentido de corrigir, em benefício das crianças, conservando o caráter de pequena e fácil refeição, certas deficiências alimentares muito comuns em nosso povo. O brasileiro come ainda muito mal. Uma merenda organizada adequadamente poderá, talvez, melhorar em parte algumas deficiências das mais sensíveis na alimentação usual do escolar.

O fato de ser a merenda utilizada na escola faz com que deva ser constituída de preferência de alimentos sólidos que possam ser empacotados.

Há, porém, grandes vantagens que entrem líquidos na sua composição: leite, sucos de frutas, ou bebidas estimulantes, que no inverno do sul conviria serem tomadas quentes. Seria preferível que o colégio se encarregasse da parte dos líquidos. Não sendo isso possível, serão eles levados de casa em frascos apropriados, com rolha de borracha. Os frascos Thermos prestam-se bem para isso. Os meninos usarão copo especial, ou melhor, copos de papel, prontos ou feitos no momento.

Toda criança quando partir para a escola deve levar o seu saco de merenda ou a caixa apropriada, organizada com todo o asscic. Sempre que possível deve levar, na caixa ou no saco, a sua garrafa de leite, se este não for fornecido pela escola.

Antes de apresentarmos algumas sugestões de merendas devemos esclarecer que elas foram feitas com a intenção de servir aos brasileiros, isto é, foram organizadas com os nossos recursos alimentares, que não são os mesmos em todas as regiões. Em quase todas elas notarão o leite: bebemos muito pouco leite no Brasil, e o leite é um alimento fundamental, necessário à boa nutrição humana em qualquer fase da vida, e especialmente na fase inicial de crescimento e desenvolvimento. A manteiga é outro alimento pouco usado entre nós mas de grande valor nutritivo e protetor da saúde. Em algumas, bem poucas, há a inclusão de frutas chamadas européias: é preciso não esquecer que em certos Estados do sul o cultivo de tais frutas já é largamente popularizado. Noutras se encontrarão alimentos peculiares a determinada região e desconhecidos no resto do país: tais regiões, com seus produtos locais e seus hábitos alimentares, não poderiam ser esquecidas.

Algumas das merendas trazem a indicação da região onde os alimentos sugeridos são usuais: porém mesmo nessas regiões será melhor utilizar os tipos mais completos, sempre que possível. Foram organizadas dez variedades, obedecendo às considerações expostas.

Ligeiras palestras ou conversações (não lições) acerca de alimentos poderiam ser feitas durante a merenda. Algumas focalizariam, com grandes vantagens, a conveniência de serem usados com mais frequência na alimentação dos meninos o leite e os legumes,

cozidos e crus, tão desprezados ou mesmo repelidos pela nossa gente. Do mesmo passo se procuraria estimular em zonas rurais o cultivo das hortaliças.

Sobre as frutas, far-se-ia ver as vantagens de seu uso, e a inanidade do preconceito que proíbe com elas quando se toma leite, ou come-las à noite.

Como se vê, o leite faz parte de quase todos os tipos de merenda recomendados. É de todos os alimentos do escolar, como em geral, de toda criança o mais necessário. E no caso de não se poder oferecer outra coisa, ofereça-se ao menino, ao menos, um copo de leite. Não se deve usar o leite cru, convém sempre ao recebê-lo do fornecedor dar-lhe uma fervura que deve ser antes rápida que prolongada.

Os sanduiches podem ser feitos com pão de várias qualidades, sendo muito convenientes os de farinhas escuras ou misturadas e os de trigo integral. A quantidade de pão varia entre 50 e 80 gramas. Convém sempre usar manteiga. É de vantagem variar a composição da merenda de vez em quando.

1) sanduiche de carne (galinha, peixe ou bife), duas bananas, doce de leite ou rapadura, ou um copo de leite.

2) duas bananas machucadas com farinha de mandioca (de preferência tostada), um copo de leite, um pedaço de bolo de milho (regiões onde não há pão).

3) sanduiche de ovo cozido, alface e tomate, um beijú de tapioca com açúcar, laranja ou tangerina, ou dois cajús maduros (norte).

4) um copo de leite, sanduiche de queijo, laranja.

5) pão torrado com queijo, um copo de leite, compota de fruta, pêssego, goiaba, ou pessegada, goiabada, marmelada, etc.

6) sanduiche de tomates frescos e em vermelhos, um copo de leite, bananas.

7) sanduiche de carne, duas rodelas de abacaxi — engulindo o bagaço, ou manga, ou laranja, biscoitos.

8) sanduiche de ovo cozido, podendo ser de tartaruga ou tracajá, um copo de assaí, chibé ou guaraná, um pedaço de rapadura (Amazônia).

9) um ovo duro, beijús de farinha, um abacate com limão e açúcar.

10) sanduiche de carne, um abacate com limão e açúcar.

ENSINO INDUSTRIAL

Nunca se fez sentir mais importante o preparo técnico-industrial do que nos dias atuais. A educação nacional se vinha processando com uma lacuna lamentável que o regime de dez de novembro preencheu; e o resultado é hoje não termos de lastimar a nossa ineficiência nesta parte. De sul a norte as escolas industriais vão habilitando jovens para um trabalho que, sob muitos aspectos, é superior à cultura intelectual pura, à inteligência literaria e aos cursos médico e jurídico, de ano para ano mais férteis em dar novos doutores ao país.

É de esperar que futuramente a Universidade do Brasil inclua cursos industriais superiores em que se adentrem, com o intelecto, as mãos dos estudantes, afim de que se possam isentar do teorismo comodista, ideal seria, como já se tem feito notar em oportunos comentários pela imprensa, que as faculdades mantivessem todas cursos de trabalhos manuais, de artes profissionais, de maneira a facilitar a cada um, em qualquer emergência, a aplicação do que sabe, do que está capacitado para fazer, materialmente, além do exercício de funções públicas, do trabalho dos consultórios clínicos ou dos cálculos e traçados de gabinete.

Faz poucos meses, reuniram-se no Rio de Janeiro, chamados pelo Ministério de Educação e Saúde, os diretores das escolas profissionais, e dessa medida em prol do ensino prático industrial resultaram, sem demora, melhoramentos para o mesmo.

Cogitou-se de imprimir maior importância, de dedicar maior cuidado à habilitação dos nossos alunos que por não poderem frequentar as academias e até os cursos secundários, se dedicam ao estudo de uma "arte", como dizem, fazendo muitos deles consideráveis progressos que talvez não se verificassem com a sua matrícula em um estabelecimento de ensino superior, onde muito estudasse e pouco aprendesse, sem prejuízo do respectivo diploma que, a menos que não o quisesse, obteria fatalmente.

A Escola Industrial de Sergipe, antiga "Escola de Aprendizes Artífices", já deu ao nosso Estado bons

torneiros mecânicos, serralheiros, ferreiros, marceneiros e gráficos, e pela reforma que acaba de sofrer promete dar jovens ainda melhor preparados para enfrentar a vida e, quando preciso, servir à patria. Dispondo de um corpo de professores habéis e dedicados à carreira, e de uma direção não menos capaz, vai atendendo às necessidades dos que querem aprender a dispôr das mãos com o auxílio da cabeça, afim de mais tarde prover dignamente, a propria subsistencia.

O Instituto Profissional "Coelho e Campos", que, pela nova direção que lhe deu o governo estadual está restabelecendo as verdadeiras finalidades da sua criação, também está apto a proporcionar um bom preparo profissional e industrial aos seus aprendizes, e são já numerosos os que se estão aperfeiçoando nas construções mecânicas e metálicas, nas obras de madeira, fundição, galvanoplastia etc. Esse estabelecimento presta inestimável serviço, principalmente às crianças e jovens de condição humilde, que além das letras primárias e das noções de ciências que estão programadas no regulamento da casa, saem treinados para servir em oficinas ou mantê-las por esforço proprio, à custa de limitados mas uteis e quase sempre suficientes conhecimentos adquiridos.

A guerra veio mostrar-nos o que representa uma habilitação desta natureza, para homens e mulheres, que em sua imensa maioria jamais chegou a conhecer a alegria de poder fazer algo de útil com o emprêgo dos proprios recursos manuais. Os que foram chamados a atender às necessidades bélico-industriais dos países em luta, mesmo os que não esperavam aplicar o que aprenderam nas escolas profissionais, são tão dignos de respeito e simpatia quanto os que partem para as frentes de batalha. É isso o que já tem dito várias vezes, jornalistas, generais e chefes de Estado. Mas em tempo de paz também se pode estimar o que representa para a coletividade o ensino industrial bem orientado e bem ministrado.

Os sergipanos, que se revelam em todas épocas não so inteligentes para

as letras e ciências, mas também peritos artífices, bons profissionais, sabem dar o devido valor a esse e também ensino mantido pelos governos federal e estadual. E os benefícios que dele se recebe, cada dia se apresentam mais positivos e reais, — fato que constitue permanente incentivo à sua extensão e aperfeiçoamento.

As Causas da Ondulação

Do Papel

Pergunta: Porque é que papel de certos fabricantes se ondula mais nas margens que o de outros?

Resposta: A ondulação do papel deve-se à relação da humidade do papel com a da temperatura do quarto onde este se acha depositado. Se o conteúdo de humidade no papel for baixo, e sendo o mesmo armazenado num lugar relativamente húmido, o papel "cresceria" a través de sua textura. Ao contrário se o seu conteúdo de humidade for alto a humidade relativa no armazem, baixa, o papel se encolheria um tanto.

Os fabricantes de papel não podem controlar este fenómeno, como não podem também controlar a atmosfera. Podem fornecer papel com certo conteúdo de humidade, mas o impressor deverá saber como manter o seu armazem num estado atmosférico tal que esteja em harmonia com o conteúdo de humidade do papel.

(Do "Boletim Linotípico".)

SERGIPE ARTÍFICE

CÂNTICO

DA

JUVENTUDE

BRASILEIRA

FRANCISCO

DE

PAULA

LESSA

OLHEMOS, MOÇOS, O MAPA
MEDITANDO NA EXTENSÃO
E NA RIQUEZA DAS TERRAS
QUE COMPÕEM NOSSA NAÇÃO!

POIS ESSA NAÇÃO TÃO GRANDE
NO TERRITÓRIO E NA HISTÓRIA,
TEM EM NOS, QUE SOMOS MOÇOS,
SUA VIDA E SUA GLÓRIA!

CRESÇAMOS FORTES E UNIDOS
POR ESSA TERRA LOUÇÃ.
NÓS SOMOS A LINDA AURORA
DO GRANDE SÓL DE AMANHÃ!

DISCIPLINADOS CRESÇAMOS
NA FORÇA . . . NA EDUCAÇÃO.
CRESÇAMOS PELA UNIDADE
E O PORVIR DESTA NAÇÃO!

NA TRAMA DE UMA FLORESTA,
SEMPRE OS SÊRES VERDEJANTES
TÊM OS SEUS RAMOS DETIDOS
PELOS RAMOS DOS GIGANTES.

MAS O TRONCO DA PALMEIRA,
ULTRAPASSANDO OS DEMAIS,
ASSEGURA A LIBERDADE
DOS SEUS PENACHOS REAIS!

COMO O TRONCO DA PALMEIRA
SEJAMOS ALTOS TAMBÉM,
NÃO DEIXANDO NOSSAS FOLHAS
SEREM PRESAS DE NINGUEM!

ESSAS FOLHAS SÃO DA PÁTRIA
A MAIS SAGRADA FIGURA.
CRESÇAMOS, QUE A SUA VIDA
DEPENDE DE NOSSA ALTURA!

DISCIPLINADOS CRESÇAMOS
NA FORÇA . . . NA EDUCAÇÃO
CRESÇAMOS PELA UNIDADE
É O PORVIR DESTA NAÇÃO!

QUEM AVISTA UMA PALMEIRA
ERGUIDA COM MAJESTADE,
SE VÊ A PÁTRIA NAS FÓLHAS
VÊ NO TRONCO A MOCIDADE!

SEJA ESSE TRONCO ALTANEIRO
NOSSO BRAÇO JUVENIL . . .
O GRANDE BRAÇO QUE OSTENTA
ESTE PENACHO: O BRASIL!

F. Nerêo de Sampaio

Acompanhados do titular da pasta da Educação, os diretores das escolas técnicas e das escolas industriais, da União, reunidos na Capital da República, por convocação do ministro Capanema, foram, em audiência especial, no Palácio do Catete, recebidos pelo Sr. Presidente Getúlio Vargas.

Coube ao professor Nerêo de Sampaio interpretar os sentimentos de seus colegas, nessa visita de cordialidade, levada a efeito em Janeiro último.

A Escola Industrial de Aracajú publicando a seguir, em seu órgão oficial, o circunstanciado discurso do eminente educador, proferido na memorável solenidade, presta-lhe merecida homenagem póstuma.

Desde Março último, não mais se encontra à frente dos destinos da Escola Técnica Nacional o organizador capaz e de lúcida inteligência.

Na cátedra, orientou êle o ensino de desenho e artes aplicadas na Escola de Educação do Distrito Federal; no Ministério da Educação, cooperou, com eficiência, junto á comissão encarregada de elaborar o projeto da Lei Orgânica do Ensino Industrial.

Ilustrando, também, este periódico com a gravura da histórica reunião cumpre o sentido dever de assinalar a lacuna de difícil preenchimento, no setor do ensino profissional, motivada pelo desaparecimento do renomado pedagogo.

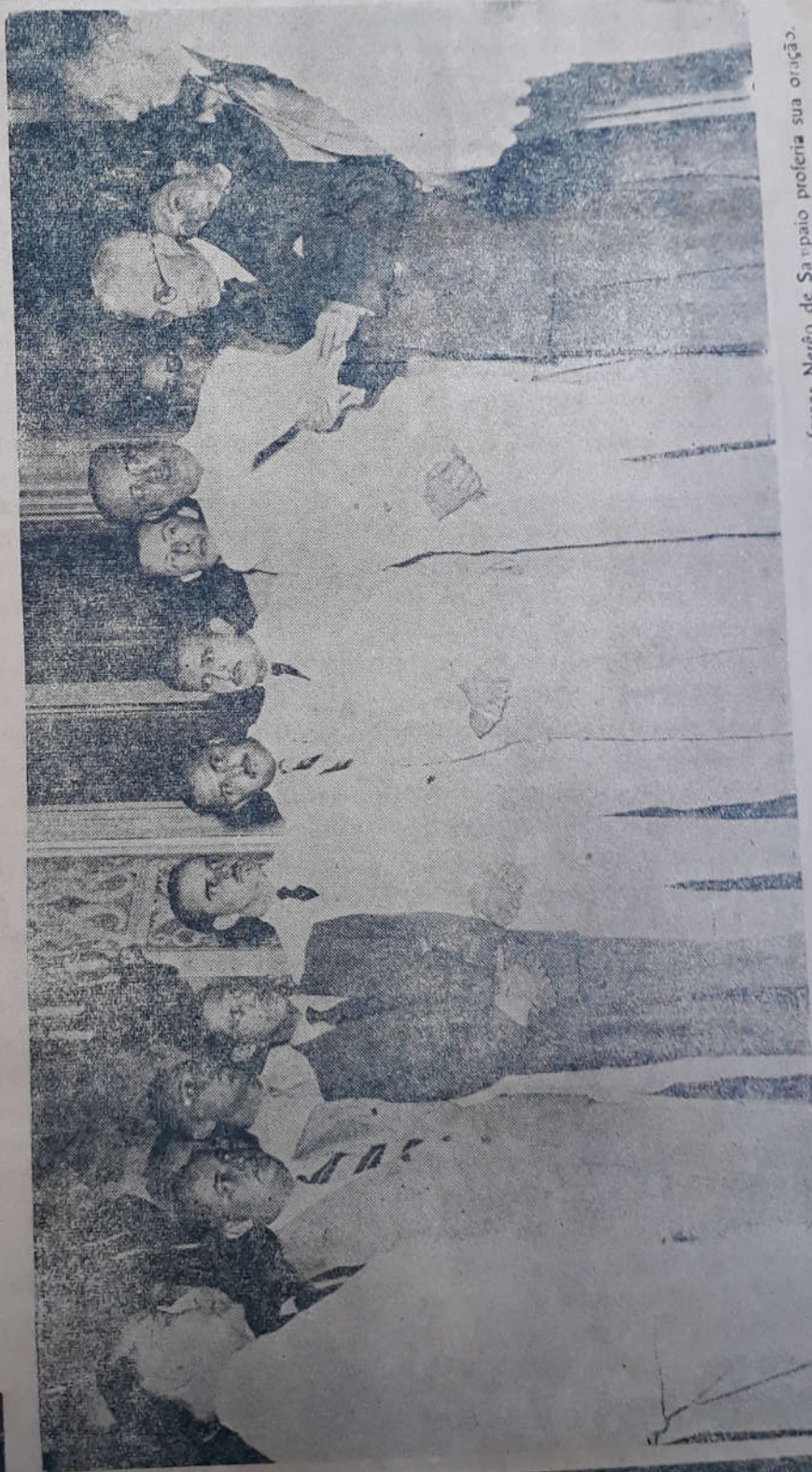
No momento em que se ensaia a adaptação de uma legislação farta e modelar, afim de elevar o nível da cultura técnica no País, muito se carecia da sua experiência e das luzes do seu saber:

"Exmo. Sr. Presidente da República:

Pelas palavras do seu digno auxiliar da administração, nota V. Ex. que nossa visita, se de um lado exprime o desejo cordial de apresentar os protestos de admiração e estima que dedicamos ao nosso grande Presidente, de outro tem por fim testemunhar nosso apreço à obra educacional que vem realizando sob a esclarecida direção do Ministro Capanema, figura de incontestável relevo entre as mais que compõem o governo de V. Ex.

A convocação de todos os diretores das Escolas Industriais e Técnicas do país, nesta Capital, para o es

(Continúa noutra página).



Aspecto da visita dos diretores das escolas técnicas e escolas industriais, no momento em que o professor Nerêo de Sampaio proferia sua oração.

O problema alimentar

(CONTINUAÇÃO)

mentação nacional da hipo-nutrição, salientam-se a diminuição da estatura, do peso e do perímetro torácico: deformações esqueléticas, descalcificação dos dentes; insuficiências endócrinas provocadoras da velhice prematura.

A verdadeira causa que apouca a nossa terra é a desnutrição de nossa gente, é o abandono em que vive mais da metade de nossa população. Contra nós, além das falhas alimentares, temos as endemias que dizimam as nossas populações.

A alimentação é um problema terminantemente social e econômico. Dela depende o destino e o futuro da raça. Um povo forte é bem alimentado. A alimentação inflúe diretamente no vigor, na saúde e na longevidade de uma raça, dá ao homem o valor e a coragem para a conquista dos seus direitos. Traz, portanto, o progresso e o engrandecimento da nação.

O alimento deve fornecer ao corpo humano os elementos precisos para o seu perfeito funcionamento. Uma pessoa mal nutrida pode não sentir angústia de fome, mas haverá sempre fome dos tecidos, das células e a diminuição das atividades metabólicas. O homem em estado de fome crônica sente uma lassidão indefinida, indiferentismo por tudo, desejo invencível de repouso, não tem ambição, não resiste às moléstias e envelhece precocemente.

Alimentação racional

Para a manutenção da saúde,

ra) noturna, xeroftalmia querae diário, o homem necessita de uma quota alimentar determinada.

A alimentação no conceito do prof. Escudero deve obedecer a três princípios: de quantidade, de qualidade e de harmonia. O regime alimentar racional deve ser assim um regime suficiente, completo e harmônico.

O organismo retira dos alimentos as substâncias de que ele carece para reparar as despêsas plásticas e energéticas. Consideram-se como alimentos plásticos, as protidas e os minerais; como substâncias dinomogênicas ou energéticas, as glucidas, as lipidas e também as protidas.

A quantidade de calorías necessárias a um regime alimentar varia conforme a idade, altura, peso, profissão, sexo, e clima. Entre nós os autores estabeleceram o número de cerca de 2800 calorías como padrão da quota diária, podendo ser um pouco maior 3000 calorías nos estados do sul do país, onde o clima é mais frio. As necessidades caloríficas dos meninos e adolescentes são maiores que a dos adultos, por causa das necessidades energéticas do crescimento. As unidades calor - Calorías produzidas pelas várias substâncias são: uma grama de lipida 9,5 calorías; uma grama de protida 4,1 calorías; uma grama de glucidas 4,1 calorías. Sob o aspecto energético, num regime alimentar harmônico, as protidas fornecem 15% do total de calorías, as glucidas 60 a 65% e as lipidas 20 a 25%.

Exemplificando: uma ração

de 2800 calorías as proteínas entrarão com 420 cal. (420 a 455 g.) e as gorduras com 560 a 700 cal. (60 a 75 g.) Essas várias substâncias são encontradas nos alimentos de origem animal.

Para a reparação plástica do organismo é necessário de Ig, S a 2 g por quilo de peso corporal. Esta quota deve ser aumentada no período de crescimento. Num regime alimentar 50% do total protidico devem ser integrados por protidas animal.

As substâncias minerais necessárias ao organismo humano são o calcio, o fósforo, o ferro o clorêto de sódio, a agua.

Calcio-fornecido pelo leite, queijo e verduras-nessitamos em média de 1 grama diária. Fósforo, fornecido pelo leite, ovos, carne, vegetais, necessitamos 1g5 diária.

Ferro fornecido pela carne, ovos e legumes nescessitamos de 15 miligramas diários.

Clorêto de sódio exigido na dose minima de 6 gramas diárias.

(3) agua — fornecida pelas, bebidas e agua de constituição dos alimentos sólidos.

Vitaminas — Alimentos outrora denominados fatores accessorios, mas hoje considerados indispensáveis. Entre elas as principais ja conhecidas são: Vitamina A, B, C, D, E, e K.

(3) Vitamina A é encontrada no óleo de figado de bacalhau e de halibut, óleo de cação e de baleia, manteiga, leite, queijo, gema de ovo, figado de boi, no espinafre, agrião, cenoura, couve, alface, vagem, laranja, banana. A Vitamina é necessario ao crescimento, á resistência anti-infetucosa e á nutrição dos epiteliós e do globo ocular. São conhecidas as perturbações visuais provocadas por sua

Continúa noutra página.)

FEIOS da excursão a Alagoinhas

e Aramarí

Atendendo ao que dispõe a Lei Orgânica do Ensino Industrial no Brasil, de referência às excursões educativas, o sr. diretor desta Escola, dr. Clodoaldo Vieira Passos, cuidou em realizar uma destas viagens de estudos a centros técnicos do País. Visando, portanto, as oficinas ferroviárias de Alagoinhas e Aramarí,

neses, Manuel Quintino de Moura, Pedro Rúbens dos Santos e José Ferreira Soares, da 4ª série, Lealdo Santiago de Andrade, Jeová Almeida Santana, Cláudio Ascendino dos Santos, José Vieira dos Santos, Florisvaldo Vasconcelos Franco, João José dos Santos, João Barbosa, Herminio Martins Neto, Antônio

"macacões," uniforme oficial do operário, se debruçam nas janelas para verem e serem vistos pelas parentes e colegas.

O Diretor relembra as providências tomadas e passa revista na volumosa bagagem; — Comunicação ao Prefeito de Alagoinhas... provisão farta... cinema educativo com todo o material de projeção... discos, fardas etc... tudo em ordem!...

São 5.40! A locomotiva dá o sinal de partida e se movimenta lentamente e, contrastando

Caravana «Clodoaldo Passos»

de pronto, solicitou do sr. diretor geral da Leste Brasileiro, dr. Lauro Faranai de Freitas, meios de transporte para 40 passageiros, no que foi gentilmente atendido, pondo à disposição uma classe especial, com direito a retórno.

A Caravana "Clodoaldo Passos, sob a presidência do sr. Diretor, ficou assim constituída: — Professoras: Leida Regis e Alaide Costa, do Curso de Letras; professores: Manuel Messias dos Santos, Humberto da Silva Moura e Josino Pinheiro de Cavalho, do "Centro Técnico; Jesuino Freire de Oliveira, José Heribaldo Teles de Meneses Manuel Cordeiro da Silva, Alberto Manuel da Silva, professores de Artes; alunos: José Barréto Oliveira, Paulo José dos Santos, José Estanisláu de Almeida, Antônio Melquiades dos Santos, Rúbem da Costa Me-

Almeida Santana e Renato Prado Milet, da 3ª série; Antônio Lopes dos Santos, Daniel Bispo de Andrade, José Bastos Frotta, João Pinheiro de Carvalho, Roberval da Costa Menezes, Sílvio Eufenício dos Santos, Orlando Firmino dos Santos, Geraldo Rodrigues de Oliveira, da 2ª Série; Raimundo dos Santos, Zózimo Lima Filho, Luiz dos Santos, Gonçalo Meneses Passos e Odilon Brito de Farias, da 1ª série.

Partida

Manhã chuvosa a de 16 de Junho!..

Às 4,30 horas, os caravaneiros tomam assento na classe reservada.

Os alunos, metidos em seus

com a manhã fria de 16 de junho, os pequenos caravaneiros, com todo o calor de seus corações vibrantes de entusiasmo e de patriotismo, entôam:

"Somos filhos das terras do Norte,
Já afeitos à luta e ao sofrer!...
Quando a Pátria congrega seus bravos
Nosso lema é "vencer ou morrer!"

Nobre gente, pois, certo nós somos,
De leal coração varonil!...
Somos filhos das terras do Norte,
Mas soldados de todo o Brasil!...

A Viagem

A viagem é alegre, há respeito e disciplina, mas cordialidade e bom humor comunicativo... Canções regionais retratam a grandeza da terra e os costumes de sua gente!... Em tudo se encontra motivo para uma observação e os professores não per-

SERGIPE ARTÍFICE

dem as oportunidades que vão surgindo! . . .

Tebaida

Situada a quarenta minutos da capital.

Primeira escola agrícola do Estado, plantada pelos filhos de D. Bosco, o fundador das escolas profissionais no mundo!..

Algumas palavras sobre a grande obra e sobre o grande Apóstolo!.. A Tebaidinha, em Aracajú, para onde foi transportado este núcleo de trabalho e de moralização decostumes, hoje convertido em Ginásio Salesiano "N.S. Auxiliadora."

"Viva Jesus Cristo Rei!"

É a saudação á imagem do Cristo, dominando a colina de S. Gonçalo! Todos olham, cheios de respeito, para o vulto branco, de braços abertos, enquanto o professor Manuel Messias reproduz belíssimos trechos da vibrante oração do jesuíta padre Gonzaga Cabral, quando da inauguração do monumento, no governo "Graco Cardoso." Um silvo da máquina desperta os cristoveneses:— "O trem vem no Cristo!..." e a correm á estação, divertimento costumeiro dos habitantes das pequenas cidades...

S. Cristóvão

Quinze minutos, apenas de trajeto!

Estamos na "Cidade Histórica", primeira capital da província de Sergipe!

Povoação fundada por Cristóvão de Barros, apresenta, ainda, o estilo primitivo, com suas igrejas, conventos e velhos sobrados, que o gosto artístico e a visão histórica não permitem demolir. Um professor salienta o ânimo va-

ronil daquele povo, reagindo e vencendo as forças holandesas chefiadas por Nassau, quando assaltaram e incendiaram a povoação; frisa, ainda, o génio combativo pela liberdade, protestando, diante do Corpo Legislativo o ato do Presidente Inácio Barbosa, ao mudar para Aracajú a capital da Província e recorrendo ao Imperador para deferir a sua causa; e se a crença de voltar S. Cristóvão a ser a metrópole e, nesse dia, previsto muito próximo, seriam queimados fogos guardados para festejar a vitória demonstra a estreiteza de visão de progresso, este bairrismo fanático denota a defesa aos seus direitos que, bem orientada, repele a conquista do estrangeiro e fala do sentimento de amor á terra de nascimento.

"Tobias Barreto"

Ponto de parada para facilitar o transito dos veranistas, que aí procuram repouso e a influência salutar dos banhos e do clima.

O nome de Tobias Barreto é proferido com entusiasmo e admiração! Todos conhecem o talento multiforme que espiendeu no firmamento intelectual de Sergipe, projetando o seu fulgor até o estrangeiro, que lhe rende o culto devido às potências do saber.

Ita, Poranga!

Zona açucareira, representada pelas importantes usinas à Dira e Belém. Nelas há o criatório selecionado de gado, cujos espécimes têm merecido valiosos prêmios em várias exposições.

Alguém lembra que o nome "Itaporanga" (pedra bonita) vier da exclamação do indígena, diante da grande pedra sobre que está assentada a povoação.

Salgado

Estação balnearia. Um aluno pergunta: «por que lugar tão feio e distante é procurado por gen-

te da Capital e até de fora do Estado?» — Cabe, aqui, uma aula sobre as águas gasosas, salinas, alcalinas, sulfurosas, férreas, rádio-ativas e termais e o aproveitamento delas. Os demais alunos prestam ouvidos à explicação e, satisfeitos em sua curiosidade, procuram divisar o centro, que fica distante da estação. Devido ao movimento de veranistas, o trem, aí, demora mais de meia hora.

Boquim

Cidade plana e simpática. É a terra do inditoso poeta, cantor da "Fonte da Mata", Hermes Fontes, a quem foi erigida uma "herma", tributo da terra mãe ao filho estremecido. Góis Duarte é lembrado na emotiva alocução de homenagem ao vate sergipano. Alguns versos do imortal poeta são recitados.

Itabaianinha

Sanatório de Sergipe pela sua localização e altitude, oferecendo clima saudavel!

Carros cheios de um vegetal desconhecido chamam a atenção. O sr. Diretor classifica:— "é o sisal, fibra que vem substituindo, com vantagem, a juta indiana, empregado na fabricação de cordas, sacos, etc; o "Sisalanc," produto do sisal, equivale ao cânhamo. Em Sergipe, o usineiro Adolfo Prado está empenhado na cultura e exploração na indústria desta importante fibra vegetal—"

Gerú

Última cidade de Sergipe; daí por diante, só terras cultivadas e incultas!... Poucos minutos de parada e prosseguimos a viagem, ainda em terreno sergipano.

Rio Real

Uma pequena ponte liga as margens do rio Real.

— Entramos no território con-

testado, diz um professor, mas em poder da Baía até que decisão legal dê posse definitiva a quem de direito.

Aprendamos, porém, a bela lição do Presidente Vargas ensinando o desprendimento pelo amor à grandeza nacional — "Não há estados grandes nem pequenos, grande é só o Brasil" e, num estreitamento de ideias, reafirmemos:

"Somos filhos das terras do norte
Mas soldados de todo o Brasil".

Barracão

Antigamente, todos os trens pernoitavam nesta localidade. Com a introdução dos diretos, perdeu um pouco do seu movimento, mas ainda é bem frequentada a estação, onde os passageiros, que não querem ir ao "restaurante," encontram provisão farta e variada.

Itapicurú

Belíssima paisagem!...

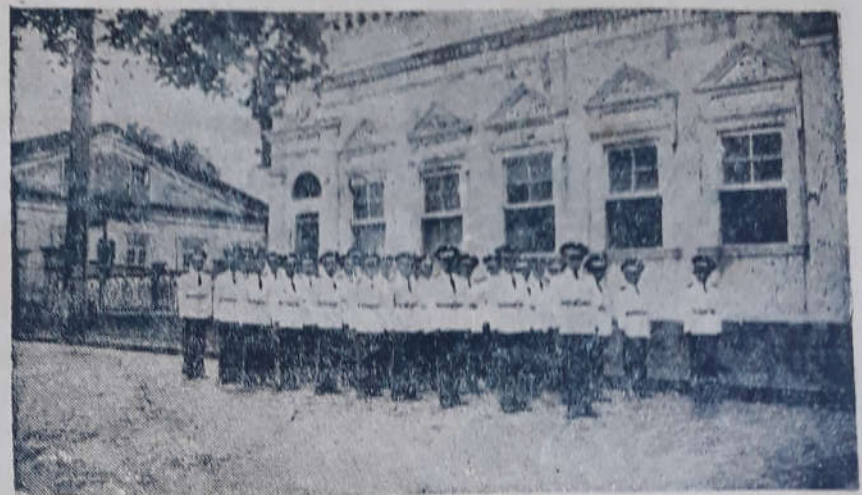
O rio, de águas límpidas e remansosas, desfazendo-se em espumas ao encontro das pedras, que



À margem do Itapicurú

se amontoam no leito, contrariando o seu curso natural, como se a agitação e o engrossamento do dorso fossem a reação e o protesto ao desvio a que lhe força o entrelhe!...

A alma se estasia ante a grandeza criadora!...



Em frente à Escola Profissional Ferroviária de Alagoinhas

O professor Manuel Messias retrata o belo quadro!

Queremos deixar um marco de nossa passagem e também "pôsmos" para a objetiva do fotógrafo amador.

Esplanada

Cajueiro e Timbó, precedem a estação de Esplanada e daí seguem-se: Pedras, Lagoa Redonda,

tos religiosos emprestam um aspecto de vida concentrada e místico!

Alagoinhas

Estação de S. Francisco! Entroncamento das linhas Sergipe e Joazeiro.

Um hino patriótico, com que festejamos a chegada ao termo de nossa viagem, acorda a curiosidade dos moradores de casas próximas, que afluem às portas e janelas. Alguns instantes, eis-nos chegados à estação de desembarque. Construção nova, de estilo moderno, como, aliás, são as de tôdas as cidades, a partir de Barracão, impressiona bem os visitantes.

O sr. Demétrio Pinho se apresenta como proprietário da pensão familiar "Vera Cruz." O Diretor manda que os professores o acompanhem e que os alunos fiquem na classe até que providencie abrigo, com as autoridades locais.

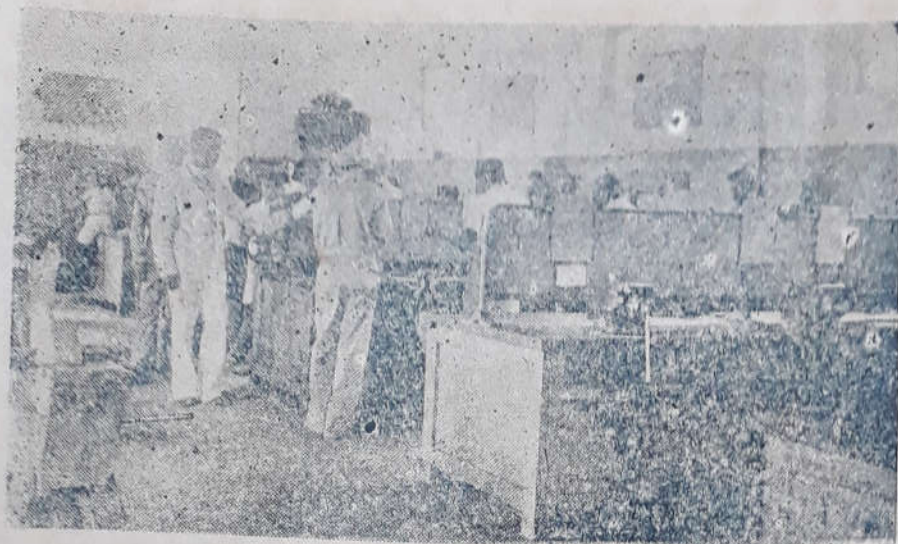
A Pensão "Vera Cruz" fica no centro da cidade, em casa arejada, dispõe de boa cozinha e é servida pela família do proprietário, que se esforça em contentar os seus hóspedes.

Esperamos a volta do Sr. Diretor para o jantar. Em menos de uma hora a situação é resolvida: conseguiu o prédio do "Centro Operário" para hospedagem dos alunos. Após a refeição, ainda

Entre-Rios, Sítio do Meio, Capianga Sauípe, que é a última para chegar a Alagoinhas.

Esplanada é, de tôdas, a mais importante e movimentada. A vista se perde na grande planície; um frio saudavel confirma a boa localização e salubridade. Conven-

SERGIPE ARTÍFICE



Oficinas da Escola P. Ferroviária de Alagoinhas, vendo-se o Instrutor Felix Matos

umas providências para a comodidade dos pequenos caravaneiros e um sono reparador, para o dispêndio de atividade no dia seguinte.

DIA 17 **Na Escola Profissional**

Sob a voz de comando do professor Josino de Carvalho, marcha, galbosamente, em uníforme de gala, a mocidade estudiosa da Escola Industrial de Aracajú, pelas espaçosas ruas da Cidade, com destino à Escola Profissional de Alagoinhas.

Esta Escola, filiada ao Centro Fenoviário de Ensino e Seleção Profissional, de S. Paulo, recebe,



Alunos da Escola Profissional Ferroviária ladeados pelos seus colegas da Escola Industrial de Aracajú



Docentes das duas Escolas, ladeando o Dr. Clodoaldo Passos, diretor da Escola Industrial de Aracajú

assim, a influência de uma educação racional perfeita, sob a orientação especializada dos ilustres engenheiros Roberto Mange, Italo Bologna e Hermenegildo Almeida. É uma organização verdadeiramente capaz de elevar o nível cultural do operário brasileiro.

São 9 horas. Estamos em frente à Escola.

O professor Nelson Macedo de Paula vem ao nosso encontro e desculpa algumas falhas que possamos encontrar na ausência do sr. Diretor, que se acha licenciado para tratamento de saúde,

e a simplicidade com que nos recebe à falta absoluta de conhecimento de nossa chegada, não obstante o aviso do sr. Jônatas Profeta de Abreu, funcionário da Léste Brasileiro, só recebido depois de nossa visita.

Ingressamos na Escola sob festiva salva de palmas dos alunos postados em alas, no pátio de entrada.

Em Atividade

Uma sineta chama os aprendizes ao dever.

Em silêncio, aproximam-se das bancadas e colocam o material

de modo a ser aproveitado quando preciso, sem perda de tempo, a ferramenta não é guardada em conjunto, cada um tem a sua gaveta, separando a ferramenta bruta da branca, a mais fina, como o micrômetro, etc., fica em poder do Instrutor.

O sr. Félix Bispo de Matos, a "alma da Escola," na expressão entusiástica do professor Nelson de Paula, é o instrutor geral dos Cursos, que são de Ferraria, Calderaria, Mecânica de ajustagem e Carpintaria.

O professor Félix explica o critério das notas, confidas para cada medida e cuja média corresponde ao valor do Trabalho. O ordenado é feito pelo próprio aluno, conforme sua nota de qualificação. Tudo é perfeito acôrdo com o sistema racional.

A um novo sinal da campã os aprendizes entram em atividade. Bate o malho, range a serra... um concôrto característico dos "instrumentos" de Trabalho!... O "artista" só se preocupa em desempenhar bem a sua "partitura" - o desenho que está prêso à bancada. As "peças" executadas são as aplicáveis à Estrada; as de construção civil só para serem adaptadas, como nos foi dado ver.

Nenhum aprendiz olha para o seu vizinho, nem mesmo percebe que o estamos observando; para qualquer advertência a sineta avisará e, então, qual palavra mágica, reinará silêncio profundo, para se ouvir a explicação clara, precisa e conciente do professor Félix.

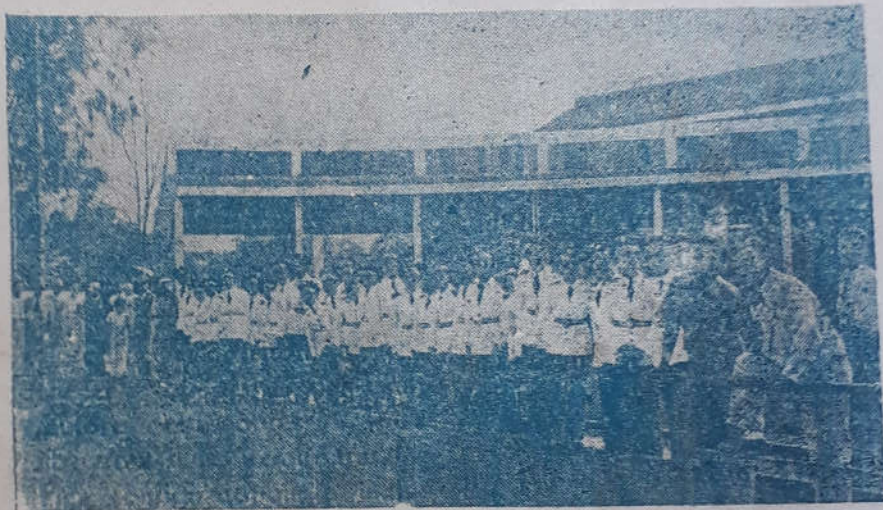
Estamos junto de um aluno, que executa o desenho n. 36, uma porca. O nosso colega, professor Humberto Moura, força uma explicação, notando uma diferença de medidas. O operariotinho, que nos disse chamar-se Eretiano da Silva Lemos e contar 14 anos de idade, volta-se obsequioso; não é a sineta que o cha-

mas é uma visita que o interpela e ele é "cavalheiro." Toma do compasso, repassa as medidas e, depois, com a convicção de mestre, satisfaz a observação. Cada aluno é, também, professor!...

O aprendiz Almiro Florêncio da Silva, da 3.^a série, nos fornece dados para a nossa apreciação.

Passamos à outra dependência. O professor Nelson faz interessante exposição sôbre o método aplicado: submete à correção dos alunos frases de assunto profissional, enviadas pela Escola de S. Paulo. Em seguida, mostra todo o fichário, a biblioteca em formação, mas bem iniciada pela

nidade de mais uma aula — o modo de substituição, o que se faz em poucos minutos e o motor, de capacidade de 150 Hp., entra, novamente, a funcionar. Passamos à Sessão de Enrolamento, a cargo do Sr. Artur dos Santos e assistimos a um destes trabalhos. Na Secção de Fornecimento, sob a direção do sr. Antônio Amorim, dentre outras execuções, vemos a de um tórno vertical e de dois tornos mecânicos, confeccionados nas cidades de Porto Alegre e São Paulo e que abrem filetes de 4 a 64 fios, multiplicando, automaticamente, a fôça ou a velocidade



Sôbre a ponte rolante das oficinas de S. Francisco — Alagoinhas

escolha de livros úteis à aprendizagem e à consulta de professores. São 12,30. Deixamos a nossa impressão no livro de visitas; algumas chapas fixam a nossa passagem neste futuro Estabelecimento de Ensino Profissional.

Na oficina de "S. Francisco"

Um bom almôço da cozinha da Pensão "Vera Cruz", reanima as energias gastas Rumamos as oficinas de S. Francisco". Entramos na casa de Fôrça sob a chefia do Sr. Emílio Aureliano Neri, precisamente quando se quebra um tubo lubrificador. O incidente nos favorece a oportu-

A Secção de Ferraria é espaçosa e ventilada. O orientador, Honório Martins, põe a funcionar o "Martelo Pilão", movido a ar comprimido, e que imprime uma pressão de 500 quilos.

Na Secção de Calderaria, o sr. Martins da Silva faz demonstrações nas máquinas de cortar, furar, etc.

A Secção de Soldagem nos permite assistir a soldas elétricas e a oxigênio.

Adiante um rebitador de ar comprimido faz cravações num chassis destinado a uma classe do ramal de Sergipe.



A máquina 304, confecção brasileira, das oficinas de S. Francisco — Alagoínas

A "304"

«Esta locomotiva, diz entusiasmamente o chefe das Oficinas, é produção nossa com o material nosso; apenas quatro peças — caldeira, cilindro, longerão e rodas motrizes não saíram das nossas oficinas, porque a situação atual não permite que tenhamos o material próprio; faz um ano que a começamos e na data precisa do início entregaremos ao uso público!»

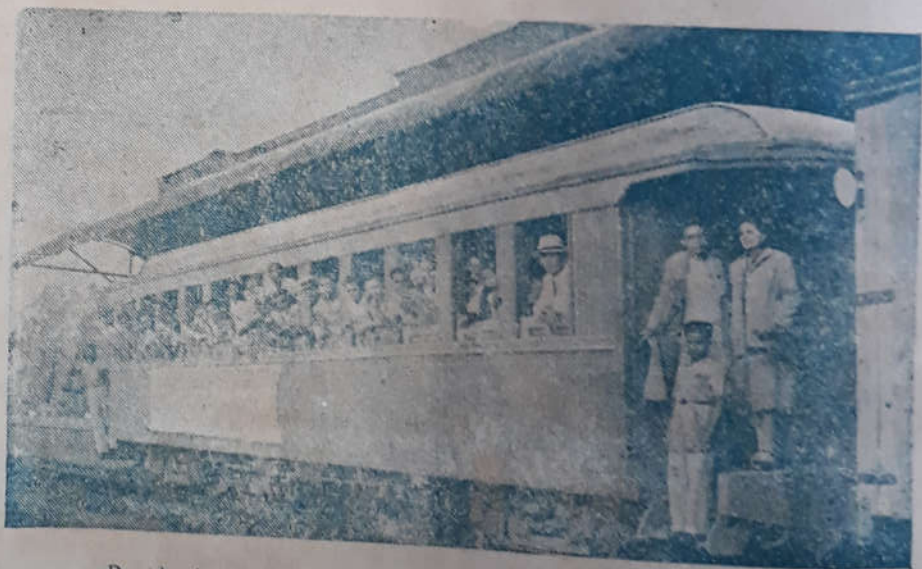
O entusiasmo é comunicativo e retratamos a «304».

— O mestre completa as informações: — "As peças são embutidas a mão e o capacete" feito em chapa contornada a martelo!... Voltamos à Escola Profissional; queremos apreciar alguns desenhos técnicos. O professor da cadeira, dr. Leopoldo Boaventura não está, mas o professor Félix supre a ausência mostrando desenhos e fazendo demonstrações.

Ainda há tempo para uma visita: a Indústria de Laticínios é a visada para completar o dia. Ligeira é a nossa estadia, pois temos em Aracajú serviço idêntico e começa a escurecer.

Uma projeção

O sr. Diretor, numa demonstração de apreço e cordialidade, convidara a classe laboriosa de Alagoínas, representada pelos docentes e discentes da Escola Profissional, funcionários das oficinas de S. Francisco e de Aramarí e membros do Centro Operário,



Partida da estação de São Francisco, em Alagoínas para Aramarí

para assistir a uma projeção do nosso cinema educativo.

Às 19 horas, inicia-se a sessão. Cabe, ainda uma vez, à professora Leida Regis falar sobre cinema educativo, a sua finalidade e importância. Aproveitando a oportunidade agradece a solicitude do dr. Lauro Farani de Freitas em concorrer

para a viagem de estudos da Escola Industrial de Aracajú, ao sr. Juvenal Casais, presidente do Centro Operário, pela obsequiosidade em oferecer a sede para o abrigo dos escolares e aos professores Nelson de Paula e Felix de Matos por tantas provas de gentileza que vêm dispensando aos excursionistas. Terminando com palavras de justo encômio para o sr. Presidente da República e Ministro Capanema. O sr. Renato Valverde, inspetor do ensino no estado de Baía, profere um feliz improviso, em que realça a atitude dos caravaneiros, aprecia a organização do ensino industrial, qualifica o cinema educativo como o processo mais moderno de divulgação do ensino e conclui fazendo elogiosa referência ao artífice sergipano.

DIA 18

Em Aramarí

Aramarí fica no ramal de

Joazeiro, a vinte minutos de Alagoínas.

Chegamos às 8,20. Somos alegremente recebidos, no ponto de parada, pelos funcionários: Antônio Máximo Conceição, Edístro Batista, João Câncio, Sigino Magalhães, Nestor Ribeiro, João Batista dos San-

tos, Abdon Anatólio de Melo, Timóteu Valverde, Basílio Torres e Augusto Lopes.

A entrada das oficinas, o sr. Diretor, dirigindo-se aos alunos com palavras de incentivo, despertando-lhes o interesse e o amor ao trabalho, salienta o valor do técnico nos dias bonancosos de paz e, especialmente, nas horas tormentosas da guerra; localiza-o em todos os setores de atividade: nos laboratórios de química, nos gabinetes de estudo, na estética

Sergipe para o transporte de sal, explica um "contrabalanço" que dá movimento ao trem, sustentado por uma placa no centro; vimos como se colocam os "parachoques" de borracha nas janelas, como se prendem às cadeiras e se ajustam os "anteparos". Um carro "restaurante" está em construção e, assim, podemos observar, detidamente, o progresso do operário brasileiro, procurando melhorar as instalações e sanar os inconvenientes. O carro "Arlindo Luz" tem o chas-

nuar prestando serviços ao Brasil, concorrendo para o seu progresso, em qualquer parte de seu vasto território, porque — brasileiros é o que somos realmente!... Contudo, também estamos emocionados; é um "membro da família" que vemos na "casa estranha"!...

Aproveitamos a ocorrência e visitamos a classe especial: luxo, perfeição, comodidade! O carro "cosinha" está em confecção; o artífice tem o desenho à vista e o sr. Antônio Máximo sentencia: — "Tudo fazemos com a orientação do desenho; sem ele não é possível executar. A prática quer ser soberana, mas não passa de serva da técnica! ela vive, é verdade, como o analfabeto vive, mas esmolando o conhecimento alheio!" — Que bela definição de um modesto operário!...



A chegada às oficinas de Aramarí

das cidades, no cultivo das terras, nas oficinas de trabalho, no campo de luta! E, depois de uma consideração fundamentada, sobre a ação do operário consciente, procede do mesmo modo que fizera em S. Francisco quanto ao rodízio dos alunos, em turmas de seis.

Na secção de Carpintaria

Esta oficina, a mais movimentada, é dirigida pelo sr. Antônio Máximo da Conceição. Prestimoso, vai mostrando e explicando, minuciosamente, o modo de adaptar, a confecção e aproveitamento de cada peça.

Aponta-nos uns "vagões" de madeira a 2ª dezena fornecida a

sis de material estrangeiro; é todo empanado, sem "anteparo" e as cadeiras têm ainda o sistema primitivo, por isso não merece ser reproduzido. "Tudo brasileiro," repete o mestre, a cada instante!

"Apresentem-me a minha gente, sou sergipano!"

Voltamo-nos para ver de quem partira esta exclamação de júbilo! — É um sergipano que trabalha no carro de luxo, em construção, informa o mestre! De um salto, subimos ao carro; um operário, comovido, se apresenta! — Sou sergipano e fiquei muito contente quando ví meu povo; tenho tanta saudade de minha terra!... Apertamos a mão calosa do trabalhador humilde e o incentivamos a conti-

O chefe da secção, sr. Domingos Fernandes, conta 40 anos de serviço! Uma existência!... Ágil e solícito, põe em movimento a sua oficina e vamos colhendo as lições que o esforço e a experiência nos podem dar — máquinas de contornar, de furar em qualquer posição, de desbastar, de atarrachar, tornos mecânicos, limadores, plainas de longo curso, fresas, tudo satisfaz a nossa curiosidade.

A demonstração mais interessante é a de colocar o eixo numa roda; a prensa utilizada é movida a óleo. A tudo precede um cálculo, que a execução torna positivo e infalível.

Na Fundição

— Conhecem a família Torres! Sou irmão do ex-tabelião de Maroim! — Foi assim que nos recebeu o chefe da secção, sr. Basílio Tôrres. Mais

SERGIPE ARTIFICE



Uma vista de Aramarí

um sergipano e êste de família muito conceituada em nosso Estado.

Vai-se proceder a uma fundição de bronze.

Os alunos sabem que é idêntica à do ferro, dependendo, apenas, do ponto de fusão. O chefe mostra o revestimento do forno, explicando a sua composição para resistir ao calor.

A Seção de Serralheria, confiada ao sr. João Batista dos Santos, fica num prolongamento da seção precedente; é bem aparelhada, concorrendo, assim, para completar as instalações das oficinas mecânicas de Aramarí.

Na Serraria

O encarregado, sr. Augusto Ribeiro da Silva, atende, imediatamente, à nossa solicitação: — queremos, também, tirar proveito de sua oficina, Mestre, lhe vamos dizendo. Enumera as máquinas: — uma horizontal, serras de fita graduando de um milímetro até cem centímetros, serra francesa vertical desdobrando madeira de um milímetro acima, plaina gibóia, exclusivamente para desempenar; outras plainas de 4 faces, serras circula-

res; respigadeiras, etc. Não nos satisfaz conhecer as máquinas, diferentes das nossas sómente em proporções, mas desejamos vê-las funcionar e o mestre não se furta a mais êste favor.



À porta das oficinas de Aramarí, quando o Diretor dava instruções

Secção de Acolchoaria

Entramos justamente quando o chefe, Timóteo Valverde, prepara uma cadeira. Um chassis, com adaptação de molas, coberto de lona, cadarço, feltro, é revestido com rutim, palha trançada, pregados a taxa de ferro zincado. Trabalho de paciência. A cadeira,

em confecção, é para a classe do ramal Aracajú — Capela.

Na Secção de Eletrotécnica

Esta importante secção, a cargo do sr. João Cância, atende a tôdas as dependências, na instalação de carros, reparos de motores, etc. O mestre está sempre em atividade, locomovendo-se para as diversas secções.

Casa de Fôrça

Estamos diante da máquina môtora da tôda casa; é um motor «Diesel», com fôrça de 180 Hp., movido a petróleo; é de 550 amp. e 220 volts. Dois geradores conjugados, de 75 Hp. cada um tendo o movimento pela caixa de transmissão, completa o maquinismo da casa de fôrça. Outros dois motores «Diesel» estão sem funcionar. O chefe de máquinas é o sr. Messias Leopoldo.

Trazemos, de nossa visita uma cativante ofeita do sr. Augusto Ribeiro da Silva, chefe da Secção de Serraria, uma vista de Aramarí Guardá-la-emos como lembrança carinhosa e amiga.

Retornamos a Aramarí às 18 horas. Um dia todo de trabalho e de estudos!

Expressiva homenagem

A segunda projeção de nosso "Cinema Educativo" com que brindamos a sociedade local, deu ensejo a uma expressiva homenagem da Diretoria do Centro Operário, em harmonia com a mais distinta classe social de Alagoí-
nhas.

Luz e flores!

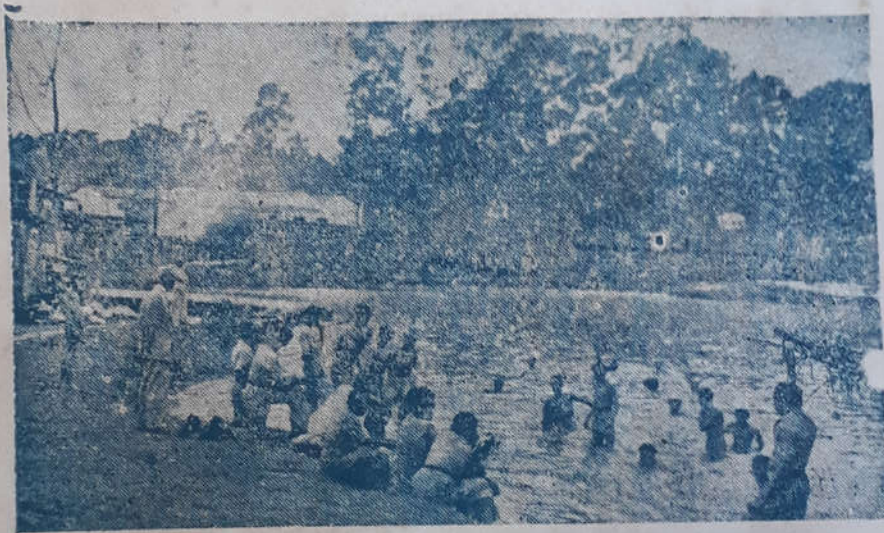
Às 20 horas, com a presença do Sr. Prefeito Municipal, outras autoridades, professores, cavalheiros e senhorinhas, iniciou-se a solenidade, com a apresentação do orador oficial do Centro, jornalista João de Castro, pelo seu presidente, sr. Juvenal Casais.

Com a palavra, o orador se mostra satisfeito pela oportunidade que é oferecida ao povo alagoí-
nhense de ter perfeita visão do ensino industrial no Brasil, pela organização modelar da Escola Industrial de Aracajú, que tem, como as suas congêneres espalhadas em todo país, a alta finalidade de formar profissionais áptos, operários capazes para a sua grande missão construtora da Pátria. Saúda os caravaneiros pelo Centro Operário Beneficiente e pela classe jornalística, na qualidade de redator-chefe do semanário "Correio de Alagoí-
nhas."

O substancioso e eloquente discurso do orador merece o nosso desvanecimento e os aplausos dos que o ouviram.

É o próprio Diretor quem agradece. Mostra-se sensibilizado à hospitalidade generosa do povo baiano aos filhos de Sergipe; salienta, com prazer cívico, a obra de exploração e povoamento em Ilhéus e Itabuna que vêm fazendo os nossos conterrâneos e seu auxílio na prosperidade de Alagoí-
nhas industrial, provando assim, que, para o progresso da Pátria, não há limites de terras nem ambições de lares; coloca, em para-

lelo, os poetas condoreiros Castro Alves e Tobias Barreto, lídimo-
s representantes desta escola literária no norte do País, e João Ribeiro e Carneiro Ribeiro figuras exponenciais como filólogos e educadores, produtos da fertilidade intelectual do Brasil, sem privilégio de extensão territorial nem situação geográfica, mas brotando em todo o seu domínio numa floração encantadora e variada; congratula-se com a Escola Profissional de Alagoí-
nhas por receber a influência direta do Centro Ferroviário de Ensino e



Banho na barragem de Aramarí

Seleção Profissional de S. Paulo, sob a clarividente e dinâmica orientação dos ilustres engenheiros: Roberto Mange, Italo Bologna e Hermenegildo Almeida, cujas atividades podera conhecer quando de sua viagem ao Sul do País; reafirma o seu contentamento pela bagagem de conhecimentos de que se muniam os excursionistas; agradece as cativantes manifestações de apreço dos operários de S. Francisco e Aramarí e à seleta assistência, particularmente, às autoridades presentes e entre calorosos aplausos termina o seu brilhante improviso.

SERGIPE ARTÍFICE

Dia 19

Uma aula de Tecnologia

O professor Felix de Matos, accedendo ao pedido que lhe fizéramos, prontificou-se a dar uma aula de Tecnologia Mecânica.

O professor Félix tem o dom de cativar e, assim os alunos assistem as utilíssimas lições com tóda a atenção e interesse. Realmente, a revelação do modesto instrutor, de gestos moderados, de voz pausada e refletida e de conhecimentos largos, justifica a disposição para ouvi-lo.

Foi uma aula de mestre, e de mestre estudioso e conciente!

Almôço de cordialidade

Encerra a nossa excursão uma significativa gentileza do sr. Diretor, oferecendo a os seus auxiliares um almôço íntimo, em que prima a maior cordialidade num convivio de expansiva alegria.

Interpretando o sentir de todos, a professora Leida Regis agradece a atenção que vem de receber, manifestando, ainda, o quanto os sensibilizara o conforto dispensado aos alunos, entregues

SERGIPE ARTÍFICE

aos cuidados dos professores, que ali tiveram de suprir, também, o carinho e a vigilância dos pais ausentes.

O dr. Clodoaldo Passos, vivamente emocionado, demonstrando, por sua vez, a satisfação que sente com o resultado da viagem excursionista e com o prazer reinante entre os caravaneiros, afirma o desejo de que esta cordialidade perdure, havendo, assim, um entendimento mútuo entre os que trabalham para o bem único de colocar a Escola Industrial de Aracajú dentro dos moldes e diretrizes de sua organização.

Dia 20

Domingo!

Dever de assistência à Santa Missa e nós, católicos, não podemos fugir ao preceito da Igreja.

Terminado o Santo Sacrifício, recebemos a bênção especial do Reverendíssimo Vigário, que elogia o garbo e a disciplina dos caravaneiros e o exemplo vivo de fé com que se afirmavam católicos praticantes.

Partida

São 10 horas!

Trocam-se as últimas despedidas...

Há um contentamento recíproco pelas amidas conquistadas e uma saudade dos dias em boa convivência!

O trem vai deixando a estação!...

"Viva a Classe laboriosa de Alagoinhas!"

— é o adeus comovido e entusiástico — e, em resposta, uma

chuva de flores invadindo a classe e impregnando o ambiente do perfume sadio de corações simples e reconhecidos!

Só ao dobrar a primeira curva deixamos de corresponder aos "adeuses" chegados até nós pelo agitar incessante dos lenços e chapéus.

Viagem de retorno

Chuva, cansaço; a ânsia de rever a família, tudo concorre para tornar a viagem enfadonha e fatigante!

Amenisam-na, entretanto, a solicitude e atenções dos srs. Arcenio Costa e Justino Pinto, respectivamente, chefe de trem e guarda-freio da composição, dispensadas aos excursionistas.

A professora Alaíde Costa, também não gosta de tristezas e trata de animar o meio, improvisando uma "Hora de Alegria!"

Sucedem-se os cantores, muitos causando verdadeiras surpresas em vozes e em números escolhidos!

O Antônio dos Santos é o "rei" e ninguém o destrona; tem um repertório variado e uma voz atenorada... Com um bom "treino" poderá enfrentar o microfone da nossa "Rádio Difusora".

Chegada

Meia noite!...

Vamos chegando a Aracajú!

A "Cidade Menina" choramunga uma pieguice de criança mimada, mas não perde a graça e o encanto das carinhas amuadas e contrafeitas pelos caprichos infantis.

Parece, no entanto, que a "choradeira" não passa de saudade de sua gente, pois a nossa presença faz a "Cidade Menina" sorrir, como sempre, pelos olhitos brilhantes, que piscam para nós com faceirice brejeira.

Engenheiro Souza Aguiar

A Escola Industrial de Aracajú, devedora ao ilustre Diretor da Divisão de Obras, Dr. Souza Aguiar, o interesse com que vem beneficiando as obras de melhoramento das condições pedagógicas e higiênicas de sua sede, por meio do seu periódico "Sergipe Artífice", traz o testemunho público de sua gratidão, extensiva aos seus dignos auxiliares.

As iniciativas e empreendimentos do sr. Diretor desta Escola tem encontrado franco apôio dessa entidade administrativa e, por isso, a Escola Industrial de Aracajú espera, em breve, adaptar-se às exigências de acomodações e aparelhamento requeridas pela nova lei que regula a sua finalidade.

Justa é, pois, a nossa homenagem sincera, em cumprimento ao imperioso dever de gratidão.

Albatênio

MOHAMED BEN DSCHABIZ BEN SINAM ABU ABDALLAH AL BATANI AL HARRANY, ASTRÓNOMO E FILÓSOFO ARABE, N. EM BATAN (SÍRIA) NO ANO DE 854 E M. EM 929. APARECE NA HISTÓRIA, APONTADO COMO UMAS DAS PRIMEIRAS FIGURAS ENTRE OS ASTRÓNOMOS MAIS NOTÁVEIS DO MUNDO.

A MAIORIA DE SUAS OBSERVAÇÕES ASTRONÔMICAS FORAM FEITAS EM ANTIÓQUIA E RACAHOU ARACTA, HOJE RACCA, CIDADE CALDAICA, E POR ESSA RAZÃO ERA O FILÓSOFO APELIDADO TAMBÉM *Mohamedes Aractenses*, AO PASSO QUE OS AUTORES LATINOS O CONHECERAM POR *Abategnius* OU *Albatênio*.

Do "Dicionário curioso e recreativo da Matemática" — Melo e Sousa.

REALIZAÇÃO

Em MARCHA

A organização da "Biblioteca da Escola Industrial" obedeceu as instruções técnicas e contidas na série especial B 2 - Biblioteconomia lançada pelo Instituto Nacional do Livro.

Tipos de bibliotecas

São considerados tres tipos de bibliotecas — menor, médio e maior. A quantidade das obras possuídas estabelece a seguinte denominação para as bibliotecas dos diversos Municípios brasileiros:

Biblioteca menor (de 300 a 1000 obras)

Biblioteca média (de 1000 a 2000 obras)

Biblioteca maior (de 2000 em diante)

A biblioteca da nossa Escola está enquadrada na denominação de biblioteca menor por constar menos de mil volumes.

Classificação

Classificação é a disposição sistemática dos conhecimentos humanos no intuito de defini-los adequadamente, determinando-lhes os limites e as correlações.

Em biblioteconomia classificar livros é o processo de agrupá-los sistematicamente, isto é, por ordem dos assuntos indicando em cada um o grupo, a classe, a divisão a que pertencem.

Todos os trabalhos de organização da biblioteca giram em torno da classificação.

O sistema mais difundido é o da Classificação Decimal, inventado por Mevil Dewey, bibliotecário americano e adotado pelo Instituto Internacional de Docu-

mentação, como classificação universal.

A Classificação Decimal é a representação, por números classificadores decimais, de todas as ciências e todas as atividades humanas, dispostas em ordem rigorosamente sistemática, indo do geral ao particular, do gênero à espécie. Este sistema consiste na divisão dos conhecimentos humanos em 10 grupos, a saber:

- 0 Generalidades.
- 1 Filosofia.
- 2 Religião. Teologia.
- 3 Ciências Sociais.
- 4 Filologia. Linguística.
- 5 Ciências puras.
- 6 Ciências aplicadas.
- 7 Belas artes.
- 8 Literatura.
- 9 História. Geografia.

Catálogo

A existência de catálogos é uma necessidade premente. O bibliotecário e os leitores devem conhecer as obras que possuem, os autores destas obras, os seus títulos e o assunto de que tratam.

Fica confirmado que é indispensável a catalogação. Catálogo é a enumeração de coisas classificadas metódicamente, de maneira que forme um todo sintético do assunto.

Fichário

Não pode existir uma biblioteca sem fichários bem organizados. Fichários são gavetas leves, de fácil manejo, próprias para guardar as fichas, metódicamente colecionadas. Além do fichário há o ficheiro ou simples caixa para o serviço de consultas.

Organização

Em biblioteconomia, ficha é uma simples papeleta, que des-

SERGIPE ARTÍFICE

crevendo resumidamente as minúcias individuais características de cada documento, registra, identifica e indica as obras existentes na biblioteca. A uniformização dos formatos das fichas e da sua redação facilita a conservação das notícias bibliográficas nos fichários.

Serviço de consultas

Na parte tocante às consultas e requisições de livros, observa-se o seguinte: quanto mais fácil for a retirada de um livro, tanto maior será o número de leitores.

Conclusão

Dentre as iniciativas que indiscutivelmente tem logrado êxito, salientamos a organização da "Biblioteca Escolar," que veio, sem dúvida alguma, preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir.

Apezar de iniciada precisamente há mais de cinco lustros, essa realização, tornou-se imprescindível, para elevar o nível cultural de todos aqueles que procuram adquirir conhecimentos na pira sagrada da sabedoria, luz bendita, manancial perene para os cérebros embotados e carcomidos pela fadiga e pelos anos, porém, desejosos de soerguer dos escombros um novo alicerce, base onde se apoiará a juventude brasileira, muralha inexpugnável que defenderá o nosso território pátrio.

A biblioteca desta Escola Industrial iniciada na gestão do Dr. Queiroz Couto, tomou impulso na administração do Dr. F. Casatele Branco.

As grandes idéias não são relegadas ao esquecimento, não são lançadas no estracismo.

Como se organizar uma biblioteca

Não é uma tese que vou explicar. Não me sobeja inteligência esclarecida para o assunto e, muito mais, falta-me a prática biblioteconômica.

Valho-me de observações apressadas e, essas é que me induzem a elaborar os verbetes abaixo.

Em uma biblioteca, que se destina à leitura alheia, devemos ter em mente, no organiza-la, a sua classificação.

E, assim, os professores e os alunos não encontram dificuldades, mesmo em se tratando de problemas os mais complexos.

O trabalho de reorganização está sob a orientação direta da Professora auxiliar D. Alaide Costa, designada pelo Sr. Diretor para desempenhar tal encargo.

É animadora a afluência de leitores e consulentes à sala destinada a êsse fim, em horários adequados, de modo que não seja óbvia a marcha regular dos trabalhos diários.

Estamos certos de que o Dr. Clodoaldo Passos, tudo fará para a continuação de objetivo tão útil quão indispensável, num estabelecimento de ensino secundário.

Por parte dos auxiliares da Escola Industrial, nada será poupado para o seu maior engrandecimento.

Dentre as que mais são seguidas geralmente pelas casas de livro entre nós, ressalta-se a Classificação Decimal. Devêmo-la ao gênio inventivo de Mevil Derwy, que, com aquele espírito prático de todo "Yankee" procurou resolver, de vez, o problema, dividindo os poliformes conhecimentos culturais em 10 grupos, subdividindo-se tal dezena em dez classes que, por sua vez, são partidas em outras dez divisões.

Quando uma biblioteca não possui o seu respectivo "Ex-libris", naturalmente os livros da mesma têm de ser marcados ou carimbados.

Os carimbos que têm o nome da biblioteca, são postos na parte interna das capas, e nas páginas 33 e 99, quando houver.

Quase em toda biblioteca que se organiza o que primeiro é objeto de fichário é a onomástica do autor, por ordem alfabética de seus cognomes.

Em biblioteconomia, entende-se por ficha uma simples papeleta geralmente em cartolina que resumidamente descreve as características de cada documento, identificando e indicando as obras existentes na biblioteca.

Mais tarde, quando feito o fichário onomástico do autor, será então organizado o da obra, que trará o nome do autor e a repetitiva edição.

O livro deve estar sempre guardado como objeto precioso que é, protegido não só contra os estragos, mas mui principalmente, contra os desvios. Com um fichário bem organizado, com uma catalogação perfeita, classificada convenientemente, um montão de livros já é uma biblioteca, porque biblioteca é, intrinsecamente, um mundo de amigos mortos que nos dizem admiravelmente tudo que lhes consultamos. O livro é o maior amigo do homem. Zela-lo é recorrer o mérito que êle tem e seu templo onde o adoramos com as veras dalma é a Biblioteca.

Aracajú, 15 de Agosto de 1943.

Maria Cecilia C. Pinto

O Trabalho

O trabalho é que nos fornece o pão de cada dia.

Todo homem deve trabalhar, tanto o pobre como o rico. Aquêle que não trabalha é ocioso. O pobre deve trabalhar para garantir a sua existência e o rico deve também não só para conservar os seus haveres, como também para não se habituar neste grande mal - a preguiça.

"A preguiça é a mãe de todos os vícios," dela vêm o roubo, o assassinio, etc.

Todo trabalho é honroso seja êle qual fôr, contanto que seja feito com dignidade.

O trabalho pode ser de duas maneiras: manual e intelectual. Manual é o que fazemos com as nossas mãos, intelectual é o que fazemos com a nossa inteligência.

Iolando Santana

(2.ª série "A")

NÃO OLVIDEMOS O GRANDE MAUÁ, O CAXIAS DE NOSSA UNIDADE ECONÔMICA.

Centro Técnico

Obra do clarividente espírito do Dr. Nilo Peanha, constituem as Escolas Profissionais importante fator do progresso, para a grandeza da Nação.

Tão útil quão humanitária instituição já carecia de nova orientação. O govêno atual, cõncio da sua responsabilidade e de que o progresso do Brasil será maior quando fôr melhor o grau de cultura de seus filhos, vem cuidando com especial carinho do problema

A valorização do ensino industrial

(Continuação)

por Escolas Oficiais, enquanto que os nossos artífices ficam, lamentavelmente, à retaguarda. Espinhosíssima é a tarefa que encetamos para debater e demover os princípios arraigados que perduram no povo brasileiro de não querer que seus filhos sejam artífices nem cursem qualquer Escola que tenha ramificação com as artes. E para darmos combate a todos êstes princípios, muito temos que lutar, muito temos que pelear, promovendo, desta sorte, propaganda pela palavra, pelo rádio e pela imprensa.

A nossa Escola, aqui em Aracajú, não ficou desapercibida à nova Lei criada, mermente porque tem à sua frente a pessoa do Dr. Clodoaldo Vieira Passos, homem dinâmico e empreendedor, que não tem poupado esforços para engrandecê-la e elevá-la.

Jesuino F. de Oliveira
(Professor do Curso de Marcenaria)

educacional, dotando as Escolas de instalações modernizadas e de um programa bem elaborado, mais adaptável à futura posição do artífice.

Aqui em Sergipe, a Escola Industrial já está sob a nova orientação, afastando-se dos métodos rotineiros de então. O Dr. Clodoaldo Vieira Passos, seu incansável diretor, no sentido de bem coordenar o trabalho e aproveitar a tendência dos alunos, criou, por portaria nº. 24, de 4 de Novembro de 1942 o "Centro Técnico da Escola Industrial de Aracajú", com as múltiplas funções de elaborar desenhos destinados à confecção de objetos nas diversas oficinas, controlar a aprendizagem das matérias de cultura técnica, orientar os alunos da 1ª série após o rodízio, à escolha do ofício de acôrdo com o seu pendôr profissional, organizar testes, etc.

O "Centro", apesar de contar com tão pouco tempo de trabalhos ativos, já tem impressas as vantagens de sua fundação. É que conta com auxiliares dignos e hábeis, concientes da missão do mestre na função educacional. Os seus trabalhos confiados aos cuidados dos professores auxiliares Humberto da Silva Moura e Josino Pinheiro de Carvalho e a contribuição inteligente do professor do Curso de Tipografia e Encadernação e Aparelhos Elétricos Manoel Messias dos Santos, estão em plena atividade, já sendo relevantes as vantagens que se fazem sentir no aproveitamento aos alunos dos diversos cursos.

Está pois, de parabens o Diretor que, mais uma vez, vem patentear o seu zelo à causa do ensino, não poupando esforços para, numa orientação sã, contribuir para a grandeza do seu pequenino Sergipe.

Eis, na íntegra, a portaria focalizada:

PORTARIA No 24

O Sr. Dr. Diretor da Escola Industrial de Aracajú, no uso das suas atribuições —

Considerando a falência dos velhos e rotineiros moldes nos quais, de longa data, se calçou a instrução profissional, no País;

Considerando, para recrutamento do corpo discente à matrícula, ser recomendável ensaiar a pesquisa de aptidões mentais e funcionais, pelo processo seletivo de provas de psicotécnica;

Considerando, que, em face do progresso verificado no campo industrial e do desenvolvimento do ensino, cumpre racionalizar e orientar a instrução qualificada, para valorização do material humano;

Considerando a necessidade de metodizar o ensino e o aperfeiçoamento profissional, na Escola, como medida altamente econômica na formação de pessoal capaz;

Considerando, em suma, a conveniência da instituição de um órgão controlador da aprendizagem seriada das disciplinas de cultura técnica;

RESOLVE:—

1) Criar o Centro Técnico da Escola Industrial de Aracajú, sob a imediata orientação do Diretor e colaboração dos docentes de desenho e dos ofícios, com a finalidade de —

a) cuidar da propaganda e difusão do ensino seletivo e de formação racional;

b) organizar os planos educativos e os programas das disciplinas de cultura técnica, inclusive séries didáticas e modelos de baterias de provas;

c) dar desenvolvimento ao curso das cadeiras de tecnologia;

d) metodizar o ensino de desenho técnico ou industrial;

e) ocupar-se de todo e qualquer trabalho projetivo ou construtivo de interesse da Escola.

2) Instituir a Seção de Assistência Técnica, órgão integrante do próprio Centro, para estabelecer não só em caráter afirmativo, a imediata ligação entre êste e o Diretor da Escola, como também para cooperar eficientemente na organização, instalação e funcionamento da citada entidade, dentro das atividades técnicas esboçadas.

(Conclue noutra página)

Ensino seriado na

Escola Industrial

Foi o Snr. Dr. Clodoaldo Vieira Passos, atual diretor deste Educândario, que muito vem se interessando pelo desenvolvimento e progresso da Escola quem, obedecendo às determinações emanadas do Ministério de Educação e Saúde, estabeleceu a seriação nos diversos cursos do nosso ensino industrial.

Muito embora não contando, ainda, com eficiente adaptação do prédio e utensílios necessários, podemos dizer que com o espírito empreendedor do Snr. Diretor e a cooperação constante dos Snrs. Professores que não se furtam em dar cabal aprovação às boas iniciativas, o ensino seriado em nosso meio tomará um vulto de considerável apreciação.

Tem o s frequentemente combatido o pessimismo dos que pregam a decadência do ensino seriado e que, por não estarem afeitos às suas normas, ignoram as ótimas vantagens que o mesmo tem proporcionado.

Todavia, não escurecemos nem deixamos de reconhecer algumas falhas, apontando-as, sempre que, direta ou indiretamente, nos é possível contribuir para remediá-las.

Já não nos devemos basear mais em processos antiquados e ficar marcando passo num campo de quilometragem extensa e de uma planície monótona, sem o relêvo que leva à ascensão, como opinam os retrogradados e os de limitada visão.

Se tudo de início demonstra que um futuro risonho teremos, por que nos sugestionarmos com opiniões vagas e incertas?!..

Na estrada do bem, quem pára recua.

Novos métodos de ensino têm surgido com eficiência e este é um deles.

Sabemos o que é necessário ensinar, mas, dada a evolução notória da sociedade, somos obrigados a uma contínua modificação de métodos e processos, reduzindo, por conseguinte, o problema a uma questão única: Como ensinar!

Vem sendo interesse máximo desta Escola, educar e preparar o aluno, objetivando uma verdadeira competência técnica de trabalho metódico, de

modo a torná-lo apto a exercer, com eficiência, a profissão que lhe aprouver, e auferir no futuro, pelo seu esforço e capacidade, a subsistência e bem estar, a felicidade, em suma, pleno contentamento e convicção de sua escolha, concorrendo, assim, para o bem coletivo ou social, pela aplicação dos seus conhecimentos a um fim produtivo.

Visando esse interesse de bem encaminhar os moços para a vida prática e para um futuro brilhante seu e do Brasil, a Escola tem organizado um Centro Técnico, composto de professores hábeis e incansáveis sob a orientação do Snr. Diretor que, por meio de testes e preleções, vêm procurando esclarecer o ânimo dos alunos, encaminhando-os, convenientemente na escolha de sua profissão, baseados no artigo 81 da Reforma Capanema, que resa o seguinte:

"É função da orientação educacional mediante as necessárias observações cooperar no sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente na escolha de sua profissão, ministrando-lhe esclarecimentos e conselhos sempre em entendimentos com a sua família"

Seguindo esta série de advertência, o centro Técnico desta Escola não se furta em acompanhar a cada passo a vocação do aluno, pesando e medindo os fatores de educação, inteligência, aproveitamento, interesse, dedicação, atividade, raciocínio, etc., procurando despertar no mesmo o desejo de aprender e progredir com real aproveitamento.

Heribaldo T. de Menezes
(Professor do Curso de Alfabetaria)

«Serra de fita

O tamanho do ângulo de corte dos dentes da serra, regula entre 4 e 6,5 graus. Este ângulo deverá ser escolhido de acordo com a qualidade da madeira a ser desdobrada e a velocidade de avanço.»

ALGEBRISTA

Designação dada, em sentido pejorativo, aos matemáticos que só se preocupam com as teorias áridas, complicadas e inúteis da Matemática.

O professor de Matemática que é algebrista afasta-se por completo da realidade e parece inspirado pela preocupação constante de torturar os seus alunos com problemas abstrusos ou com equações difíceis sem utilidade alguma.

O algebrista obcecado pela mania de exprimir tudo por meio de fórmulas deturpa e mutila tôdas as belezas da Matemática.

Convém recordar sempre as expressivas palavras do célebre geômetra Cauchy:

Existem outras verdades além das verdades da Álgebra, outras realidades além dos objetos sensíveis. Cultivemos com ardor a Matemática sem querer estendê-la além de seu domínio; e não pretendamos imaginar que se possa abordar a História com fórmulas, nem fixar princípios morais com auxílio de teoremas de Álgebra e de Cálculo Integral".

(Do "Dicionário curioso e recreativo da Matemática" — Melo e Souza)

ABEN-DRALTH

O matemático judeu Aben-Deuth viveu em Sevilha na primeira metade do século XVII. Converteu-se para o Catolicismo e foi batizado sob o nome de de Luna (Hispanemis). São atribuídas a esse matemático várias traduções, para o castelhano e para o latim, de obras dos geômetras árabes. Foi o primeiro que indicou, por meio de exemplos numéricos, a extração da raiz quadrada de um número escrito no sistema decimal.

Do "Dicionário curioso e recreativo da Matemática" — Melo e Souza)

O problema alimentar

Conclusão

(4) *Complexo B* — composto de muitos fatores, entre eles — vitamina B1 ou aneurina, a vitamina B2 ou riboflavina, a vitamina B6 ou adermina.

A *vitamina B1* encontrada nas sementes dos cereais, na levedura, nas vagens, ervilhas, cenoura, carne de porco e de vaca, vísceras, ovos, limão, laranja, banana. Ela tem ação sobre o metabolismo intermediário das glucidas. É necessária à conservação do tonus da musculatura, do estômago e do intestino. Sua deficiência provoca polineurites.

A *vitamina B2* largamente disseminada no reino animal e vegetal: leite, ovos, fígado, músculos, levedura, queijo, trigo, espinafre, banana, etc. É fator auxiliar do crescimento e fator anti-anêmico.

A *vitamina B6* ou piridoxina empregada na terapêutica da pelagra e do beri-beri.

A *vitamina C* ou ácido ascórbico largamente encontrada nas frutas, verduras e legumes: cajú, mamão, laranja, goiaba, limão, lima, manga, tangerina, abacaxi, agrião, alface, cenoura, beterraba, espinafre, rabanete, cebola. A vitamina C tem influência marcada na nutrição da substância intercelular do tecido conjuntivo frouxo, tecido ósseo, dentina e endotélio vascular. Sua deficiência favorece as cáries. O ácido ascórbico aumenta a resistência às infecções, influe no metalismo do cálcio e do ferro.

A *vitamina D* tem como fontes o óleo de fígado de bacalhau, halibut, tubarão, cação, baleia, gema de ovo, leite, alface, espinafre, banana. A vitamina D tem

Os "Micro-Modéstia"

Quem estuda elementarmente as leis da energia elétrica sabe, perfeitamente, que a força-eleto-motriz é produzida pelo movimento dos eletrões. Os eletrões são elementos constituintes do átomo que, por sua vez, é a parcela mínima da matéria. São pequeníssimos os átomos e quasi infinitamente menores os eletrões. São os últimos, os eletrões, a causa de nossa preocupação nestas linhas:

Prestimosos, incansáveis, sempre prontos a bem servir, não escolhem

ação fisiológica sobre o metabolismo do cálcio e do fósforo em colaboração com as glândulas paratiroides. A sua deficiência produz o raquitismo.

A *vitamina E* tem como fontes principais o trigo, as verduras e legumes, manteiga, gema de ovo e leite. É fator de importância para a reprodução.

A *vitamina K* encontrada no fígado dos peixes, no espinafre, ervilha, etc. É necessária ao mecanismo de coagulação do sangue. Sua deficiência, associada a outras causas explica a síndrome hemorrágica das formas graves de doenças hepáticas.

Além de todas estas noções aqui sucintamente expostas, necessário se torna o conhecimento dos alimentos em sua composição, digestibilidade e preparo culinário. Na Escola Industrial de Aracajú, com o decidido apoio de seu ilustre diretor, procuramos adotar um regime alimentar baseado nos princípios acima expostos, atendendo naturalmente aos limites das dotações orçamentárias e às condições peculiares do meio em que há escassez de verduras e legumes.

(Para os meus alunos do Curso de Aparelhos Elétricos e Telecomunicações)

hora do dia ou da noite, não se importam se chove ou faz sol. Onde quer que se lhes chamem, eles, de bom grado, se apresentam.

E trabalham dias inteiros, ininterruptamente, ao sol e ao frio, sem fadiga, desafiando tempestades ...

A empreendimentos maravilhosos como os da produção da luz, do som, da cor, da energia mecânica e da energia cinética eles não se escusam, não poupam a sua cooperação, ainda que no seu trajeto surjam impêços.

Têm a compreensão perfeita do princípio salutar da solidariedade; tanto assim que não se apresentam isolados, mas aos grupos de milhões.

Entretanto, o que mais nos impressiona, o que realmente admiramos nos eletrões é a sua desmedida "modéstia", a sua nobreza de "espírito"! Nada exigem pelo muito que fazem! Fogem da curiosidade do homem de tal forma que nem poderosos e indiscretos microscópios puderam evidenciar a sua forma. O que lhes contenta é vêr o homem sorrir, extasiado, diante das cousas maravilhosas engenhadas por eles!

Vêde bem, meus meninos, que ensinamentos preciosos nos transmitem os eletrões! Imitai-os e muito lucrareis. Sede simples e sincero; afastai da vossa vida na sociedade as ficções e a vaidade. Não vos orgulheis do pouco que tendes produzido e nem limiteis o que tiverdes aprendido.

Estudai, estudai sempre!

MANUEL MESSIAS
DOS SANTOS

SERGIPE ARTÍFICE

Os grandes homens e a fé cristã (Conclusão)

cimento, mas de profundo exame. Sou católico sincero, como o foram Cornelle, Racine, Brue-ère, Bossuet, Boudaloue, Fénelon, como o foram e ainda em grande parte são os homens mais distintos da nossa época, os que maior honra fizeram à Ciência, os que mais ilustraram as nossas Academias. Perfilho as profundas convicções em que suas palavras, obras e escritos manifestaram tantos sábios de primeira ordem, como sejam os Ruffini, Haüy, Laennec, Ampère, Pelletier, Freycinet, Coriolis. E se para não lhes melindrar a modéstia, deixo de citar vivos, posso contudo dizer, com satisfação, que eucontrei tôda nobreza e tôda generosidade da fé cristã em meus illustres amigos, no criador da cristalografia (Haüy), nos inventores da química e do estetoscópio (Pelletier e Laennec), no célebre navegador a bordo da «Urania», assim como no imortal criador da electricidade dinâmica (Freycinet e Ampère). Valson, Vie de Cauchy.

A palavra poderia passar, mas se não estivesse alicerçada no exemplo magnífico de fé e de sabedoria destes Gênios que acima das cousas criadas, cujas belezas contemplavam maravilhosos, sabiam colocar o Autor Onipotente, curvando-se, ante a Sua infinita magestade, admirando-o "no perfeito o perfectíssimo".

Segundo os seus biógrafos, foram todos eles bons cristãos e as suas afirmativas são como que um convite ao jovem receioso de "parecer medíocre" para um estudo mais profundo da verdadeira ciência que o levará, infalivelmente, a proclamar a sua Fé, convicto da realidade desta expressão de Rogério de Bacon, "sábio que ilustrou o seu século

Psicotécnica

HUMBERTO S. MOURA
Professor de Desenho Técnico

Com o crescer dos povos, a natureza humana tem sido amplamente divulgada através de estudos Científicos e Técnicos.

E posto em equação o organismo humano e as necessidades da vida, o homem pôde adaptar-se a um trabalho sistemático e progressivo, chegando a um elevado grau de capacidade.

A vida na sociedade impõe ao indivíduo, condições e leis imitáveis, variando tão somente de época e de costumes. O homem é um ser que difere do outro por formação orgânica, instinto e caráter, seguindo cada um o campo de seu objetivo.

O estudo do homem no trabalho se baseia, hoje, em fontes insofismáveis, não existindo mais lugar para imperícias e o emperismo, seguindo, tudo, a determinadas condições fisiológicas.

Pouco importa a qualidade do trabalho, conquanto que este satisfaça, plenamente, as funções vocacionais do trabalhador.

Com o aparecimento das máquinas, a princípio, parecia que fora posto o homem no ostracismo, mas adquiriu êle preponderância e qualidades essencialmente técnicas. Com isso, as energias físico-psíquicas foram poupadas, aumentando, outrossim, a produção industrial ou científica.

Os ensaios de psicotécnica são tão velhos como Platão e Xenofonte, entretanto, tomaram vulto depois da guerra de 14, primeiro na França, segundo na Alemanha, terceiro nos Estados Unidos da America e, depois, por toda a Europa.

na cultura das Ciências físicas":
— "A pouca Ciência afasta de Deus, a muita faz a Ele voltar".

O objeto essencial da psicotécnica é fazer pelo método dedutivo, a análise do organismo humano, dando ao trabalhador um caráter puramente técnico e convincente de sua profissão, proporcionando-lhe melhores rendimentos no mais curto espaço de tempo possível, sem fadiga e fracassos imprevistos. Nesses estudos entram os fatores — tecnológico, psicológico e fisiológico, para que se tenha resultados técnicos e práticos.

Feita a seleção do trabalhador, para um determinado trabalho resta tão somente, entrarem em ação os fatores esforços, quer psíquico, quer muscular. A atenção é logo despertada quando se pratica uma resistência, entrando, o campo nervoso, em seguida em completo funcionamento.

Mas se não houver harmonia entre as células, estas entram em prematura decadência, sendo inevitável o tédio ou a monotania ao trabalhador.

Segundo os psicotécnicos experimentados, os músculos não interessados no trabalho entram em contrações pelos braços, pelas regiões musculares mais afastadas, pelas face e, finalmente, por todo o corpo, de modo generalizado.

O que é lamentável é que, tão divulgada que está a pedagogia moderna, mesmo professores e homens de letras induzem os filhos às profissões fora de seus gênios, sendo a causa de tantos desenganos, decepções, fracassos, erros e suicídios. Quantos bachareis, médicos, engenheiros erram suas profissões, procurando, depois, as portas dos empregos públicos? Quantos marceneiros deviriam ser matemáticos ou cientistas?

Que importa que o filho do estadista seja alfaiate?

Contanto que seja o objeto de

(Conclue noutra página)

F. Mero de Sampaio

Conclusão

tudo de inúmeras questões de ordem pedagógica e administrativa, com o ser um fato inédito na história do ensino técnico no Brasil, é uma prova inequívoca dos objetivos educacionais que animam a lei orgânica do ensino industrial, assinada por V. Ex. em 30 de Janeiro de 1940".

O governo de V. Ex. se impõe à consideração pública por inúmeros aspectos de características inéditas na história política do país. A admirável compreensão dos verdadeiros problemas nacionais, a limpidez dos ideais profundamente humanos ajustados à realidade sociológica do meio brasileiro, a firmeza nas resoluções dos problemas de natureza vital, revelam a decisão assombrosa de um estadista disposto a recuperar, para a nação, o meio século de existência administrativa quasi estéril.

Aos muitos atos do labor insano que dedica à reconstrução nacional, legado precioso de benemerência pública, V. Ex. adicionará mais este: o de ter dotado o ensino industrial brasileiro de unidade, flexibilidade. Aparelhamento técnicos estímulos e ideais.

De unidade, porque a atual lei orgânica do ensino industrial correspondendo à filosofia do Estado, põe termo à fragmentação e aos desníveis de um sistema, sem plano orientador, que vegetou divorciado das legítimas aspirações do meio. Estadista como João Alfredo, Rui Barbosa e Nilo Peçanha, os dois primeiros preconizando a inadivável urgência da organização de ensino que preocupava o mundo daquele tempo e o último iniciando, em 1909, um programa de realizações objetivas, com as antigas escolas de aprendizes artífices, as iniciativas estaduais, esparsas ou de simples adaptações de sistemas estrangeiros e as tentativas audazes, com as de Bethencourt da Silva, nesta Capital, e Ramos de Azevedo, em São Paulo, além de outras que o tempo privamente de citar, constituíram várias modalidades de esforços no sentido de dotar o país de um sistema de ensino industrial. A experiência, porém, demonstrou a quasi totalidade desses gigantescos compromissos porque a ausência de uma política definida

impossibilitava a existência e consequente manutenção de um sistema educacional. Com a atual orientação política V. Ex. criou ambiente propício à eclosão de um sistema apoiado nas legítimas solicitações do meio. Assim, o plano orientador do ensino industrial, com suas várias modalidades de cursos para a preparação profissional atende aos interesses da nação, promovendo a mobilização dos construtores da economia e cultura, e aos das indústrias, fornecendo-lhes os elementos humanos eficientes para a mão de obra adequada a cada mister.

Criando o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)—consequência direta do plano regulador do sistema escolar industrial — V. Ex. completou o sistema, dotando-o do maior e mais sólido alicerce.

De flexibilidade, porque a lei orgânica não cuidou somente das várias modalidades dos cursos, desde a aprendizagem industrial até a formação pedagógica mas, também, estabeleceu articulação inteligente entre os vários graus do ensino, permitindo que dos cursos artesanais ou primários se passe para o grau industrial básico, deste para o de mestria ou técnico, e se alcance, por ambos, a formação pedagógica. Mas o que se nos afigura resolução de elevada importância para o país é a articulação do ensino secundário com o técnico industrial e deste com o superior.

O sistema escolar brasileiro rígido e acanhado, não oferecia oportunidade às inúmeras vocações e interesses do mundo moderno. Hoje, a mocidade encontrará as mais variadas possibilidades de cursos e todos organizados para atender às atuais necessidades do meio e as de futuro bem próximo. A siderurgia, a força magna a nossa independência, que lhe cobre de glória imorredura, desde cedo, receberá o concurso de operários e técnicos brasileiros.

De aparelhamento, porque V. Ex., prestigiando a obra clarividente do Ministério da Educação autorizou a construção das novas células desse organismo escolar e dotou-as das instalações indispensáveis à realização dos cursos. Com as escolas existen-

Ligas metálicas

Bronze lostoroso — É composto de 22 partes de cobre, 18 de estanho e 1 a 2% de fósforo; emprega-se em aros para êmbolo e em peças em que se exige grande resistência. A sua resistência à ruptura é 52 quilogramas por milímetro quadrado, enquanto que o bronze vulgar é 22 quilogramas. A fricção também é menor.

Latão. — As proporções usuais são 63 partes de cobre, 35 de zinco e 2 de chumbo;

— Para tubos de condensadores 70 partes de cobre e 30 de zinco

tes, que vão enriquecendo suas instalações, e com as que se são construídas, logo que a situação do país permita, a rede escolar será uma realidade magnífica. Os setenta e oito milhões de cruzeiros já despendidos nessa obra exprimem, de modo significativo, a atenção que V. Ex. dispensou a tão revelante problema.

Com o contratação dos 28 técnicos suíços e, agora, com os norte-americanos, as escolas disporão de técnicos idôneos e professores experimentados no ensino de matérias e técnica para as quais não possuímos quadros especializados. Assim, em um futuro breve, teremos as nossas equipes á altura das necessidades das indústrias e do ensino.

Finalmente, de estímulos e ideais porque V. Ex., com aguda e rigorosa precisão, traçou os rumos de uma política educacional que corresponde às solicitações do meio e que, por isso mesmo, encontrará entre mestres e alunos, aquelas reações favoráveis que predispoem ao estudo, ao aperfeiçoamento e posteriormente, à formação daquela consciência profissional, apanágios dos técnicos que se orgulham da sua profissão, que representa a forma animadora de todo progresso.

Eis aqui, Sr. Presidente, a razão dos nossos irrestritos aplausos a essa obra notável de difusão e aperfeiçoamento profissional, à qual estamos ligados por antigos ideais, e pela qual daremos o que os nossos engenhos permitirem."

«Mecânica» educativa

(Continuação)

que cuidadosamente elimine o material humano que não apresente as características indicadas para um bom professor. Apesar de todas as medidas de precaução, saem diplomados professores que, são verdadeiros fracassados na vida profissional. Imaginemos, por um instante uma escola cujo corpo docente é constituído de professores nomeados por influência política e inteiramente destituídos da "fibra" magisterial. No seu funcionamento surgirão a todo instante uma série de incidentes, que levarão o Diretor ao desânimo, uma vez que há cilindros, isto é, professores falhando (falta às aulas, licenças, etc) ou sem a necessária potência (falta de preparo) ou ainda criando atritos desnecessários (intrigas, falta de compreensão, falta de cooperação, etc).

Assim como nos motores há defeitos que comumente são encontrados, também numa escola, o corpo docente apresenta uma série de defeitos freqüentes. Os mais comuns são os seguintes — 1º *falta de preparo técnico*, que impossibilita a transmissão de conhecimentos, dada a ausência ou deficiência dos mesmos. 2º *falta de preparo pedagógico* — que dificulta a transmissão dos conhecimentos pela ignorância dos métodos mais aconselháveis. 3º *falta de vocação*, que torna penosa, tanto para o professor como para o aluno, esta mesma transmissão. 4º — *falta de filosofia* — que leva o professor a ministrar conhecimentos supérfluos e mesmo inúteis, tirando assim o lugar e o tempo necessários para a aquisição de valores realmente aproveitáveis.

Esta é a situação real de um

grande número de escolas, constituindo um problema muito sério para os educadores. É muito difícil sanar estas falhas, dada a complexidade do problema. Com um certo esforço poder-se-ia remover os fatores que não dependem da natureza humana do professor — como sejam a falta de preparo técnico pedagógico e filosófico.

Mediante cursos de revisão e extensão, leitura de bons livros técnicos e pedagógicos e constantes reuniões do corpo docente e m ambiente sincero e compreensivo, será possível melhorar as deficiências apontadas.

Infelizmente, não há processos nem conhecimentos que façam nascer a "vocação".

A falta desta parece ser um mal incurável e cujos resultados funestos só desaparecem com a morte ou a aposentadoria.

A única forma de impedir que isto aconteça é evitar a entrada de professores com este grave defeito.

Quando os processos de seleção forem mais perfeitos, fatalmente o fator "vocação" influirá, de forma decisiva, na admissão de professores, devendo pesar mais que a cultura técnica ou a pedagógica.

Como para manter o motor em bom funcionamento é necessário o fazer de quando em quando, uma "revisão," assim, também, na escola, esta "revisão" se torna indispensável.

«Com a abertura da Feira Mundial a General Electric reapareceu com interessantes experiências elétricas, entre as quais se notam: um motor que funciona por meio de energia solar, um outro motor que se põe em movimento insertando rodela de limão entre as chapas de metal, e outras novidades mais»

«A exibição da Westinghouse Ele-

tric International na Feira Mundial de Nova York mostra o incrível desenvolvimento que a ciência e a engenharia têm alcançado, conseguindo que três toneladas de água por minuto, além da sinfonia combinação de cor, luz e música, produzam uma enorme cascata de um aspecto deveras encantador.»

«A pressão do objeto a afiar contra o rebôlo, deve ser leve, pois se excessiva, diminúe o rendimento em vez de aumentá-lo, produzindo um aquecimento nocivo ao rebôlo ou desgastando-o rapidamente, além do mais, isso pôde ocasionar um desgaste desigual. Se possível, não se deve trabalhar sómente nos cantos ou num ponto do rebôlo, convindo antes mover continuamente a peça em serviço sobre sua periferia.»

Johannes Gensfleisch de Sorbelloch, por alcunha Gutenberg, — filho de Freire Gensfleisch e de Elisa de Gutemberg, — nome que adquiriu por ser sua família materna originário da cidade de Kutemberg, na Bohemia», — e sob o qual é universalmente conhecido, nasceu a 2 de março de 1400, em Mayença (Mogúncia).

Um vespertino revela curiosos inventos patenteados o ano passado constantes dos arquivos da Propriedade Industrial. Um deles é um tipo de calças impermeáveis e protetoras com duas pernas separadas que se vestem por ocasião da chuva, como se fossem galochas.

O outro invento é nova tampa para vaso sanitário com duplo assento, um para criança, outro para adulto. Um dos inventos mais característicos é o de imaginoso habitante de Curitiba que inventou uma "instalação hidropneumática de compressão e recalque do ar", para extração de chopp.

SERGIPE ARTIFICE

«Mecânica» educativa

(Continuação)

que cuidadosamente elimine o material humano que não apresente as características indicadas para um bom professor. Apesar de todas as medidas de precaução, saem diplomados professores que, são verdadeiros fracassados na vida profissional. Imaginemos, por um instante uma escola cujo corpo docente é constituído de professores nomeados por influência política e inteiramente destituídos da "fibra" magisterial. No seu funcionamento surgirão a todo instante uma série de incidentes, que levarão o Diretor ao desânimo, uma vez que há cilindros, isto é, professores falhando (falta às aulas, licenças, etc) ou sem a necessária potência (falta de preparo) ou ainda criando atritos desnecessários (intrigas, falta de compreensão, falta de cooperação, etc).

Assim como nos motores há defeitos que comumente são encontrados, também numa escola, o corpo docente apresenta uma série de defeitos freqüentes. Os mais comuns são os seguintes — 1º *falta de preparo técnico*, que impossibilita a transmissão de conhecimentos, dada a ausência ou deficiência dos mesmos. 2º *falta de preparo pedagógico* — que dificulta a transmissão dos conhecimentos pela ignorância dos métodos mais aconselháveis. 3º *falta de vocação*, que torna penosa, tanto para o professor como para o aluno, esta mesma transmissão. 4º — *falta de filosofia* — que leva o professor a ministrar conhecimentos supérfluos e mesmo inúteis, tirando assim o lugar e o tempo necessários para a aquisição de valores realmente aproveitáveis.

Esta é a situação real de um

grande número de escolas, constituindo um problema muito sério para os educadores. É muito difícil sanar estas falhas, dada a complexidade do problema. Com um certo esforço poder-se-ia remover os fatores que não dependem da natureza humana do professor — como sejam a falta de preparo técnico pedagógico e filosófico.

Mediante cursos de revisão e extensão, leitura de bons livros técnicos e pedagógicos e constantes reuniões do corpo docente e em ambiente sincero e compreensivo, será possível melhorar as deficiências apontadas.

Infelizmente, não há processos nem conhecimentos que façam nascer a "vocação".

A falta desta parece ser um mal incurável e cujos resultados funestos só desaparecem com a morte ou a aposentadoria.

A única forma de impedir que isto aconteça é evitar a entrada de professores com êste grave defeito.

Quando os processos de seleção forem mais perfeitos, fatalmente o fator "vocação" influirá, de forma decisiva, na admissão de professores, devendo pesar mais que a cultura técnica ou a pedagógica.

Como para manter o motor em bom funcionamento é necessário o fazer de quando em quando, uma "revisão," assim, também, na escola, esta "revisão" se torna indispensável.

«Com a abertura da Feira Mundial a General Electric reapareceu com interessantes experiências elétricas, entre as quais se notam: um motor que funciona por meio de energia solar, um outro motor que se põe em movimento inserindo rodela de limão entre as chapas de metal, e outras novidades mais»

«A exibição da Westinghouse Ele-

tric International na Feira Mundial de Nova York mostra o incrível desenvolvimento que a ciência e a engenharia têm alcançado, conseguindo que três toneladas de água por minuto, além da sinfonia combinação de cor, luz e música, produzam uma enorme cascata de um aspecto deveras encantador.»

«A pressão do objeto a afiar contra o rebôlo, deve ser leve, pois se excessiva, diminúe o rendimento em vez de aumentá-lo, produzindo um aquecimento nocivo ao rebôlo ou desgastando-o rapidamente, além do mais, isso pôde ocasionar um desgaste desigual. Se possível, não se deve trabalhar sómente nos cantos ou num ponto do rebôlo, convindo antes mover continuamente a peça em serviço sobre sua periferia.»

Johannes Gensfleisch de Sorogeloch, por alcunha Gutenberg, — filho de Freire Gensfleisch e de Elisa de Gutemberg, — «nome que adquiriu por ser sua família materna originária da cidade de Kutemberg, na Bohemia», — e sob o qual é universalmente conhecido, nasceu a 2 de março de 1400, em Mayença (Mogúncia).

Um vespertino revela curiosos inventos patenteados o ano passado constantes dos arquivos da Propriedade Industrial. Um deles é um tipo de calças impermeáveis e protetoras com duas pernas separadas que se vestem por ocasião da chuva, como se fossem galochas.

O outro invento é nova tampa para vaso sanitário com duplo assento, um para criança, outro para adulto. Um dos inventos mais característicos é o de imaginoso habitante de Curitiba que inventou uma "instalação hidro-pneumática de compressão e recalque do ar", para extração de chopp.

Legislação

DECRETO-LEI N. 4.073

DE 30 DE JANEIRO DE 1942

Lei orgânica do ensino industrial

O Presidente da República, usando da atribuição de que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta a seguinte

Lei Orgânica do Ensino Industrial

TÍTULO I

Disposições Preliminares

Art. 1. Esta lei estabelece as bases de organização e de regime do ensino industrial, que é o ramo do ensino, de grau secundário, destinado à preparação profissional dos trabalhadores da indústria e das atividades artesanais, e ainda dos trabalhadores dos transportes, das comunicações e da pesca.

Art. 2. Na terminologia da presente lei:
a) o substantivo "indústria" e o adjetivo "industrial" tem sentido amplo, referindo-se a todas as atividades relativas aos trabalhadores mencionados no artigo anterior;

b) os adjetivos "técnico", "industrial" e "artesanal" tem, além do seu sentido amplo, sentido restrito, para designar três das modalidades de cursos e de escolas de ensino industrial.

TÍTULO II

Das bases de organização do ensino industrial

CAPÍTULO I

Dos conceitos fundamentais do ensino industrial

Art. 3. O ensino industrial deverá atender:

I. Aos interesses do trabalhador, reali-

zando a sua preparação profissional e a sua formação humana.

2. Aos interesses das empresas, nutrido-as segundo as suas necessidades crescentes e mutáveis, de suficiente e adequada mão de obra.

3. Aos interesses da nação, promovendo continuamente a mobilização de eficientes construtores de sua economia e cultura.

Art. 4. O ensino industrial, no que respeita à preparação profissional do trabalhador, tem as finalidades especiais seguintes:

1. Formar profissionais aptos ao exercício de ofícios e técnicas nas atividades industriais.

2. Dar a trabalhadores jovens e adultos da indústria, não diplomados ou habilitados, uma qualificação profissional que lhes aumente a eficiência e a produtividade.

3. Aperfeiçoar ou especializar os conhecimentos e capacidades de trabalhadores diplomados ou habilitados.

4. Divulgar conhecimentos de atualidades técnicas.

Parágrafo único. Cabe ainda ao ensino industrial formar, aperfeiçoar ou especializar professores de determinadas disciplinas próprias desse ensino, e administradores de serviços a esse ensino relativos.

Art. 5. Presidirão ao ensino industrial os seguintes princípios fundamentais:

1. Os ofícios e técnicas deverão ser ensinados, nos cursos de formação profissional, com os processos de sua exata

SERGIPE ARTIFICE

execução prática, e também com os conhecimentos teóricos q. e lhes sejam relativos. Ensino prático e ensino teórico apoiar-se-ão sempre um no outro.

2. A adaptabilidade profissional futura dos trabalhadores deverá ser salvaguardada, para o que se evitará, na formação profissional, a especialização prematura ou excessiva.

3. No currículo de toda formação profissional, incluir-se-ão disciplinas de cultura geral e práticas educativas que concorram para acentuar e elevar o valor humano do trabalhador.

4. Os estabelecimentos de ensino industrial deverão oferecer aos trabalhadores, tenham eles ou não recebido formação profissional, possibilidade de desenvolver seus conhecimentos técnicos ou de adquirir uma qualificação profissional conveniente.

5. O direito de ingressar nos cursos industriais é igual para homens e mulheres. A estas, porém não se permitirá, nos estabelecimentos de ensino industrial, trabalho que, sob o ponto de vista da saúde, não lhes seja adequado.

CAPÍTULO II

Da Organização Geral do Ensino Industrial

SECÇÃO I

Dos ciclos ordens e secções

Art. 6. O ensino industrial será ministrado em dois ciclos.

§ 1.º O primeiro ciclo do ensino industrial abrangerá as seguintes ordens de ensino:

1. Ensino industrial-básico.
2. Ensino de mestria.
3. Ensino artesanal.
4. Aprendizagem.

§ 2.º O segundo ciclo do ensino industrial, compreenderá as seguintes ordens de ensino:

1. Ensino técnico.
2. Ensino pedagógico.

Art. 7.º Dentro de cada ordem de ensino, o ensino industrial será desdobrado em secções, e as secções, em cursos.

SECÇÃO II

Da classificação dos cursos

Art. 8. Os cursos de ensino industrial serão das seguintes modalidades:

- a) cursos ordinários, ou de formação profissional;
- b) cursos extraordinários, ou de qualificação, aperfeiçoamento ou especialização profissional;
- c) cursos avulsos, ou de ilustração profissional.

SECÇÃO III

Dos cursos ordinários

Art. 9. O ensino industrial, no primeiro ciclo, compreenderá as seguintes modalidades de cursos ordinários, cada qual correspondente a uma das ordens de ensino mencionados no § 1.º do art. 6 desta lei:

1. Cursos industriais.
2. Cursos de mestria.
3. Cursos artesanais.
4. Cursos de aprendizagem.

§ 1.º Os cursos industriais são destinados ao ensino, de modo completo, de um ofício cujo exercício requeira a mais longa formação profissional.

§ 2.º Os cursos de mestria tem por finalidade dar aos diplomados em curso industrial a formação profissional necessária ao exercício da função de mestre.

§ 3.º Os cursos artesanais destinam-se ao ensino de um ofício em período de duração reduzida.

§ 4.º Os cursos de aprendizagem são destinados a ensinar, metodicamente, aos aprendizes dos estabelecimentos industriais, em período variável, e sob regime de horário reduzido, o seu ofício.

Art. 10. O ensino industrial, no segundo ciclo, compreenderá, em correspondência às ordens de ensino mencionadas no § 2.º do art. 6 desta lei, as seguintes modalidades de cursos ordinários:

1. Cursos técnicos.
2. Cursos pedagógicos.

§ 1.º Os cursos técnicos são destinados ao ensino de técnicas, próprias ao exercício de funções de caráter específico na indústria.

§ 2º Os cursos pedagógicos destinam-se à formação de pessoal docente e administrativo do ensino industrial.

Art. 11. Cada secção, de que trata o art. 7 desta lei, será constituída por um ou mais cursos ordinários, e abrangerá os cursos extraordinários e avulsos que versem sôbre os mesmos assuntos.

Paragrafo único. As secções relativas à aprendizagem não abrangerão cursos extraordinários.

SECÇÃO IV

Dos cursos extraordinários

Art. 12. Os cursos extraordinários serão de três modalidades:

- a) cursos de continuação;
- b) cursos de aperfeiçoamento;
- c) cursos de especialização.

§ 1º Os cursos de continuação destinam-se a dar a jovens e a adultos não diplomados ou habilitados uma qualificação profissional.

§ 2º Os cursos de aperfeiçoamento e os cursos de especialização teem por finalidade respectivamente, ampliar os conhecimentos e capacidades, ou ensinar uma especialidade definida, a trabalhadores diplomados ou habilitados em curso de formação profissional de ambos os ciclos, e bem assim a professores de disciplinas de cultura técnica, ou de cultura pedagógica, incluídas nos cursos de ensino industrial, ou a administradores de serviços relativos ao ensino industrial.

SECÇÃO V

Dos cursos avulsos

Art. 13. Curso avulso, ou de divulgação, são os destinados a dar aos interessados em geral conhecimentos de atualidades técnicas.

SECÇÃO VI

Dos tipos de estabelecimentos do ensino industrial

Art. 14. Os tipos de estabelecimentos de ensino industrial serão determinados,

segundo a modalidade dos cursos de formação profissional, que ministrarem.

Art. 15. Os estabelecimentos de ensino industrial serão dos seguintes tipos:

- a) escolas técnicas, quando destinados a ministrar um ou mais cursos técnicos.
- b) escolas industriais, se o seu objetivo for ministrar um ou mais cursos industriais;
- c) escolas artesanais, se se destinarem a ministrar um ou mais cursos artesanais.
- d) escolas de aprendizagem, quando tiverem por finalidade dar um ou mais cursos de aprendizagem.

§ 1º. As escolas técnicas poderão, além de cursos técnicos, ministrar cursos industriais, de mestria e pedagógicos.

§ 2º. As escolas industriais poderão, além dos cursos industriais, ministrar cursos de mestria e pedagógicos.

§ 3º Os cursos de aprendizagem, objeto das escolas de aprendizagem, poderão ser dados mediante entendimento com as entidades interessadas, por qualquer outra espécie de estabelecimento de ensino industrial.

§ 4º. Os cursos extraordinários, e avulsos poderão ser dados por qualquer espécie de estabelecimento de ensino industrial, salvo os de aperfeiçoamento e os de especialização destinados a professores ou a administradores, os quais só poderão ser dados pelas escolas técnicas ou escolas industriais.

CAPÍTULO III

Dos diplomas e dos certificados

Art. 16. Aos alunos que concluírem qualquer dos cursos industriais conferir-se-á o diploma de artífice; aos que concluírem qualquer dos cursos de mestria, o diploma de mestre; aos que concluírem qualquer dos cursos técnicos ou pedagógicos, o diploma correspondente a técnica, ou a ramificação pedagógica estudadas.

§ 1º Permitir-se-á a revalidação de diplomas da natureza dos de que trata este artigo, conferidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino.

§ 2º Os diplomas a que se refere o presente artigo estarão sujeitos a inscrição no registro competente do Ministério da Educação.

SERGIPE ARTÍFICE

Art. 17. A conclusão de qualquer dos demais cursos de formação profissional ou de qualquer curso extraordinário dará direito a um certificado.

CAPÍTULO IV

Da articulação do ensino industrial e deste com outras modalidades de ensino

Art. 18. A articulação dos cursos no ensino industrial, e dos cursos deste ensino com outros cursos, far-se-á nos termos seguintes :

I. Os cursos de formação profissional do ensino industrial, se articularão entre si de modo que os alunos possam progredir de um a outro, segundo a sua vocação e capacidade.

II. Os cursos de formação profissional do primeiro ciclo estarão articulados com o ensino primário, e os cursos técnicos, com o ensino secundário de primeiro ciclo, de modo que se possibilite um recrutamento bem orientado.

III. É assegurada aos portadores de diploma conferido em virtude de conclusão de curso técnico a possibilidade de ingresso em estabelecimento de ensino superior, para matrícula em curso diretamente relacionado com o curso técnico concluído, verificada a satisfação das condições de preparo, determinadas pela legislação competente.

TÍTULO III

Das escolas industriais e das escolas técnicas

CAPÍTULO I

Disposição preliminar

Art 19. As disposições deste título regerão o ensino nos cursos industriais, de mestría, técnicos e pedagógicos.

CAPÍTULO II

Do ano escolar

Art. 20. O ano escolar, para os cursos de que trata o presente título, dividir-se-á em dois períodos:

a) período letivo, de dez meses;

b) período de férias, de dois meses.
§ 1.º O período letivo, que se destinará a aulas, exercícios escolares e a exames escolares ou vestibulares, terá início a 20 de fevereiro.

§ 2.º Pelo período de uma semana, no fim de junho e no começo de setembro, versarão os trabalhos escolares exclusivamente sobre práticas educativas.

§ 3.º O período de férias terá início a 20 de dezembro, salvo para os que, até essa data, não tenham concluído a prestação de exames.

CAPÍTULO III

Dos alunos e dos ouvintes

Art. 21. Os alunos dos cursos de que trata este título poderão ser de duas categorias :

- a) alunos regulares;
- b) alunos ouvintes.

§ 1.º Alunos regulares são os obrigados a aulas, e bem assim a exercícios e exames escolares. Poderão estar matriculados nos cursos de formação, qualificação, aperfeiçoamento ou especialização profissional.

§ 2.º Alunos ouvintes, que só se admitem no caso do art. 46 desta lei, são os matriculados sem obrigação de regime escolar, salvo quanto a exames finais.

Art. 22. Chamar-se-ão ouvintes os componentes do auditório dos cursos de divulgação.

CAPÍTULO IV

Da duração dos cursos

Art. 23. Os cursos industriais terão a duração de quatro anos, os cursos de mestría, a de dois anos, os cursos de técnicos, a de três ou quatro anos, e os cursos pedagógicos, a de um ano.

Parágrafo único. Os cursos de mestría poderão ser feitos sob o regime de habilitação parcelada.

CAPÍTULO V

Das disciplinas

Art. 24. Os cursos industriais, os cursos de mestría e os cursos técnicos

serão constituídos por duas ordens de disciplinas :

- a) disciplinas de cultura geral ;
- b) disciplinas de cultura técnica.

Art. 25. Os cursos pedagógicos constituir-se-ão de disciplinas de cultura pedagógica.

CAPÍTULO VI

Das práticas educativas

Art. 26. Os alunos regulares dos cursos mencionados no capítulo anterior serão obrigados às práticas educativas seguintes :

- a) educação física, obrigatória até a idade de vinte e um anos, e que será ministrada de acordo com as condições de idade, sexo e trabalho de cada aluno ;
- b) educação musical, obrigatória até a idade de dezoito anos, o que será dada por meio de aulas e exercícios de canto orfeônico.

§ 1.º Aos alunos do sexo masculino se dará ainda a educação premilitar, até atingirem a idade própria da instrução militar.

§ 2.º Às mulheres se dará também a educação doméstica, que consistirá essencialmente no ensino dos misteres próprios da administração do lar.

Art. 27. São isentos das obrigações referidas no artigo anterior os alunos que façam curso de mestría sob o regime de habilitação parcelada.

CAPÍTULO VII

Da elaboração dos programas de ensino

Art. 28. Para o ensino das disciplinas e das práticas educativas, serão organizados, e periodicamente revistos, programas, que deverão conter, além do sumário das matérias, a indicação do método e dos processos pedagógicos adequados.

SERGIPE ARTIFICE

CAPÍTULO VIII

Da admissão à vida escolar

SECÇÃO I

Das condições de admissão

Art. 29. O candidato à matrícula na primeira série de qualquer dos cursos industriais, de mestría, ou técnicos ou na única serie dos cursos pedagógicos, de verá desde logo apresentar prova de não ser portador de doença contagiosa e de estar vacinado.

Art. 30. Deverá o candidato satisfazer, além das condições gerais referidas no artigo anterior, as seguintes condições especiais de admissão :

I. Para os cursos industriais :

- a) ter doze anos feitos e ser menor de dezessete anos ;
- b) ter recebido educação primária completa ;
- c) possuir capacidade física e aptidão mental para os trabalhos escolares que devem ser realizados ;

d) ser aprovado em exames vestibulares

II. Para os cursos de mestría :

- a) ter concluído curso industrial correspondente ao curso de mestría que pretenda fazer ;
- b) ser aprovado em exames vestibulares.

III. Para os cursos técnicos :

- a) ter concluído o primeiro ciclo do ensino secundário, ou curso industrial relacionado com o curso técnico que pretenda fazer ;

b) possuir capacidade física e aptidão mental para os trabalhos escolares que devam ser realizados ;

c) ser aprovado em exames vestibulares.

IV. Para os cursos pedagógicos :

- a) ter concluído qualquer dos cursos de mestría ou qualquer dos cursos técnicos ;
- b) ser aprovado em exames vestibulares.

SECÇÃO II

Dos exames vestibulares

Art. 31. Os exames vestibulares poderam

SERGIPE ARTÍFICE

ser feitos, a arbitrio do candidato, em duas épocas do ano escolar, coincidentes com as épocas dos exames finais.

§ 1. O candidato a exames vestibulares deverá fazer, na inscrição, prova das demais condições especiais e das condições gerais de admissão.

§ 2.º Os exames vestibulares prestados num estabelecimento de ensino federal serão válidos para a matrícula em qualquer outro, federal, equiparado ou reconhecido; os prestados num estabelecimento de ensino equiparado serão válidos para a matrícula em qualquer outro, equiparado ou reconhecido; os prestados em um estabelecimento de ensino reconhecido serão válidos para a matrícula em qualquer outro, reconhecido, se o candidato por mudanças de residência, não puder matricular-se no estabelecimento de ensino em que se houver habilitado.

§ 3. O candidato inhabilitado em exames vestibulares, em primeira época, não poderá fazê-los de novo, em segunda, nem o inhabilitado num estabelecimento de ensino poderá repeti-los, na mesma época, em outro.

CAPÍTULO IX

Do ingresso nas séries escolares

Art. 32 A matrícula far-se-á no decurso do mês anterior ao início do período letivo.

§ 1º A concessão da matrícula dependerá, quanto á primeira, ou á única série, da satisfação das condições de admissão; e, quanto a qualquer outra, de estar o candidato habilitado na série anterior.

§ 2º Admitir-se-á á matrícula, em qualquer estabelecimento de ensino, aluno, que se transfira, de outro estabelecimento de ensino, nacional ou estrangeiro, devendo-se fazer, no caso de transferência proveniente de estabelecimento estrangeiro de ensino, a conveniênte adaptação do aluno transferido.

CAPÍTULO X

Do regime escolar

SECÇÃO I

Da adaptação racional dos alunos aos cursos

Art. 33. Nos estabelecimentos de ensino, em que funcionem vários cursos industriais, far-se-á, no começo da vida escolar, observação psicológica de cada aluno, para apreciação de sua inteligência e aptidões, e para o fim de se lhe dar conveniente orientação, de modo que o curso, que venha a escolher, seja o mais adequado á sua vocação e capacidade.

Art. 34. Na primeira metade do período letivo correspondente á primeira série escolar de um curso técnico da natureza dos a que possam ser admitidos candidatos provenientes tanto do primeiro ciclo do ensino secundário como de curso industrial, far-se-á a adaptação dos alunos, dando-se aos da primeira categoria os elementos de cultura técnica que se possam considerár básicos, e aos de segunda categoria, a necessária ampliação da cultura geral.

SECÇÃO II

Dos trabalhos escolares e do tempo escolar

Art. 35. Os trabalhos próprios do currículo constarão de aulas, e bem assim de exercício e exames escolares.

Parágrafo único. Far-se-á a verificação do valor dos exercícios e exames escolares por meio de notas, graduadas de zero a cem.

Art. 36. O período semanal destinado aos trabalhos escolares para ensino das disciplinas e das práticas educativas variará, conforme o curso, de trinta e seis a quarenta e quatro horas.

§ 1º O período semanal dos trabalhos escolares, nos cursos pedagógicos, poderá restringir-se a vinte e quatro horas.

§ 2º O preceito deste artigo não se estenderá aos períodos de exames e às semanas reservadas, nos termos do § 2º do art. 20 desta lei, somente a práticas educativas.

Art. 37. O plano de distribuição do tempo de cada semana constituirá matéria do horário escolar, que será organizado, pela direção de cada estabelecimento de ensino, antes do início do período letivo.

SECCÃO III

Da execução dos programas de ensino

Art. 38. Os programas de ensino de cada série, tanto das disciplinas, como das práticas educativas, deverão ser executados na íntegra, no período letivo correspondente, e com observância do método e dos processos pedagógicos, que se recomendarem.

SECCÃO IV

Das aulas e dos exercícios escolares

Art. 39. É obrigatória a frequência das aulas, tanto das disciplinas como das práticas educativas.

Art. 40. Os exercícios escolares, escritos, orais e práticos, serão igualmente obrigatórios.

Art. 41. Nos cursos de formação profissional, de que se ocupa o presente título, os exercícios escolares práticos, nas disciplinas de cultura técnica, revestir-se-ão, sempre que possível, da forma do trabalho industrial, realizado manualmente, com aparelho, instrumento ou máquina, em oficina ou outro terreno de trabalho.

Parágrafo único. Ao trabalho dos alunos, realizado nos termos deste artigo, se dará conveniente limite e se conferirá caráter essencialmente educativo.

Art. 42. Mensalmente de, março a novembro, será dada, em cada disciplina, e a cada aluno, pelo respectivo professor, uma nota, resultante da verificação de seu aproveitamento, por meio de exercícios escolares. Se, por falta de

SERGIPE ARTIFICE

comparecimento, não se puder apurar o aproveitamento de um aluno, ser-lhe-á atribuída a nota zero.

Parágrafo único. A média aritmética das notas de cada mês em uma disciplina, será a nota anual de exercícios escolares dessa disciplina.

SECCÃO V

Dos exames escolares

Art. 43 Haverá, em cada período letivo, para todas as disciplinas, duas ordens de exames escolares: os primeiros exames e os exames finais.

§ 1º Os primeiros exames serão realizados no decurso do mês de julho, e constarão, para cada disciplina, de uma prova escrita.

§ 2º Facultar-se-á segunda chamada para primeiros exames ao aluno que não tiver comparecido, à primeira por moléstia impeditiva do trabalho escolar, ou por motivo de nojo em consequência de falecimento do pai ou mãe, ou de quem as suas vezes fizer, ou de irmão. A segunda chamada só se permitirá no decurso dos dois meses seguintes à época normal dos primeiros exames.

§ 3º Dar-se-á nota zero, em primeiro exame de uma disciplina, ao aluno que deixar de comparecer, à primeira chamada, sem motivo de força maior, ou ao que não comparecer, à segunda.

§ 4º Os exames finais serão de primeira ou de segunda época, realizando-se os primeiros a partir de 1 de dezembro e os outros em período especial, no decurso do último mês do período de férias.

§ 5º Os exames finais se destinarão à habilitação para efeito de promoção de uma série escolar a outra, ou para efeito de conclusão de curso. Os exames finais de promoção constarão, para cada disciplina, e conforme a sua natureza, de uma prova oral ou de uma prova prática. Os exames finais de conclusão constarão, para cada disciplina, de uma prova escrita e ainda, conforme a natureza dessa disciplina, de uma prova oral ou de uma prova prática. Os exames finais de promoção versarão sobre a matéria ensinada em

SERGIPE ARTÍFICE

cada série escolar. Versarão os exames finais de conclusão sobre toda a matéria do curso.

§ 6º Os primeiros exames serão prestados perante os professores das disciplinas, e os exames finais, perante bancas examinadoras.

§ 7º Não poderá prestar exames finais, de primeira ou de segunda época, o aluno que houver faltado a vinte por cento da totalidade das aulas dadas nas disciplinas de cultura técnica, ou de cultura pedagógica, ou a trinta por cento da totalidade das aulas dadas nas disciplinas de cultura geral, ou a trinta por cento das aulas e exercícios dados em cada prática educativa obrigatória, e bem assim o que tiver como resultado dos exercícios escolares e dos primeiros exames, no grupo das disciplinas de cultura geral e no grupo das disciplinas de cultura técnica, ou no grupo das disciplinas de cultura pedagógica, média aritmética inferior a quarenta.

§ 8º Só poderão prestar exames finais de segunda época, os alunos que os não tiverem feito, em primeira época, por motivo de força maior, ou os que, em primeira época, houverem sido inhabilitados somente no grupo das disciplinas de cultura geral, limitando-se os novos exames, em tal caso, somente a esse grupo de disciplinas.

SECÇÃO VI

Da habilitação

Art. 44. Feitos os exames finais, será considerado habilitado, para efeito de promoção ou conclusão, o aluno que houver obtido, no grupo das disciplinas de cultura geral e no grupo das disciplinas de cultura técnica, ou no grupo das disciplinas de cultura pedagógica, a nota global cinquenta pelo menos, e se, em cada uma delas tiver obtido a nota final quarenta pelo menos.

§ 1.º A nota final de cada disciplina, no caso de habilitação para efeito de promoção, será a média ponderada da nota do ~~anual~~ de exercícios escolares, da nota primeiro exame e da nota do exame final. Para o cálculo, consi-

derar-se-ão os pesos equivalentes, respectivamente, aos números três e quatro.

§ 2.º A nota final de cada disciplina, no caso de habilitação para efeito de conclusão, será a média aritmética das notas das duas provas componentes do exame final dessa disciplina.

§ 3.º Considerar-se-á nota global em cada grupo de disciplinas, a média aritmética das notas finais dessas disciplinas

SECÇÃO VII

Da inhabilitação

Art. 45. O aluno que não houver sido afinal habilitado para efeito de promoção poderá matricular-se novamente na mesma série escolar. O aluno repetente será obrigado á repetição de todos os trabalhos do currículo, sob o mesmo regime escolar dos demais alunos regulares.

Art. 46. É facultado ao aluno não habilitado para efeito de conclusão de curso matricular-se na qualidade de ouvinte, para estudo das disciplinas em que seja deficiente a sua formação profissional.

§ 1.º O aluno inhabilitado, de que trata este artigo, poderá prestar novos exames finais, em qualquer época posterior.

§ 2.º Na hipótese de ter sido a inhabilitação relativa somente a um dos dois grupos de disciplinas, a repetição dos exames finais a ele se limitará.

CAPÍTULO XI

Dos estágios e das excursões

Art. 47. Consistirá o estágio em um período de trabalho, realizado por aluno, sob o controle da competente autoridade docente, em estabelecimento industrial.

Parágrafo único. Articular-se-á a direção dos estabelecimentos de ensino com estabelecimentos industriais cujo trabalho se relacione com os seus cursos, para o fim de assegurar aos alunos a possibilidade de realização de estágios, sejam estes ou não obrigatórios.

Art. 48. No decurso do período letivo, farão os alunos, conduzidos por autoridade docente, excursões em estabelecimentos

industriais, para observação das atividades relacionadas com os seus cursos.

CAPITULO XII

Do culto cívico

Art. 49. Será organizado, em cada escola industrial ou escola técnica, um centro cívico, filiado á Juventude Brasileira.

§ 1.º As atividades relativas á Juventude Brasileira executar-se-ão dentro do período semanal de trabalhos escolares, indicado no art. 36 desta lei.

Os alunos regulares, menores de dezoito anos que faltarem a trinta por cento das comemorações especiais do centro cívico, não poderão prestar exames finais, de primeira ou de segunda época.

CAPITULO XIII

Da orientação educacional

Art. 50. Instituir-se-á, em cada escola industrial ou técnica, a orientação educacional, que busque, mediante a aplicação de processos pedagógicos adequados, e em face da personalidade de cada aluno, e de seus problemas, não só a necessária correção e encaminhamento, mas ainda a elevação das qualidades morais.

Art. 51. Incumbe também a orientação educacional, nas escolas industriais e escolas técnicas, promover, com o auxílio da direção escolar, a organização e o desenvolvimento, entre os alunos, de instituições escolares, tais como as cooperativas, as revistas e jornais, os clubes ou grêmios, criando, na vida dessas instituições, num regime de autonomia, as condições favoráveis a educação social dos escolares.

Art. 52. Cabe ainda a orientação educacional velar no sentido de que o estudo e o descanso dos alunos decorram em termos da maior conveniência pedagógica.

CAPITULO XIV

Da educação religiosa

Art. 53. Os estabelecimentos de ensino poderão incluir a educação religiosa

SERGIPE ARTIFICE

entre as práticas educativas dos alunos dos cursos industriais, sem carater obrigatório.

CAPITULO XV

Dos corpos docentes

Art. 54. Os professores, nas escolas industriais e escolas técnicas, serão de uma ou mais categorias, de acordo com as possibilidades e necessidades de cada estabelecimento de ensino.

§ 1º A formação dos professores de disciplinas de cultura geral, de cultura técnica, ou de cultura pedagógica, e bem assim dos de práticas educativas, deverá ser feita em cursos apropriados.

§ 2º O provimento em carater efetivo, de professores das escolas industriais e escolas técnicas federais ou equiparadas dependerá da prestação de concurso.

§ 3º O provimento de professor de escola industrial ou escola técnica reconhecida dependerá de prévia inscrição do candidato no competente registro do Ministério da Educação.

§ 4º Exigir-se-á a inscrição de que trata o parágrafo anterior dos candidatos a provimento, em carater não efetivo, para professores das escolas industriais e escolas técnicas federais e equiparadas, salvo em se tratando de estrangeiros de comprovada competência, não residentes no país, e especialmente chamados para a função.

§ 5º Buscar-se-á elevar o nível dos conhecimentos e a competência pedagógica dos professores das escolas industriais e escolas técnicas, pela realização de cursos de aperfeiçoamento e de especialização, pela organização de estágios em estabelecimentos industriais, e pela concessão de bolsas de estudo para viagem no estrangeiro.

§ 6º É de conveniência pedagógica que os professores das disciplinas de cultura técnica, que exijam esforços continuados, sejam de tempo integral.

Art. 55. Disporá cada professor, sempre que possível, de um ou mais assistentes, cujo provimento dependerá de demonstração de habilitação adequada.

SERGIPE ARTÍFICE

Art. 56 Os orientadores educacionais farão parte dos corpos docentes, sendo a sua formação, e os seus estudos de aperfeiçoamento ou especialização, feitos em cursos apropriados.

CAPÍTULO XVI

Da administração escolar

Art. 57. A administração escolar, nas escolas industriais e escolas técnicas, será concentrada na autoridade do diretor, e orientar-se-á no sentido de eliminar toda tendência para a artificialidade e a rotina, promovendo a execução de medidas que dêem ao estabelecimento de ensino atividade, realismo e eficiência.

§ 1º Dar-se-á a cada estabelecimento de ensino uma organização própria a mantê-lo em permanente contato com as atividades exteriores de natureza econômica, especialmente com as que mais diretamente se relacionem com o ensino nele ministrado. Poderá ser prevista, pelo respectivo regimento, a instituição, junto ao diretor, de um conselho consultivo composto de pessoas de representação nas atividades econômicas do meio, e que coopere na manutenção desse contato com as atividades exteriores.

§ 2º Organizar-se-á racionalmente e manter-se-á em dia a vida administrativa de cada estabelecimento de ensino, especialmente quanto aos serviços de escrituração escolar e de arquivo escolar.

§ 3º As matrículas serão sempre limitadas à capacidade didáticas de cada estabelecimento de ensino.

§ 4º Além do regime de externato, serão sempre que possível adotados os regimes de semi-internato e de internato.

§ 5º Deverão as escolas industriais e escolas técnicas funcionar não só de dia, mas também a noite, de modo que trabalhadores ocupados durante o dia, possam frequentar os seus cursos.

§ 6º Períodos especiais de ensino intensivo, no decurso do período letivo ou durante as férias, deverão ser estabelecidos, para a realização de determinados cursos de aperfeiçoamento e de especialização.

§ 7º Em cada escola industrial ou es-

cola técnica, deverá funcionar um serviço de orientação profissional.

§ 8º Cada escola industrial ou escola técnica manterá um serviço de virgilância sanitária, que nela assegure a constante observância dos preceitos da higiene escolar e da higiene do trabalho.

CAPÍTULO XVII

Do regime disciplinar

Art. 58. Observar-se-á, em cada escola industrial ou escola técnica, quanto ao corpo docente, ao corpo discente e ao pessoal administrativo, conveniente regime disciplinar, que deverá ser definido pelo respectivo regimento.

CAPÍTULO XVIII

Da montagem escolar

Art. 59. Não poderão funcionar escolas industriais e escolas técnicas, que não disponham de adequada montagem, quanto à construção e ao material escolar.

CAPÍTULO XIX

Das escolas industriais e escolas técnicas federais, equiparadas e reconhecidas

Art. 60. Além das escolas industriais e escolas técnicas federais, mantidas e administradas sob a responsabilidade da União, poderá haver duas outras modalidades desses estabelecimentos de ensino: os equiparados e os reconhecidos.

§ 1º Reconhecidas serão as escolas industriais ou escolas técnicas mantidas e administradas pelos Estados ou pelo Distrito Federal, e que hajam sido autorizadas pelo Governo Federal.

§ 2º Reconhecidas serão as escolas industriais ou escolas técnicas mantidas e administradas pelos Municípios ou por pessoa natural ou pessoa jurídica de direito privado, e que hajam sido autorizadas pelo Governo Federal.

§ 3º Conceder-se-á a equiparação ou o reconhecimento, mediante prévia verificação, ao estabelecimento de ensino,

dêste receberão orientação pedagógica.

CAPÍTULO XX

Disposições Gerais

Art. 61. Será expedido pelo Presidente da República o regulamento do quadro dos cursos do ensino industrial, em que serão discriminadas as secções do ensino industrial da primeira e da segunda ordens do ensino do primeiro ciclo, e das duas ordens de ensino do segundo ciclo, enumerados os cursos ordinários incluídos nessas secções, relacionadas as disciplinas componentes desses cursos, e bem assim regulada a matéria concernente à duração dos cursos ordinários, às condições especiais de admissão, à seriação das disciplinas, à organização dos programas de ensino e à especificação dos diplomas.

Art. 62. Os preceitos especiais relativos à organização e ao regime de cada escola industrial ou escola técnica serão definidos pelo respectivo regimento.

Parágrafo único. O regimento de que trata este artigo deverá ser submetido, pelo Ministro da Educação, à aprovação do Presidente da República.

TÍTULO IV

Das escolas artesanais e das escolas de aprendizagem

CAPÍTULO I

Das escolas artesanais

Art. 63. O ensino industrial, nas escolas artesanais, será regido, quanto à organização e ao regime, em cada Estado, e bem assim no Distrito Federal, por um regulamento, expedido por decreto do governo respectivo, mediante prévia audiência do Conselho Nacional de Educação.

Art. 64. Pelo regulamento referido no artigo anterior serão observadas as seguintes prescrições:

I. O ano escolar abrangerá um período letivo, que não poderá durar mais de dez meses, e um período de férias.

II. Os cursos artesanais terão a duração de um ou de dois anos.

III. Os cursos artesanais abrangerão disciplinas de cultura geral e de cultura

técnica, e bem assim as práticas educativas de que trata o artigo 26 desta lei.

IV. A matrícula só será acessível aos candidatos que tiverem atingido a idade de doze anos e recebido suficiente ensino primário.

V. Os trabalhos curriculares abrangerão aulas, e bem assim exercícios e exames escolares. A habilitação dependerá de frequência, e de notas suficientes nesses exercícios e exames.

VI. Em cada escola artesanal, deverá funcionar um centro cívico da Juventude Brasileira.

VII. O ensino religioso poderá ser incluído, sem caráter obrigatório, entre as práticas educativas.

VIII. A conclusão de um curso artesanal dará direito ao respectivo certificado de habilitação.

IX. Os professores, salvo no caso de concurso, estarão sujeitos a prévia inscrição mediante comprovação de idoneidade, no registro competente da administração de cada Estado ou do Distrito Federal.

X. Cada escola artesanal disporá de um conveniente serviço de saúde escolar.

XI. As escolas artesanais, não subordinadas à administração dos Estados e do Distrito Federal, deverão ser, por essa administração, autorizadas e inspecionadas.

XII. Cada escola artesanal disporá de um regimento que fixe os preceitos especiais de sua organização e regime.

Art. 65. O Ministério da Educação exercerá inspeção geral sobre o sistema das escolas artesanais de cada Estado e do Distrito Federal, e lhe fixará as necessárias diretrizes pedagógicas.

Art. 66. A organização e o regime das escolas artesanais federais observadas as prescrições do artigo 64 desta lei salvo as do número IX e XI, constituirá matéria de regulamentação especial.

CAPÍTULO II

Das escolas de aprendizagem

Art. 67. O ensino industrial das escolas de aprendizagem será organizado e funcionará, em todo o país, com observân-

SERGIPE ARTIFICE

cia das seguintes prescrições :

I. O ensino dos ofícios, cuja execução exija formação profissional, constitue obrigação dos empregadores para com os aprendizes, seus empregados.

II. Os empregadores deverão, permanentemente, manter aprendizes, a seu serviço, em atividades cujo exercício exija formação profissional.

III. As escolas de aprendizagem serão administradas, cada qual separadamente, pelos próprios estabelecimentos industriais a que pertençam, ou por serviços, de âmbito local, regional ou nacional, a que se subordinem as escolas de aprendizagem de mais de um estabelecimento industrial.

IV. As escolas de aprendizagem serão localizadas nos estabelecimentos industriais a cujos aprendizes se destinem, ou na sua proximidade.

V. O ensino será dado dentro do horário de trabalho dos aprendizes, sem prejuízo de salário para estes.

VI. Os cursos de aprendizagem terão a duração de um, dois, três ou quatro anos.

VII. Os cursos de aprendizagem abrangerão disciplinas de cultura geral e de cultura técnica, e ainda as práticas educativas que tôr possível, e em cada caso, ministrar.

VIII. Preparação primária suficiente e aptidão física e mental, necessária aos estudos do ofício escolhido são condições, exigíveis do aprendiz para matrícula nas escolas de aprendizagem.

IX. A habilitação dependerá de frequência às aulas, e de notas suficientes nos exercícios e exames escolares.

X. A conclusão de um curso de aprendizagem dará direito ao respectivo certificado de habilitação.

XI. Os professores estarão sujeitos a prévia inscrição, mediante prova de capacidade, no registro competente do Ministério da Educação.

XII. As escolas de aprendizagem darão cursos extraordinários, para trabalhadores que não estejam recebendo aprendizagem. Esses cursos, conquanto não incluídos nas secções formadas pelos cur-

sos de aprendizagem, versarão sobre os seus assuntos.

Art. 68. O Ministério da Educação fixará as diretrizes pedagógicas do ensino dos cursos de aprendizagem de todo o país, organizado e mantido pela iniciativa particular sobre êle exercerá a necessária inspeção.

Art. 69. Aos poderes públicos cabem, com relação à aprendizagem nos estabelecimentos industriais oficiais, os mesmos deveres por esta lei atribuídos aos empregadores.

Parágrafo único. A aprendizagem, de que trata este artigo, terá regulamentação especial, observados, quanto à organização e ao regime, as prescrições do art. 67 desta lei.

CAPÍTULO III

Disposição Geral

Art. 70. O portador de certificado de habilitação conferido por motivo de conclusão de curso artesanal de dois anos, ou de curso de aprendizagem de dois anos pelo menos, poderá matricular-se na segunda série de curso industrial que ministre o ensino do mesmo ofício mediante a prestação de exames vestibulares especiais.

TÍTULO V

Das providências para o desenvolvimento do ensino industrial

Art. 71. Ao Ministério da Educação, além da administração de estabelecimentos da mesma modalidade de ensino existentes no país, nos termos desta lei, cabe a iniciativa das seguintes providências de ordem geral:

I. Estudar, em permanente articulação com os meios econômicos interessados, um programa de conjunto, de caráter nacional, para desenvolvimento do ensino industrial, mediante a instituição de um sistema geral de estabelecimentos de ensino dos diferentes tipos.

II Estabelecer, mediante os necessários estudos, as diretrizes gerais quanto aos diferentes problemas do ensino industrial, mencionadamente quanto à caracteri-

zação das profissões a que se destina este ensino, à determinação dos conhecimentos que devam entrar na formação profissional relativa a cada modalidade de ofício ou técnica, à definição da metodologia própria do ensino industrial e a organização dos serviços escolares de orientação profissional.

Art. 72. Aos poderes públicos em geral incumbe:

I. Adotar, nos estabelecimentos oficiais de ensino industrial, o sistema da gratuidade, pelo menos para os alunos privados de meios financeiros suficientes.

II. Instituir, com a cooperação dos meios interessados e em benefício dos que não possuam recursos suficientes, assistência escolar que possibilite a formação profissional dos candidatos de vocação, e o aperfeiçoamento ou especialização profissional dos mais bem dotados.

Art. 73. Providenciarão ainda os poderes públicos, na medida conveniente, a instituição de estabelecimentos de ensino industrial para frequência exclusivamente feminina, e destinados à preparação para profissões a que se dediquem principalmente as mulheres.

TÍTULO VI

Disposições finais

Art. 74. Serão expedidos pelo Presidente da República, os regulamentos que forem necessários à execução da presente lei, ressalvado o disposto no seu artigo 63.

Parágrafo único. Para o mesmo efeito da execução desta lei e para execução dos regulamentos que sobre a sua matéria baixar o Presidente da República, expedirá ao Ministro da Educação as necessárias instruções.

Art. 75. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 76. Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1942,
121.º da independência e 54.º da República.

GETÚLIO VARGAS.
Gustavo Capanema.

Pscotécnica

(Continuação)

temperamento, exercitando o seu ofício com alma e flexibilidade mental!

As coisas jamais são como a gente quer, mas como devem ser, isto é, como a natureza as fez, e assim devemos desenvolver as qualidades de que fomos dotados.

Centro Técnico

(Conclusão)

3) Delegar ao Centro a incumbência de realizar, dentro das oficinas e das aulas de desenho, ternos progressivos no aprendizado prático, com o cunho de cooperação e orientação, em que se considere fator primordial a exigência de exatidão, na formação mental ativa e concienzosa do aluno."

OS LIVROS

Os livros para nós são objetos de grande utilidade. Por meio deles é que aprendemos a civilidade, as regras do bom viver, as leis da religião e a técnica do nosso trabalho. Os livros bons enchem nosso espírito de bons pensamentos. São assim os que tratam da Religião e da Moral. São livros ruins os que desfazem da Religião e dos mistérios que nela existem e contêm ensinamentos contrários à moral. Antigamente os livros eram escritos à mão e por isso tornavam-se caros, dificultando aos pais a educação dos filhos, pois tinham que despender grande soma na aquisição desses meios indispensáveis à instrução. Depois, com a invenção da imprensa, por João Gutemberg, a situação melhorou. O primeiro livro impresso foi a Bíblia, em Strasburgo. Esta descoberta espalhou-se por toda Europa e pelo mundo inteiro, contribuindo como fator, cada vez maior, da civilização do nosso Globo.

ALDÉRICO BARBOSA SILVA
2ª. Série «A»

Anti - polar

Denomina-se poder (P) de uma curva (δ) o lugar geométrico das projeções de um ponto (O) sobre as tangentes à curva (δ).

A curva (δ) é, por definição, a anti-podar da curva (P).

Exemplo:

Anti-polar de um círculo de centro O em relação a um ponto P , não situado na circunferência é uma cônica que tem um dos focos em P e o centro é o ponto simétrico a P em relação ao centro O .

Do "Dicionário curioso e recreativo da Matemática" - Melo e Souza

SERGIPE ARTÍFICE

“Como Aplicarmos Anestesia no Nervo Dentário Inferior”

DR. MARIO MACIEL ANDRADE

Cirurgião-Dentista da Escola Industrial de Aracaju

Posição

Cadeira baixa, com o encosto quase em ângulo réto.

Boca semi-aberta sem repuxar a musculatura correspondente ao ramo ascendente.

Técnica

Para proceder á injeção do lado direito, deve-se ficar em frente do paciente e com a extremidade do dedo indicador, da

mão esquerda, procurar sondar a linha oblíqua externa. Em seguida, a linha oblíqua interna que fica mais para dentro, em sentido lingual. Introdúz-se na mucosa a agulha longa, com o suporte menor, um centímetro, mais

ou menos acima do último molar mantendo o êmbolo apoiado na linha mediana entre os dois incisivos inferiores, (I).

Encontrando-se o bordo ósseo interno, afasta-se a agulha um pouco para traz sem a retirar inteiramente dos tecidos. Então se imprime um movimento giratório, de meia volta, de modo que o bisel da agulha fique na face com a parede do ramo. Muda-se a seringa para o lado da injeção fi-

cando quasi paralela à face vestibular dos molares inferiores. (II). Aí se introduz uns 4 mm. aproximadamente, alcançando o nervo lingual. Injeta-se 1 cc. de líquido. Em seguida, empurra-se um pouco mais para traz até as imediações da espinha Spix, onde se encontra o tronco do nervo dentário inferior e, lentamente, injeta-se o restante do líquido

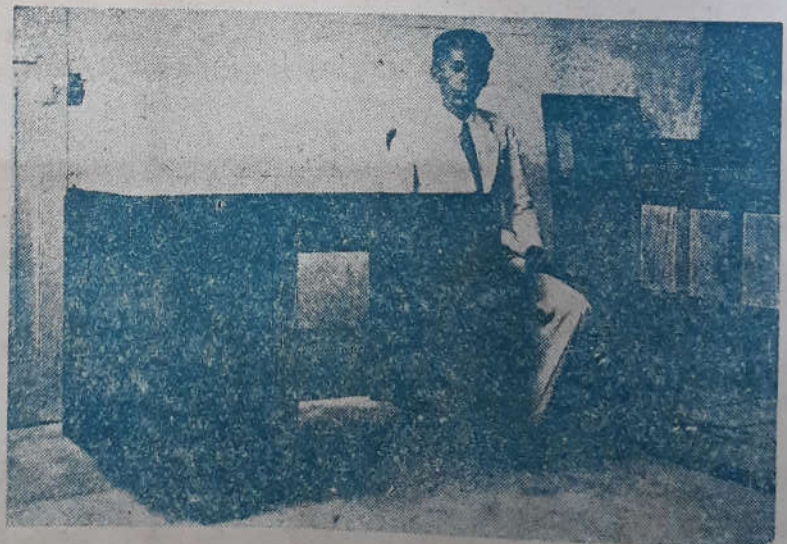
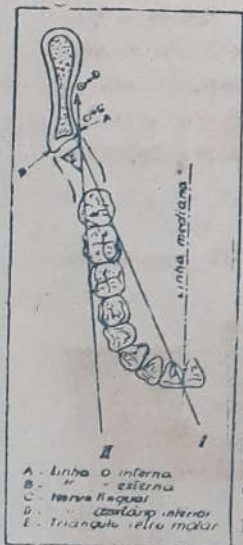
Sendo a anestesia praticada no lado esquerdo, a exploração da região faz-se á com o indicador da mão direita, enquanto a esquerda executa o manejo da seringa até o momento de encon-

trar com a ponta da agulha a linha oblíqua interna.

Depois a operação processar-se-á com a mão direita até o final. O efeito anestésico se faz sentir, geralmente, após 15 minutos, notando o paciente uma sensação de formigamento e endurecimento do lábio correspondente.

JOVENS BRASILEIROS! TOMAI COMO LEMA AS SEGUINTE PALAVRAS: O ARTÍFICE INTELLECTUAL ABSORVE NA VIDA PRÁTICA O DESENVOLVIMENTO TÉCNICO COM MAIS FACILIDADE

RENDAMOS UM PREITO DE GRATIDÃO AO VISCONDE DE MAUÁ, O VANGUARDEIRO DA INDÚSTRIA PESADA NO BRASIL. DEVE-SE Á SUA INICIATIVA Á NOSSA PRIMEIRA FUNDIÇÃO.



Humberto Moura é filho da Escola Industrial de Aracaju.

Quem o visse, quando nela ingressou, em 1926, tímido, de olhar vivo e inteligente, diria, de pronto, que ali estava uma esperança, que ensaiava o seu vôo, rumando um futuro de conquistas pelo esforço próprio. Faltava-lhe, e ainda lhe falta, aquela iniciativa, o arrojo que dão renome e definem situações.

Humberto é hoje, por força de concurso em que logrou o 1.º lugar, professor auxiliar de Desenho desta Escola, que o preparou para o futuro.

Atualmente, serve no Centro Técnico onde confirma suas aptidões na arte de traçar e henra sua Escola-mãe.

Humberto tem azas longas e fortes, com que poderá dominar regiões altas e distantes; dê-m-lhe espaço, ajudem-no a alçar-se e Humberto vencerá.

Reunião dos Diretores das escolas industriais e técnicas na Capital da República.

estabelecimentos de ensino industrial. Visa este projeto modificar alguns pontos do decreto-lei numero 4.127, de 25 de fevereiro de 1942, que definiu as linhas gerais dessa organização.

No art. 1, o projeto propõe que a Escola Técnica de Química e a escola técnica destinada a ministrar os cursos relativos à indústria do tecido, de que tratam os arts. 4 e 5 do citado decreto-lei, formem um só estabelecimento de ensino denominado Escola Técnica Federal de Indústria Química e Têxtil, e que fique o Ministro da Educação autorizado a entrar em entendimento com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial para a organização desse estabelecimento de ensino.

A reunião das duas secções — a de química industrial é a de indústria do tecido — numa só escola é de evidente vantagem econômica e pedagógica.

Em carta que me escreveu sobre o assunto em 1936, dizia a este respeito o professor Omer Buyse: "Les industries textiles exigent des connaissances chimiques développées; les laboratoires et ateliers, ainsi que les professeurs spécialistes seraient utilisables en commun, pour les deux sections, textile et chimique, d'ou double économie de frais de premier établissement et de fonctionnement."

Acrescentemos, por outro lado, que o referido estabelecimento de ensino poderá vir a ser um grande centro, não só de formação profissional, mas também de aperfeiçoamento e especialização, pelo que a sua existência interessa de modo especial á ação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

O projeto pela disposição do artigo 2, estabelece que as escolas de Salvador, São Paulo e Belo Horizonte funcionem, desde logo como escolas técnicas, providência que, pelos termos do decreto-lei n. 4.127, de 25 de fevereiro de 1942, deveria ser retardada.

Finalmente, no art. 3 o projeto

dispõe que a definição dos limites da ação didática das escolas técnicas e das escolas industriais da União seja considerada matéria de decreto expedido de acordo com o art. 74, letra a, da Constituição o que significará a implícita revogação do que, sobre tal matéria, ficou estabelecido pelos arts. 3, 4, 5, 6, 7, 8, e 9 do decreto-lei n. 4.127, de 25 de fevereiro de 1942.

Trago ainda ao exame de v. ex. um projeto de decreto destinado à definição dos limites da ação didática das escolas técnicas e das escolas industriais da União, assunto acima referido, e complementar do disposto no art. 3 do projeto de decreto-lei ora proposto.

Os limites traçados pelo projeto de decreto decorrem das possibilidades presentes ou próximas dos estabelecimentos federais de ensino industriais a cargo do Ministério da Educação.

Conclusão

SERGIPE ARTIFICE

Cumprе acentuar que a rede escolar definida nos dois projetos apresentados e quasi toda posta em funcionamento representa um enorme esforço da administração federal no sentido de atender aos reclamos de mão de obra qualificada para nossas indústrias.

E é ainda de notar que a ampliação da capacidade e o aumento da eficiência dessa rede escolar não deixarão de estar entre as principais preocupações da administração educacional do governo de v. ex. mau grado os contratemplos e dificuldades que a guerra nos trouxe.

Apresento a v. ex. os meus protestos de cordial estima e profundo respeito. — *Gustavo Capanema,*

O ENSINO PROFISSIONAL
TORNOU-SE UMA REALIDADE
COM O ADVENTO DA MÁQUINA

CALOBORAR COM O GOVERNO
NA SOLUÇÃO DO PROBLEMA
SIDERÚRGICO NO BRASIL
É UM DEVER PATRIÓTICO.



A cultura física preenche a atenção do Educador de nossos dias, neste instantâneo apreciamos, entusiasmados, uma demonstração de educação física — a luta do cabo — realizada entre alunos desta Escola, homenageando uma data da semana da pátria.

Orientou a prova esportiva e atuou como árbitro o esforçado prof. de desenho técnico Jesmo Pinheiro de Carvalho

SERGIPE ARTÍFICE

S O C I A E S



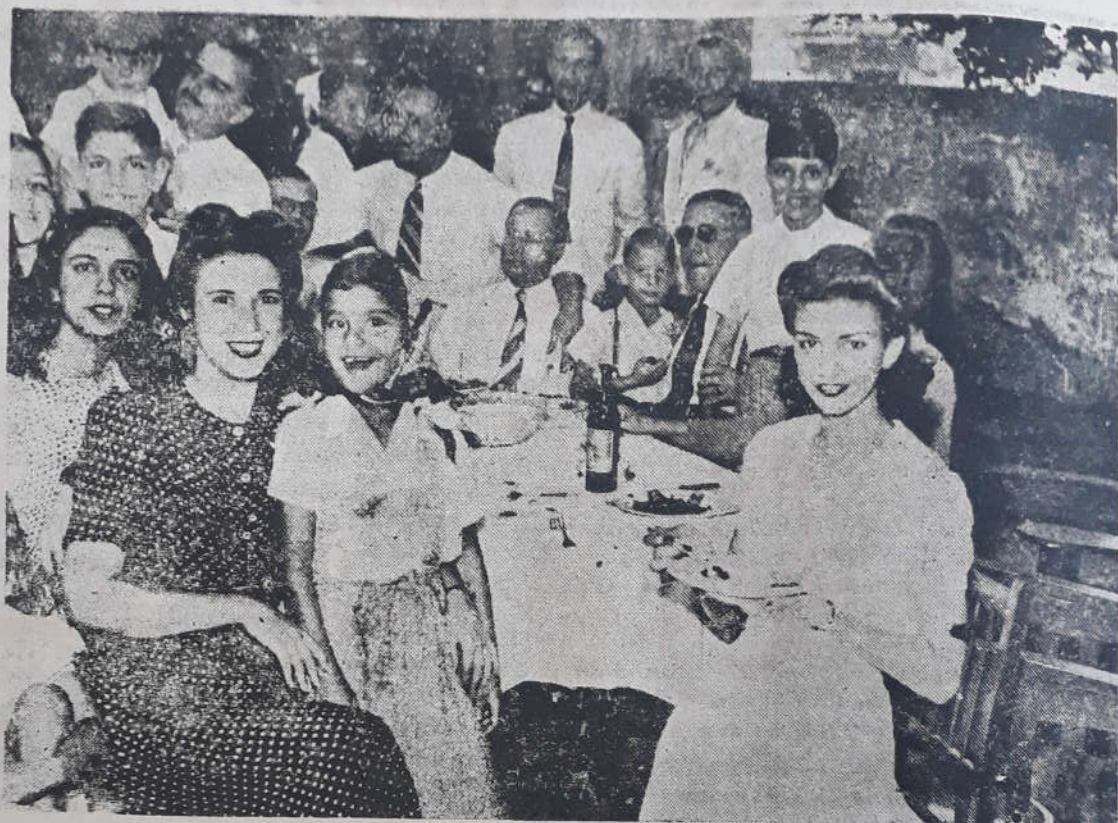
Reafirmando a prodigalidade gaúcha, a família Montojos atraiu à sua residência, à rua Martins

Ferreira, nº 54, a 17 de Janeiro próximo passado, os diretores das escolas industriais e escolas técnicas, presentes no Rio, para lhes oferecer um churrasco, à moda dos pampas.

Graças à hospitalidade e distinção de D. Maria Casado Montojos, congregaram-se, ali, vários elementos de destaque social, da colonia sul-riograndense. Todos solícitos e atenciosos, cumularam

os convivas de gentilezas e aprêço, na aprasível vivenda, sediada em Botafogo.

Estampamos aspéctos da - queela significativa festa.



Nossa Capa

Somente as inteligências privilegiadas são capazes de produzir obras de arte!

É o que ao pensamento nos ocorre ao contemplarmos a capa de nossa Revista, onde Humberto Moura, o talentoso professor auxiliar de trabalho no desenvolvimento físico do cidadão e mostrar a correlação existente entre os diversos instrumentos industriais e o seu papel no futuro do nosso País.

Sim, já passou o tempo em que considerávamos o Brasil como país essencialmente agrícola. Hoje, sem querer menosprezar a agricultura, vemos que é na industrialização dos nossos recursos que reside a força máxima do nosso progresso. E, bem o compreende o Dr. Getúlio Vargas que tudo tem feito para melhorar a nossa indústria, quer promovendo a fundação de oficinas que nos libertem da importação estrangeira, quer melhorando as condições das nossas escolas, de modo que, seja mais vultoso e eficiente o preparo dos nossos artífices — sentinela avançada da nossa grandeza econômica.

Eis o que tão bem reproduz o desenho da nossa capa. O homem hercúleo é o brasileiro forte que, com o macho em punho, parece incitar os jovens à vida profissional afim de, com as suas energias concorrer para o bom êxito da nossa finalidade industrial.

A roda dentada é a nossa engrenagem, é a Lei Orgânica do Ensino Industrial que, com a sua adaptação, veio determinar o valor do artífice, dando-lhe situação definida.

A serra circular mostra-nos quanto tem avançado o trabalho dos nossos técnicos. Finalmente livros, tinteiros, pirâmide e máquina eletrostática parecem chamar o operário para o estudo e para as pesquisas científicas, bagagem indispensável ao trabalhador qualificado.

Sintetizando assim o valor do artífice e das suas máquinas, o professor Humberto deixou bem patente o brilho da sua inteligência.



Alunos do "Curso de Alfabetaria" executam trabalhos práticos de acordo com o moderno método de aprendizagem seriada.

As disciplinas de cultura técnica deste curso são ministradas eficientemente pelo Professor Heribaldo Teles de Menezes.

SERGIPE ARTIFICE

Dr. Victor Stawiaski

A nossa Revista mereceu a honrosa colaboração do dr. Victor Stawiaski, ilustre engenheiro, lotado na Divisão do Ensino Industrial, onde exerce, proficientemente, as funções de Técnico de Educação.

S. S. é competente professor secundário de Ciências Físicas e Naturais, do Colégio Anglo-Americano, na Capital Federal.

"Mecânica Educativa" é bem uma demonstração do valor técnico dêste nosso homenageado.

"O Artífice"

Tivemos a satisfação de receber a visita dêste bem feito periódico, órgão dos alunos da Escola Técnica de Recife.

Agradecemos a gentileza e faremos o intercâmbio com o nosso "Sergipe Artífice"

"Labor"

Publicação que se edita na Escola Técnica de Curitiba, chegou às nossas mãos o último número do porta-voz dos alunos dessa Escola "Labor."

"Sergipe Artífice" vai retribuir a visita cordial.

Por um lapso de revisão omitimos um trecho do artigo da autoria do professor de Desenho José de Andrade e a assinatura do trabalho "Realização em Marcha" da profes-sora Alaíde Costa.

Visitando

Marambaia é hoje o centro dos mais grandiosos objetivos de assistência social.

A letargia do esquecimento cedendo o simples e o bom para a vida regeneradora do trabalho e para o resurgimento de aspirações nobilitantes.

É a ação reconstrutora da fé!...

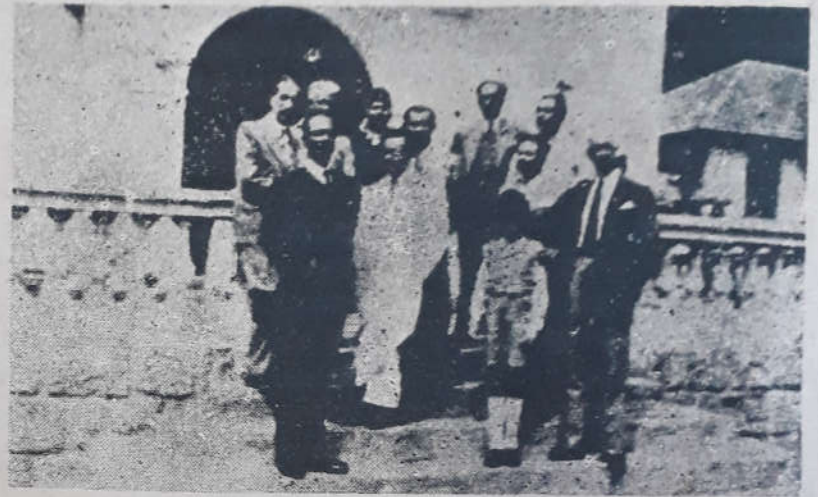
É o prodígio da caridade cristã, abrindo caminhos, removendo antolhos, espalhando o bem!...

A Mãe das Dores foi a providencial semeadora da alegria no coração daquela terra, que ouve, constantemente, o bramir saudosos e tristonho do mar, batendo-se nas praias que a contornam.

E ela, Nossa Senhora das Dores, atraiu à sua capelinha a gente boa da cidade, que levou à terra esquecida não só a notícia de uma vida melhor, mas os meios para vivê-la.

a concentrar todos os sofrimentos, deixando que se espalhe pelos que a invocam o oxigênio vivificador da alegria de viver!...

A fundação «Abrigo do Cristo Redentor», que tem à sua frente



No 1º plano, da esquerda para a direita: Dr. Paulo de Araújo, diretor da Escola Industrial de Campos; dr. Lauo Wilhelm, diretor da Escola Técnica de Curitiba; o menor Isidoro Moutojos, filho do dr. Francisco Montojos; dr. Rodolfo Fuchs, superintendente das Escolas Profissionais, subordinadas ao «Abrigo do Cristo Redentor». No 2º plano: Dr. Cid Rocha Amaral, diretor da Escola Industrial de Florianópolis; sr. Levi de Miranda, provedor do «Abrigo do Cristo Redentor»; Senhora dr. Melo Barreto; sr. J. F. Lima, diretor da Escola de Pesca «Darcí Vargas»; dr. Francisco Montojos, diretor de Divisão do Ensino Industrial; d. Melo Barreto, diretor da Escola Técnica de Vitória e dr. Clodoaldo Vieira Passos, diretor da Escola Industrial de Aracaju.

Marambaia

As almas de Deus advinham o sofrer dos que gemem a miséria!...

Em 1939, surgia uma admirável organização, que se converteu na Escola de Pesca "Darcí Vargas", administrada, hoje, pelo sr. J. F. Lima.

Nome sugestivo recebeu, porque a Primeira Dama do País é bem o tipo das almas abnegadas, que se confundem com os simples para confortá-los e fazê-los partícipes das vantagens da convivência social.

A cruz de Cristo, construída da madeira das matas que circundam a Ilha e plantada em

frente à capelinha, selou o pacto sublime de uma realização próxima, prenúncio das muitas que provariam a região.

E isto se fez: primeiro, uma modesta escola de pesca, mais tarde, com o apóio do Chefe da Nação à iniciativa do sr. Ministro Fernando Costa de concorrer com Cr.\$500.000,00 para auxiliar a obra grandiosa, da escola padrão do Governo Federal.

A fé levou o trabalho, e o trabalho a felicidade!...

A ilha de Marambaia é um núcleo de atividades!...

A virgem das Dores continua

a dedicação de apóstolo e capacidade do provedor Levi de Miranda, e na superintendência do ensino profissional a experiência e dinamismo de Rodolfo Fuchs, continua a prestar auxílio e orientação à Escola de Pesca «Darcí Vargas», considerada, pelo Governo da União, sua escola técnica oficial, onde os filhos de pescadores de todo o Brasil recebem assistência moral, técnica e sanitária.

Marambaia ressurge... não!

Marambaia surge agora, porque ela nunca viveu!...

Como o "Correio da Manhã", em sua edição de 27 de Janeiro de 1943, noticiou o afetuoso gesto do Ministro da Educação e Saúde, ilustrado pela gravura abaixo:



"O ministro Gustavo Capanema ofereceu, ontem, no Jockey Club, um almôço aos diretores das Escolas Técnicas e Industriais que se encontram nesta Capital, convocados pelo Ministério da Educação, a fim de discutirem o programa de trabalhos para o cor-

rente ano. Além dos homenageados compareceram vários diretores do Departamento de Educação, tendo, ao champagne, falado o ministro Gustavo Capanema, para dizer das finalidades daquela reunião e agradecer a colaboração que de todos vinha recebendo. Em nome

dos homenageados discursou o professor Paulo Sarmiento, diretor da Escola Industrial de Manaus, cabendo ao professor Cid do Amaral, diretor da Escola Técnica de Santa Catarina, erguer o brinde de honra ao Presidente da República".

Carpintaria

É deveras, amplo e perfeito o sentido educacional que nos confere a "Lei Orgânica do Ensino Industrial" (Decreto-lei nº 4073 de 30 I 42). Solidificando o ensino das artes industriais, já adotado nas antigas Escolas de Artífices, com a criação dos cursos de Mestria e cursos técnicos, amplia ainda o quadro de cursos a funcionar, como, dentre outros de real importância para a vida industrial da Nação, o de Carpintaria. E, como, presentemente, este curso está a meu cargo,

por atenciosa determinação do Sr. Diretor Dr. Clodoaldo Vieira Passos, aproveito as colunas do "Sergipe Artífice" para dizer algumas palavras sobre Carpintaria, aos meus jovens alunos:

De início, convém que lhes frise que não há carpinteiro exímio nos seus trabalhos, sem um conhecimento profundo do corte da madeira, da sua qualidade, da resistência e da adaptação às mil formas afins, para a construção de uma casa, da mais leve taboasinha para a feitura de postigos, venezianas e persianas, até do madeiramento pesado do telhado.

A boa madeira de construção deve ser resistente às intempéries e ainda rígida, homogênea, elástica e fácil de trabalhar.

Antigamente, o carpinteiro civil aparelhava toda a madeira a ser empregada na obra, com grande esforço e prolongado espaço de tempo. Hoje, porém, com a evolução dos tempos, apareceram as grandes serrarias e carpintarias mecânicas que fornecem quasi todas as madeiras dentro das medidas desejadas, ao tempo em que fabricam caixões, caxilhos, janelas, portas, postigos, soalhos, forros, etc.

Pela enumeração dos trabalhos

SERGIPE ARTIFICE

acima, bem podem avaliar os meus alunos, quão variados são os trabalhos do carpinteiro. Não morre na nossa memória o quanto apreciámos nas oficinas de Aramarí, quando da excursão de estudos empreendida e levada efeito pelo nosso digno diretor e amigo Dr. Clodoaldo Vieira Passos.

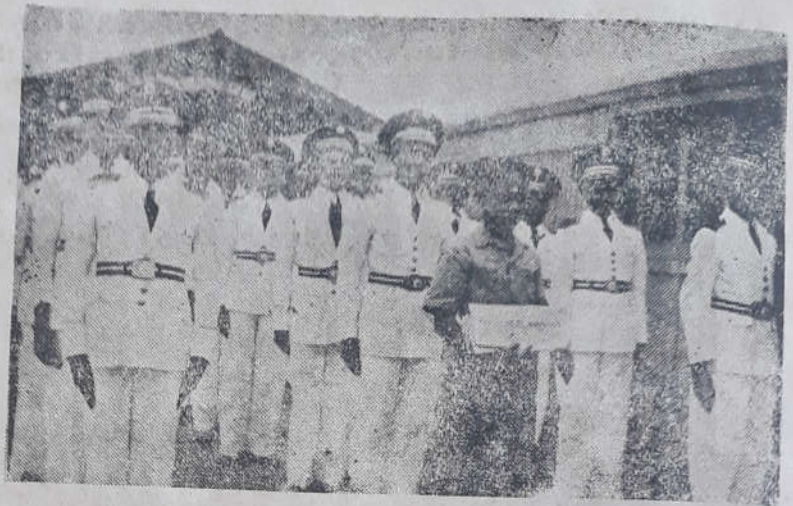
Horas e horas nos entretivemos a admirar aquele colosso de oficina de carpintaria, onde construções e reconstruções de vagões, classes simples e luxuosas, perfeitos modelos de arte, muito dizem da competência do mestre Antônio Máximo da Conceição.

Não se resume só nesses trabalhos o concurso da nobre arte da carpintaria. Os moldes para as lajes e marquizes de concreto armado, as fôrmas para vigas, chapas e pilares são outras tantas aplicações de nossa arte à técnica das modernas construções,

E a o aluno estudioso, que aprende com entusiasmo, a Lei do Ensino Industrial, em pleno vigor, brinda-o com longos comentários profissionais, permitindo-lhe o estágio no 2º Ciclo, ministrado nas Escolas Técnicas.

Que tudo seja apropriado, que esse esforço dos responsáveis máximos pelo engrandecimento da Nação seja compreendido e surjam em proporções, cada vez mais acentuadas, jovens de bôa vontade, cheios de são patriotismo que aproveitem estes meios tão generosamente oferecidos e se tornem a garantia de um Brasil maior pela indústria e pela arte, pois o técnico cada dia se constitui a esperança mais forte de nossa querida Pátria.

Manuel Cordeiro da Silva



Alunos da Escola Industrial, na estação de Alagoínhas, de retôrno a Aracajú

Manuel Messias dos Santos

— É este o nome, simples como êle mesmo, por que é conhecido o professor da Secção de Artes Gráficas, Manuel Messias dos Santos.

O complexo de atividades que desenvolve em nossa Escola define sua aptidão e prestimosidade: é o operador do nosso cinema educativo; o fotógrafo, ao alcance, em tôdas as ocasiões precisas; o eletricitista dos casos urgentes; a cabeça pensante e os membros que agem em qualquer movimento realizador.

É um apaixonado do progresso e um amigo da nossa Escola; por ela sacrifica as reduzidas horas de lazer!...

Atualmente, sem desviar-se das suas atribuições, emprega energias e capacidade para organizar a secção de eletrotécnica.

«Sergipe-Artífice» muito deve a este espírito batalhador: a êle tem dedicado a fertilidade do seu engenho e o melhor do seu esforço.

É artista e é professor!

A sua oficina está sempre em

"Sergipe Artífice"

Entre os trabalhos executados durante o primeiro semestre de 43, nesta Escola, pelos alunos que entusiastas disputam a taça do saber, no terreno das Artes da Indústria, ciosos do título, sob o tremendo honroso de "Técnicos brasileiros," ocupa lugar de realce o do curso de Tipografia, na composição desta Revista.

Sob a orientação eficiente do professor Manuel Messias dos Santos e estimulados pelo exemplo do Diretor deste educandário, o Dr. Clodoaldo Vieira Passos que, tudo faz para o mais largo desenvolvimento do ensino nesta Casa, os jovens artífices deram o melhor de suas forças para o cabal desempenho da tarefa que lhes foi entregue.

Este esforço que muito os recomenda, merece os nossos parabens, com os melhores votos de repetidas vitórias escolares, prenúncio do triunfo dos futuros técnicos que deverão concorrer amanhã para a maior grandeza do nosso Brasil.

ordem e os alunos o estimam e respeitam.

Honra ao mérito!

Ministério da Educação e Saúde
Departamento Nacional de Educação
Divisão de Ensino Industrial

Escola Industrial de Aracajú

Regime de ensino industrial — Grau secundário — assegurado a HOMENS e MULHERES o direito de ingresso ao Estabelecimento

Decreto N. 11.447 — de 23 de Janeiro de 1943 — fixando os limites da ação didática das escolas técnicas e das escolas industriais da União

Cursos de formação profissional

I ENSINO INDUSTRIAL BÁSICO:

- 1 Curso de fundição
- 2 « « serralheria
- 3 « « mecânica de máquinas
- 4 « « mecânica de automóveis
- 5 « « máquinas e instalações elétricas
- 6 « « aparelhos elétricos e telecomunicações
- 7 « « carpintaria
- 8 « « alvenarias e revestimentos
- 9 « « marcenaria
- 10 « « artes do couro
- 11 « « alfaiataria
- 12 « « corte e costura
- 13 « « tipografia e encadernação

II ENSINO de MESTRIA:

- 1 Curso de mestria de fundição
- 2 « « « « serralheria
- 3 « « « « mecânica de máquinas
- 4 « « « « mecânica de automóveis
- 5 « « « « máquinas e instalações elétricas
- 6 « « « « aparelhos elétricos e telecomunicações
- 7 « « « « carpintaria
- 8 « « « « alvenarias e revestimentos
- 9 « « « « marcenaria
- 10 « « « « artes do couro
- 11 « « « « alfaiataria
- 12 « « « « corte e costura
- 13 « « « « tipografia e encadernação

RUA LAGARTO, 952